

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO



**“HISTÓRIAS E LEITURAS DE
ALMANAQUES NO BRASIL”**

Margareth Brandini Park

**Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por
Margareth Brandini Park
e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data: / /1998**

Assinatura: _____

**Orientadora
Prof^a. Dra. Sarita Maria Affonso Moysés**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

P219h

Park, Margareth Brandini.

Histórias e leituras de almanaques no Brasil / Margareth Brandini Park. –
Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Sarita Maria Affonso Moysés.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Leitura – História. 2. Almanques brasileiros.
3. História oral. 4. Processo civilizador*. I. Moysés, Sarita Maria Affonso. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

Tese apresentada como exigência parcial para Obtenção do Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Metodologia de Ensino à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da

Profa. Dra. Sarita Maria Affonso Moysés.

Comissão Julgadora:

**Ofereço este trabalho a todos os alunos
que ficaram pelo caminho, engolidos pelo
Sistema Educacional de nosso país sendo
convencidos pelo mesmo de que eram ineptos.**

***“Ler o que nunca foi escrito. Esse ler é o mais antigo:
um ler anterior à toda linguagem, cujo objeto são
as entranhas, as estrelas, as doenças ...”***

Benjamim (apud ROUANET, 1981)

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas cujas vozes teceram este trabalho, entrevistados e leitores, meus sinceros agradecimentos.

À minha orientadora Sarita, pelo entusiasmo, pelas palavras precisas, amizade e partilha.

Ao professor Chartier, pelo contacto proporcionado com a professora Ludovica.

À professora Ludovica, pela presteza no envio de seu importante artigo.

À Maria Imaculada, pelas entrevistas realizadas em Minas Gerais.

À Edy, pela ajuda com as entrevistas no Rio Grande do Sul.

Ao Jurandir, pelas tentativas de ajuda na obtenção de almanaques.

Ao José Rui, pela pesquisa no arquivo do jornal O Estado de São Paulo.

A todos do Laboratório Catarinense, meus sinceros agradecimentos pela total disponibilidade. Em especial ao Vilberto e ao Laerte (in memoriam) que tanto acreditaram na força dos almanaques.

À Anete, Nilza, Olga, Silvia, Cecília e Ana, por gestos de apoio e amizade, fazendo com que o percurso se tornasse menos árido.

À Sandra e Percy da NKS- Sul- Promoções Publicidades & Produções Ltda, meus agradecimentos.

À Casa Granado, especialmente a Elida, do Museu da Casa Granado, pela colaboração recebida.

Ao Edwin, pela bibliografia.

Ao Sr. Weber, à Liliane e à Marly do Laboratório Kraemer, meus agradecimentos.

Aos Srs. Edir e José Roberto, pelo envio de material.

Ao amigo Ivo, por acreditar.

Ao Brod e Felipe, pela colaboração nos trabalhos de computação e impressão.

À Marisa, pela correção e ajuda nas traduções.

À minha mãe que me levou para o mundo dos livros e ao meu pai que me ensinou o amor à terra e à natureza facilitando, assim, meu ingresso na cosmogonia do almanaque.

Aos meus filhos, Kil, pelo escaneamento das figuras. Tatiane, Talita e Thais, pela digitação e sugestões. Mas, acima de tudo, por fazerem a minha vida mais feliz!

Ao Kil, meu companheiro, obrigada.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	<i>i</i>
LISTA DE QUADROS	<i>i</i>
RESUMO:	<i>ii</i>
RÉSUMÉ:	<i>iii</i>
SUMMARY:	<i>iv</i>
1. INTRODUÇÃO	<i>1</i>
2. PRÁTICAS DE LEITURA	<i>3</i>
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.	<i>9</i>
3.1. O Material.	<i>12</i>
3.1.1. Os almanaques.	<i>13</i>
3.1.2. Os leitores e suas práticas. As entrevistas.	<i>13</i>
3.1.3. Depoimentos	<i>18</i>
3.1.4. As cartas.	<i>18</i>
3.1.4.1. As cartas dos leitores do Almanaque IZA	<i>21</i>
3.2. O Contexto	<i>21</i>
3.2.1. Levantamento em museus.	<i>21</i>
3.2.2. Levantamento em Sebos.	<i>21</i>
3.2.3. Levantamento na Internet.	<i>22</i>
3.2.4. Levantamento em Arquivos.	<i>22</i>
4. OS PRIMEIROS ALMANAQUES.	<i>24</i>
4.1. O almanaque - ordenador do tempo	<i>31</i>
4.2. Os Temas no Almanaque.	<i>44</i>
4.3. O Almanaque: Formato e modelos.	<i>49</i>

5. O ALMANAQUE NO BRASIL	52
5.1. O Pharol da Medicina	57
5.2. O Almanaque IZA. Circulando há 85 anos...	61
5.3. Um Capítulo à Parte: O Almanaque Biotônico Fontoura, O Jeca e o Imaginário Nacional	85
5.4. O Almanaque de Farmácia em Santa Catarina: O Renascim Sadol.	109
6. DE PRÁTICAS E LEITURAS	147
6.1. As Práticas de Leitura Compartilhada	147
6.2. Seo Vicente e Suas Leituras	148
6.3. As Práticas de Leitura Permitidas	158
6.4. As Práticas de Leitura: Entre o texto e a natureza	162
6.5. As Práticas de Leitura do Aprender.	164
6.6. As Práticas de Leitura enciclopédicas.	165
6.7. As Práticas de Leitura de Lembranças.	166
6.8. As Práticas de Leitura de Brincadeiras.	167
6.9. As Práticas de Leitura enquanto passagem do oral para a escrita.	168
6.10. As práticas de leitura de Maria Izabel, Regina e muitos de nós... as leituras de almanaque na escola.	169
6.11. As práticas de Leitura de tantas gerações.	171
6.12. As práticas de leitura marginal.	171
6.13. As prática de leitura de narrativas: entrecruzamento da Bíblia e do Almanaque.	171
7. LEITURAS DE ALMANAQUE E UM CONCEITO DE CULTURA.	173
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
ANEXOS	191
Anexo 1. Entrevistas	191
Anexo 2. Roteiro	192

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Distribuição dos entrevistados pelos Estados.	17
FIGURA 2: Distribuição dos entrevistados quanto ao sexo.	17
FIGURA 3: Distribuição dos entrevistados quanto a faixa etária.....	17
FIGURA 4: Distribuição dos entrevistados quanto a escolaridade.....	17
FIGURA 5: Distribuição das cartas dos leitores do Almanaque Renascim Sadol por Estados	19
FIGURA 6: Estados que compõem Outros Estados na figura 5.	19
FIGURA 7: Distribuição dos leitores por profissão.....	20
FIGURA 8: Profissões que compõem Outras profissões na figura 7.....	20
FIGURA 9: detalhe de um calendário por volta do ano 25.....	30
FIGURA 10: Editorial nacional do Almanaque IZA, Ano 1939.	66
FIGURA 11: Matéria relacionada ao rendimento escolar.....	68
FIGURA 12: Matéria relacionada ao rendimento escolar.....	69
FIGURA 13: Almanaque IZA de 1949.....	69
FIGURA 14: Carta de uma leitora	79
FIGURA 15: Almanaque-Régua.....	84
FIGURA 16: A carta enigmática para o ano de 1997	126
FIGURA 17: Carta de M.....	142
LISTA DE QUADROS	

QUADRO 1: Profissões declaradas pelos entrevistados.....	17
QUADRO 2: Quadro dos almanaques publicados na atualidade.....	56
QUADRO 3: Distribuição dos almanaques Renascim Sadol.	117
QUADRO 4: Distribuição no Estado do Rio Grande do Sul	119
QUADRO 5: Distribuição no Estado de Santa Catarina.....	119
QUADRO 6: Distribuição no Estado de São Paulo	120
QUADRO 7: Percentual de leitores no Estado do Rio Grande do Sul	120
QUADRO 8: Percentual de leitores no Estado de Santa Catarina.....	121
QUADRO 9: Percentual de leitores no Estado de São Paulo	121

HISTÓRIAS E LEITURAS DE ALMANAQUES NO BRASIL

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo estudar a mudança de estatuto dos almanaques populares de farmácia e de seus leitores, recolocando-os enquanto leituras e leitores, no universo social das práticas de leituras. A busca desses suportes de leitura, as táticas e as estratégias de sua apropriação por leitores e por leitores considerados não-leitores, é revelada. O que é um almanaque? Como é a sua história? Quem lê os almanaques? Como? Por onde circulam? Que práticas de leitura constituem? O material estudado compõe-se de 4 exemplares do Almanaque Granado (RJ), 18 exemplares do Almanaque Biotônico Fontoura (SP), 44 exemplares do Almanaque IZA (RS) e a coleção completa do Almanaque Renascim Sadol (SC) somados às 246 cartas dos leitores do Almanaque Renascim Sadol para os editores, depoimentos, entrevistas e levantamentos em jornais e arquivo. O alcance e a importância dessa literatura traduz-se pela alta tiragem de exemplares, gratuidade, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição.

HISTOIRES ET LECTURES DES ALMANACHS AU BRÉSIL

RÉSUMÉ:

Ce travail a pour but d'étudier le changement du statut des almanachs populaires de pharmacie et de leurs lecteurs, en les replaçant, en tant que lectures et lecteurs, dans l'univers social des pratiques de lectures. La recherche de ces supports de lecture, les tactiques et les stratégies de son appropriation par des lecteurs et par des lecteurs jugés non-lecteurs, est dévoilée. L'almanach c'est quoi? Quelle est son histoire? Qui les lit? Comment? Par où circulent-ils? Quelles pratiques de lectures constituent-ils? Le matériel étudié comprend 4 exemplaires de l'Almanaque Granado (RJ), 18 exemplaires de l'Almanaque Biotônico Fontoura (SP), 44 exemplaires de l'Almanaque IZA (RS) et la collection complète de l'Almanaque Renascim Sadol (SC) et encore 246 lettres des lecteurs de l'Amanaque Renascim Sadol qui composent la correspondance des lecteurs avec les éditeurs, des témoignages, des interviews et d'une recherche dans les archives des journaux. La portée de cette littérature se traduit par le gros tirage d'exemplaires, par la gratuité de sa distribution, par le modèle typographique et par le vaste réseau de distribution.

HISTORIES AND REPORTS OF BRAZILIAN'S ALMANACS.

SUMMARY:

This composition aims to investigate the change of stands of popular pharmaceutical almanac and their readers, relocating them both readers and non-readers, in the social universe of reading practice. Pursuing these reading supports, the tactics and strategies for its appropriation by readers and readers considered non-readers, was revealed. What is an almanac? What is its story? Who reads it? How? Where do they are spread? Which reading practices they develop? The material studied comprehend 4 issues of Almanaque Granado (RJ), 18 issues of Almanaque Biotônico Fontoura (SP), 44 issues of Almanaque IZA (RS) and the complete collection of Almanaque Renascim Sadol (SC) with 246 Almanaque Renascim Sadol readers' letters sent to editors, statements, interviews and research on newspapers and archives. The large number of copies, gratuity, typographic model and wide distribution net renders the extension and relevance of this literature.

HISTÓRIAS E LEITURAS DE ALMANAQUES NO BRASIL

1. INTRODUÇÃO

Os dados que obtive durante pesquisas com leitura apontavam, em sua maioria, para um universo de práticas não institucionais, desconhecidas para mim. Mas, vez ou outra, essas afloravam nas conversas sobre as leituras institucionais de muitos leitores. A primeira questão foi: existiam essas leituras? Existiam de forma a serem percebidas, delineadas em suas táticas e estratégias, segundo Certeau? Essas leituras existiam sim, permeavam relações e mais - ofereciam outras perguntas e respostas. Eram variadas e distantes dos cânones estabelecidos, mas claras e definidas.

Das conversas com minha orientadora afloraram questões e decisões. Primeiro a de se aproximar da grande maioria de leitores anônimos que se relacionam em seu cotidiano com materiais impressos e que, certamente, com grande ou pequeno grau de alfabetização, estabelecem/desenvolvem essas estratégias e táticas para uma possível apropriação desses escritos.

O presente trabalho revela a busca desses suportes de leitura e dos seus leitores não leitores e, por isso, anônimos, com suas leituras consideradas desqualificadas...

O que lêem? Como lêem? Onde estão tais leitores? Onde se situam os suportes de suas leituras?

Em um primeiro momento, busquei algo popular. Popularíssimo. De grande circulação. De preferência, um material distribuído gratuitamente.

Retomei a minha história, a da família, de amigos, pais de amigos. Entre dez pessoas, oito haviam lido, liam, conheciam, lembravam-se dos almanaques, desses almanaques que fizeram parte de infâncias, adolescências, juventudes, velhices. Fizeram parte de vidas num cotidiano cíclico, repetitivo. Lidos em voz baixa, em voz alta, conselheiros, divertidos. Necessários.

Almanaques. De tantos tempos. Renovados pelo olhar que dialoga com um texto perpetuado. Assim como nos calendários, trazem principalmente a marca dos tempos, numa repetição que nunca é a mesma pois o tempo da leitura tudo modifica. Até o leitor.

2. PRÁTICAS DE LEITURA

NORBERT ELIAS (1990) ao iniciar a escrita do livro **O processo civilizador**, volume I, discorre sobre a criação e a evolução da palavra "civilité" à civilização. Seu intuito é o de dar a conhecer que o aparecimento, mais ou menos súbito da palavra nas diversas línguas, quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo, sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração.

Concordando com essa hipótese de ELIAS (1990), penso ser de extrema valia, antes de me reportar à cultura popular, passar pelos termos popularidade e povo discutidos por BOLLÈME (1986).

Falar do popular, refletir sobre seu significado é estranhar e constatar uma anomalia. Atualmente há a tendência de empregar a palavra popular, com muito mais frequência que a palavra povo, à que se refere, como se houvesse uma vontade de negligenciar uma evidência gramatical, pois o adjetivo popular provém de povo em dependência direta.

Povo. Só em discursos oficiais.

Popular, como adjetivo, qualifica uma grande quantidade de coisas que são concernentes ou pertencentes ao povo. O adjetivo é melhor aceito que o nome. Seria a passagem de um termo "antigo" para um que parece "novo"? Se popular atenua uma dimensão política, ele não a suprime totalmente.

Através da história já houve vários debates. As palavras povo e popular têm uso político, fabricadas na política, na Ciência e de consciência política, sendo, portanto, termos que mobilizam, que não podem ser usados inocentemente.

Palavras perigosas. Perigosas pela ambiguidade de suas definições e utilizações. São instrumentos a serviço de intriga e de usurpação.

Qual é o perigo? O perigo da ambiguidade do conceito. É um conceito divisório e sua utilização necessita de crítica prévia.

Segundo ROGER CHARTIER (1994), em seu artigo “**Cultura popular - retorno a um conceito historiográfico**”, a cultura popular é um conceito culto. É passível de dois modelos de descrição-interpretação. De um lado, pode ser assumida como um sistema simbólico, coerente e autônomo que funciona segundo uma lógica absolutamente estranha e irreduzível àquelas da cultura literária. Ou seja, um mundo à parte. Poder-se ia dizer às margens? Por outro lado, a cultura popular pode ser vista em suas dependências e carências em relação à cultura das classes dominantes. O universo da carência. O que lhe falta em relação a.

Decorrente da proposta acima tem-se o fundamento de todos os modelos cronológicos. Idades do Ouro, com o apogeu da cultura popular. E Idades da Censura que desqualificam a mesma.

Historicamente, no século XIII, há uma reordenação de proposições teológicas, científicas e filosóficas, que irão forjar uma separação do erudito versus popular. Popular que passa a ser visto como folclore. Não mais conhecimento. Histórias curiosas. Saliento que, em 1500, a cultura popular era a de todo mundo. Será em 1800 que a cultura dita popular fica relegada aos estratos sociais mais baixos da população. A utilização dos modelos cronológicos intercalados deve ser uma prática cuidadosa, pois muitas oposições ocorrem também, em épocas diferentes.

Segundo CHARTIER (1990), em maio de 1794, quando Gregório apresenta perante a convenção o relatório da sua pesquisa, os almanaques já aparecem na lista como obras encontradas nas casas das pessoas em determinadas regiões da França.

"...qualquer um desses maus almanaques". Quanto às suas práticas de leituras, relata "Eles têm a mania de pegar vinte vezes nessas misérias, e, quando falam delas (o que fazem muito naturalmente), recitam, por assim dizer, palavra a palavra, os seus pequenos livros".

Já em 1794, se fala de um tipo de leitura, leitura pêga e repetida, uma releitura que acaba fazendo com que se conheça, de cor ou quase, estes textos que se transformavam em recitação. Como objetos de ler e constituindo leituras e leitores, se insere no assim chamado mundo da cultura popular. Seria, então, o almanaque um produto popular? Seria a sua leitura menor por ser popular?

Para CHARTIER (1994), o verdadeiro problema não estaria em identificar as desapareições momentâneas de cada época da cultura popular, mas considerar, para cada época, a complexidade das relações estabelecidas entre as formas impostas e as identidades populares objetivas. Ou seja, como as práticas populares foram expressas e como usaram de inovações.

Seriam pois tão distantes a cultura legítima-erudita e a desqualificada-popular?

Segundo David Hall, citado por CHARTIER (1994), não; pois a cultura comercial de massa dos signos e valores da legitimação cultural manteve intercâmbios entre a cultura literária e a popular.

Em relação ao almanaque, nas aldeias, no século XVI, reflete NATALIE G. DAVIS (1990): "... de fato, ao ler as diferentes edições do século XVI do "Calendrier des Bergers", às vezes me perguntava até que ponto os compiladores e editores contemporâneos o destinavam a um público camponês. Eles parecem uma mistura de registro folclórico e pastoral, um visão arrumada do mundo camponês para os cavalheiros rurais e as pessoas urbanas, oferecendo-lhes a possibilidade de se identificar com a sabedoria simples do "grande pastor das montanhas" ...

Definidas por contrastes. Retrutada pelo que não é. A cultura popular.

A importância pois, se situa então nas apropriações efetivas. Nas práticas.

Michel de Certeau, citado por CHARTIER (1990), ao falar sobre as apropriações, enfatiza as estratégias e as táticas. Estratégias que supõem lugares e instituições que produzem objetos, normas, modelos, que acumulam e capitalizam. Táticas, desprovidas de lugar próprio, que não se prendem a um tempo e a um espaço institucionais ou determinados, localizam-se em um espaço e um tempo de acordo com o leitor. São as maneiras de fazer, de se definir leitura e práticas de leitura.

“Mas o sentido produzido nas práticas de leitura é possivelmente estranho àquele que propuseram seus produtores. A produção de sentido nas práticas é astuta, dispersa, insinuante e quase invisível, já que não se assinala mediante produtos próprios, senão nas formas de empregar os produtos que lhe são impostos.

Gostemos ou não, a cultura popular se designa autônoma como as culturas "apartadas" e por sua vez situa-se simetricamente em relação à cultura dominante com a qual se emparelha.” (CHARTIER, 1990)

O produto não muda, porém é sua apropriação que se modifica constantemente, como no uso dos Provérbios.

O uso dos provérbios populares no século XVI na França demonstra a apropriação diferenciada dos homens cultos e da dos camponeses. Tanto os advogados e os escritores como os artesãos e os camponeses sentiam-se atraídos pela forma e densidade dos provérbios que portavam uma grande capacidade de persuasão em pequenos textos.

No cotidiano do camponês analfabeto os provérbios eram necessários enquanto que para os “educados” representavam apenas um recurso a mais a ser ou não utilizado no seu mundo letrado.

O camponês memorizava-os, aprendendo-os de ouvido no “fazer” da aldeia.

Os “educados” os aprendiam na infância, com a leitura, na escola e fora dela, somando-se a eles os ditados estrangeiros num processo decorativo.

Para os aldeões: “...o significado de qualquer provérbio podia variar conforme a situação na qual era empregado e conforme a condição do ouvinte e do falante...” (DAVIS, 1990)

Neste sentido, entendo que não poderíamos assumir a leitura do material denominado de “collportage”, obras da Bibliothèque Bleue, francesa, dos chappbooks ingleses ou dos pliegos castelhanos ou catalães como sendo um retrato da mentalidade ou da visão do mundo dos leitores populares. Isto porque este repertório é composto de fragmentos de outras épocas, de tradições múltiplas. São texto de origem literária que atraem pela nova maneira de serem colocados.

Ao pensar nos textos ambulantes como retrato de uma mentalidade popular, podemos cometer um equívoco pois o sucesso não está vinculado somente à temática literária.

Assim, voltamos à necessidade de rastrear históricos de usos-leituras, pensando sempre na literatura popular de Collportage. Não se pode dizer simplesmente que ela anexa textos. Ela adapta textos e nele cria marcações para facilitar a sua leitura, como por exemplo, a produção da Bibliothèque Bleue, que adaptava os seus textos para o “ público popular”, resume, reordena capítulos, muitas vezes mutilando os textos que só fariam sentido de acordo com o tipo de leitura do público, com a sua expectativa de leitura e, enfim, de sua própria constituição enquanto público-leitor.

Por outro lado, as receitas de medicina de “L'Eschole de Salerne” que publicou mais de trezentas edições, de 1474 a 1846 e que serve de base a toda literatura médica na Renascença e em períodos posteriores, alimenta-se de textos populares que propoem meios de conservar a saúde.

Se o campo da leitura é bastante abrangente, a literatura popular não só é difícil de definir, como também apresenta-se como um campo ambíguo e perigoso. Muito mais em um século somente. Ela possui uma natureza pluri-secular. É um patrimônio que pertence a todos os homens, que revela as estruturas afetivas e imaginárias, coletivas. BOLLÈME (1986).

Nesse sentido, o de tentar delinear um pouco melhor esse tipo de leitura, busquei desenvolver o presente trabalho com leitura/leitores de almanaques considerados populares.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

O percurso, um desafio para o alinhavo dos aparentes desconectados fios...

Para desenvolver esse trabalho diria que percorri os caminhos da oralidade e, através do movimento da oralidade para a escrita, cheguei aos almanaques. A trajetória foi do oral para o escrito e não do escrito para o oral, como a maior parte dos estudos sobre leitura. Foi do oral, de leituras oralizadas que comecei.

De leituras apoiadas nas escritas dos livros que eram lidos em voz alta em casa ou na igreja, perpetuados, repetidos, memorizados:

São textos "... reconhecidos mais que lidos... Essa leitura intensa produz a eficácia do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar. Uma relação atenta e diferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu." (HÉBRARD, 1996).

Os Almanques de Laboratórios.

Cheguei neles pelas inúmeras falas/memória. Percorri farmácias nas tentativas de buscá-los. Para conversar sobre eles, fiz várias visitas a farmacêuticos antigos da região. Perguntava sobre os Almanques. Era uma conversa informal onde me interessavam as pistas sobre as edições atuais e o interesse demonstrado pelos clientes neste tipo de publicação. Foi através dessas conversas que obtive a informação de que o Laboratório Catarinense ainda editava seu Almanaque. Houve grande consenso dos farmacêuticos em afirmar o interesse dos clientes, que, no final e início do ano, procuravam a publicação nas farmácias.

O desafio foi o de rastrear os elementos deste universo. Não desconhecia a dificuldade da busca de tal material uma vez que estes almanaques são feitos normalmente de papel inferior, muito manipulado e, portanto, de difícil conservação.

Foi ao entrar em contato com o Departamento de Marketing do Laboratório Catarinense, que comecei este trabalho sobre a leitura dos Almanques de farmácia.

Neste ponto, começando o trabalho pela busca do material, esboço a tentativa de junção de fragmentos que poderão resultar numa parte da história de materiais de leitura, de mudanças tipográficas que marcam tempos culturais definidos, da relação desses materiais com seus leitores.

Foi um trabalho de verdadeira garimpagem. Procuramos juntos, pesquisadora e “pesquisado”, reconstruir essa história.

Inicialmente montando coleções através da busca de colecionadores.

A nossa pesquisa passou a ser parte da própria história do almanque, como podemos constatar no editorial da 50ª edição do Laboratório Catarinense:

“O importante papel que o Almanque Sadol Renascim vem desempenhando na vida de milhões de brasileiros, também está sendo resgatado através de uma pesquisa da professora Margareth... Como este trabalho, que é tema de doutorado na Unicamp, ainda não terminou, certamente muitas descobertas sobre o Almanque ainda estão por vir.”

Durante o processo, uma questão de fundamental importância surgiu para um dos diretores da empresa:

“Num tempo absoluto de Imagem, de TV, o que faz com que as pessoas se envolvam com um Almanque que representa uma certa antigüidade na forma? Não dá para entender o que faz as pessoas estabelecerem este laço tão profundo...”

Munida de argumentos sobre suas características desde a Europa do século XV, podemos discorrer:

Ele é atemporal, seus assuntos, embora com enfoques diversos de acordo com a época, perpassam aqueles de fundamental importância para a vida cotidiana das pessoas. Repetem velhos temas: saúde, receitas, conselhos.

No seu definir: é prazeroso e é útil, marca um determinado espaço das relação dos indivíduos com o seu ritual diário. Aliado ao momento específico que chega às mãos, as festividades de final de ano com todo seu valor simbólico, facilmente verificada no teor afetivo das cartas dos leitores.

Outro ponto é a diferente relação entre material escrito/leitor e TV/espectador que o leitor Douglas exemplifica:

“A TV faz propaganda, mas é diferente. A marca é muito maior naquilo que você via sempre. Sempre estava ali. Ensina e você aprende para a vida. A TV passa, o escrito fica.

Por que não fazer uma história do Jeca para vacina, ia pegar muito mais que a campanha na TV. Não importa muito a campanha. O almanaque fez a cabeça da gente. Toda vez que eu penso em um fortificante, penso naquele.” (Douglas, 48 anos).

A escassez de material escrito é uma de suas características. Para muitos entrevistados os Almanques e a Bíblia eram os únicos impressos que possuíam.

Mais complexo e delicado foi colocar a questão da própria composição tipográfica que assume determinada forma visando guiar o leitor de pouco contato com a escrita. Estabelecendo uma leitura que se pauta menos pela decodificação que por relações texto-imagem. Complexo porque ao ser elaborado, o Almanaque é visto basicamente como um merchandising farmacêutico, como propaganda.

Porém, material impresso, nas mãos do leitor, torna-se “objeto da caça furtiva” nos dizeres de Certeau.

De consumidores idealizados tornam-se leitores com uma plenitude normalmente não reconhecida.

As pessoas do Laboratório Catarinense transformaram-se em parceiros/facilitadores, neste trabalho. Entrevistas realizadas em suas dependências assim como almanques e cartas originais de leitores possibilitaram a reconstituição histórica do Almanaque Renascim Sadol.

Pessoas que leram o editorial do Almanaque Renascim Sadol - 50 anos remeteram almanaques para minha residência visando colaborar com o estudo de uma prática de leitura que, segundo elas, faz parte da “cara do Brasil”.

Do Rio Grande do Sul, após contatos estabelecidos com leitores, chegou às minhas mãos um exemplar do Almanaque IZA do Laboratório Kraemer que começa a circular em 1914, escrito em alemão/português e que circula até a presente data. Através de contatos com a diretoria e funcionários estabelecemos uma parceria que resultou em exemplares originais das décadas de 10, 20, 30, 40, além de fornecimento de dados e cartas de leitores.

Com o tempo e a busca, pudemos obter um material que representava uma parte da história do almanaque no Brasil.

Pela importância histórica a abordagem do Almanaque Biotônico Fontoura foi se fazendo imprescindível, porém as tentativas de colaboração por parte da Empresa resultaram infrutíferas. A exceção ficou por conta de um funcionário aposentado que colaborou com material pessoal, segundo ele, penalizado com minhas inúmeras tentativas. Percalços...

O caminho escolhido para traçar a história do Almanaque do Biotônico Fontoura foi o Arquivo do Jornal do Estado de São Paulo, através de reportagens publicadas sobre almanaques, Monteiro Lobato, Jeca Tatu e Cândido Fontoura, desde 1914 até a década de 80.

3.1. O Material.

O material levantado para a pesquisa... os fios da rede.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir do seguinte material coletado.

3.1.1. Os almanaques.

- 4 Almanques do Laboratório Granado, sendo 2 do século passado, respectivamente, 1892 e 1893, um da década de 20 e um da década de 40.

-18 exemplares do Almanque Biotônico Fontoura editado pelo Laboratório Fontoura Wyeth, de São Paulo (década de 20 a década de 80).

-44 exemplares do Almanque IZA editado pelo Laboratório Kraemer de Porto Alegre - Rio Grande do Sul.

-Coleção completa do Almanque Renascim Sadol (53 exemplares), do Laboratório Catarinense - Santa Catarina, do ano de 1946 a 1998.

3.1.2. Os leitores e suas práticas. As entrevistas.

Rastreio pessoas (anexo 1) que carregam com elas a memória deste tempo que pode ser reapresentado. Busco relatos orais como fontes de referência.

O porquê do uso das entrevistas. Com a escolha deste procedimento, que, ao contar reinventam suas práticas no trabalho com a memória, subvertem-se as vozes. Lê-se o que se leu. O objeto de pesquisa/escrita desprende-se do objeto de pesquisa/leitura. Lê-se o lido e não mais o escrito.

Com as entrevistas (anexo 2) sobre as práticas de leituras - o objeto da pesquisa pôde se delinear.

Levada pelos pressupostos a confirmar e por um desejo de escancarar práticas marginais que à luz das reflexões produzidas fossem redimensionadas, sabia que isso só seria possível metodologicamente se leitura e escrita, enquanto objetos de pesquisa, se definissem.

A entre-vista possibilita não só a recolha de depoimentos como um envolvimento que produz reflexões, as mais variadas, advindas da relação estabelecida. As vidas, ao serem desfiadas pelo trabalho com a memória, trazem a emoção que contagia, a leitura compartilha o lido.

A construção desse espaço de relação deu-se muitas vezes a duras penas. Muitos momentos não compreendidos se clarearam somente no percurso do trabalho, com tentativas de apreensão daquelas vozes que foram meu fio de Ariadne.

As entrevistas realizadas nos vários estados foram possíveis graças à colaboração de amigos e parentes. Elas possibilitaram a partilha de histórias de vida, brincadeiras de infância, dificuldades diante dos membros da família que se foram... Dos próprios nomes, saídos dos almanaques. Inevitavelmente terminavam agradecendo por alguém estar interessado nessas leituras que fizeram parte de suas vidas.

Seo Vicente

Um dos entrevistados, Seo Vicente, filho de ex-escrava, representou-se emblemático. Durante os nossos encontros ele me chamava de sinhá, termo que me incomodava profundamente. Fiz inúmeras tentativas de aproximação com o intuito de abolir o termo mas acabei constatando que essa era uma situação dada. A marca de espaços intransponíveis. Muito poderia passar o acontecer, ele sempre seria um negro, filho de ex - escrava, e eu, uma branca, ariana nos traços. Somente após aceitar essa marca que nos unia e separava na história, é que pudemos prosseguir.

Como afirma PORTELLI (1997): “Devemos, não obstante, fazer um esforço para criar um ambiente em que as pessoas tenham condições de estabelecer os próprios limites e de tomar as próprias decisões a esse respeito. Não o conseguiremos ignorando as diferenças que nos tornam desiguais, nem paternalística (e desonestamente) simulando uma igualdade que inexistente. Em vez disso, devemos deitar por terra a diferença, encará-la menos como uma distorção da comunicação do que como a própria base desta e situar a conversa no contexto da luta e do trabalho, com o intuito de criar igualdade.”

As entrevistas, neste trabalho, não foram utilizadas com o objetivo de ilustrar os enunciados, a idéia é de que elas encarnariam os enunciados...

Os suportes de memória. O ritual. Ainda Seo Vicente.

Ao começar cada conversa (foram quatro encontros, decididos dessa forma pela idade do depoente, pelo grande número de informações que trazia, pela prodigiosa memória) ele pedia para a esposa uma caixinha, um porta - jóias, que lhe havia sido presenteado pela família com a qual convivera muito tempo, enquanto pajem de seus filhos. Sem ela por perto, não havia conversa. Em nenhum momento ele retirou de lá qualquer objeto. O porta - jóias guardava as jóias de sua memória e estava ali para afirmar a plena veracidade delas. Aconteceram...

Eu achava estranho no começo e esperava que, de repente, pudesse sair dali alguma foto ou documento... ignorância. O próprio porta - jóia era o documento que ligava Seo Vicente à Casa Grande. Era a prova de que ele transitou entre os dois mundos, da oralidade da senzala à escrita da Casa Grande.

BOSI (1997) ao trabalhar com as fotografias e os idosos demonstra a função delas enquanto suporte de memória. Ao vê-las, os olhos iniciam uma viagem no tempo reconstruído. Assim o porta - jóias para Seo Vicente.

Dona Amélia

A entrevista de Dona Amélia resultou, entre outros, em um pequeno texto apresentado em uma mesa redonda que falava dos leitores desconhecidos da escola. Leitora alfabetizada fora da escola, lia a Bíblia, fotonovelas e almanaques. Difícil não relembrar minhas leituras diante de fotonovelas, olhando os desenhos e tentando decifrar os escritos...

Após escrever suas falas e levá-las de volta para ela, surpreendi-me com o seu descaso pelo escrito:

“Me conta o que está aí, não quero que leia!”

A busca do diálogo das relações partilhadas na oralidade. A sacralidade da escrita havia me corrompido e neste momento pude redimensioná-la.

Dona Alice

Dona Alice imprime, ao ritmo do trabalho doméstico, as fases da lua. Apropria-se delas para o seu cotidiano, assim como os homens que as utilizam para o plantio. Seu crochê e seu tricô começam e terminam mais lentamente ou mais rapidamente de acordo com as marcas lunares.

Impossível, diante das pessoas entrevistadas que remexiam suas vidas nos guardados mentais ficar impassível. Nossas lembranças - histórias, nos invadem e ao questioná-las, nos questionamos.

Como não me contagiar, diante desta apropriação, mulher que sou, e como disse WOOLF (1928), escrevendo na mesa repleta de migalhas, por onde passaram os filhos?

Entrevistei pessoas, me questionei, me refiz em muitos momentos, assim como os entrevistados.

“Os participantes deixam de ser indivíduos para estabelecer um início de história, com todas as emoções que esse momento pode suscitar em indivíduos. Esse ver, entrever, interver, é um ver que fala - ele é um elemento da fala.” (LE VEN et al., 1997).

Uma vez que o presente trabalho aborda um histórico de almanaques de vários estados mostrou-se necessária a realização das entrevistas também em vários estados. As dificuldades foram encaradas com a ajuda de parentes e amigos que se dispuseram a realizá-las nos lugares onde eu encontrava maiores empecilhos. A variedade de lugares comprometeu bastante o fator tempo, pois inúmeras vezes os planejamentos ficaram comprometidos.

As entrevistas foram realizadas com os leitores de almanaques de farmácia de 5 Estados (figura 1).

FIGURA 1: Distribuição dos entrevistados pelos Estados.

Quanto ao sexo, figura 2:

FIGURA 2: Distribuição dos entrevistados quanto ao sexo.

Quanto a faixa etária, figura 3:

FIGURA 3: Distribuição dos entrevistados quanto a faixa etária.

Quanto a escolaridade, figura 4:

FIGURA 4: Distribuição dos entrevistados quanto a escolaridade.

As profissões declaradas pelos entrevistados estão no quadro 1:

QUADRO 1: Profissões declaradas pelos entrevistados

PROFISSÕES	PROFISSÕES	PROFISSÕES
Professora	policial militar	ortodontista
Dona-de-casa	funcionária de cantina	metalúrgico
Doméstica	pedagoga	caldeireiro
Mestre-de-obras	enfermeira	agricultor
Funcionária de firma aposentada	auxiliar de serviços gerais	operário de indústria aposentado

3.1.3. Depoimentos

Para colher os depoimentos do Sr. Osvaldo Silva Filho, diretor do Laboratório Catarinense, do Sr. Laerte Batista de Souza (in memorian), do Sr. Percy Negreiros, da Sr. Sandra Tanner e do Sr. Wilberto, todos vinculados ao Almanaque Renascim Sadol, viajei para Joinville - Santa Catarina.

- Os depoimentos do Sr. Jesoar Teja Weber, um dos diretores do Laboratório Kraemer e das Srs. Liliane Regina Weber e Marly E. P. Muniz, todos vinculados ao Almanaque IZA, foram colhidos por telefone e complementados por informações escritas.

3.1.4. As cartas.

O número total de cartas dos leitores do Almanaque Renascim Sadol para seus editores é 246, sendo 156 de leitores masculinos e 90 de leitoras. Do total de leitores, 15 escrevem duas vezes e 2 três vezes.

As correspondências encontram-se distribuídas pelos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994. Nem todas as cartas recebidas eram arquivadas pelas pessoas que elaboravam o Almanaque, havia uma seleção prévia. As que continham sugestões interessantes para a publicação, assim como as que pediam exemplares eram selecionadas.

A leitura das cartas originais dos leitores do Almanaque Renascim Sadol aos seus editores causou um misto de deslumbramento e intromissão. Leitores desnudando-se e sendo “interceptados” num ato de pesquisa - voyeurismo...

O fichamento das cartas foi elaborado tendo em vista os seguintes itens:

- Nome do remetente
- Idade
- Procedência da carta (cidade-Estado)
- Escolaridade
- Sexo
- Referências religiosas
- Referências ao uso dos medicamentos do laboratório
- data da carta
- Destinatários identificados
- Motivos que levaram à escrita da carta

É importante ressaltar que as cartas, muitas vezes, não contemplavam todos os itens estabelecidos acima.

As Cartas dos Leitores, por Estado, do Almanaque Renascim Sadol estão mostradas nas figuras 5 e 6.

FIGURA 5: Distribuição das cartas dos leitores do Almanaque Renascim Sadol por Estados

FIGURA 6: Estados que compõem Outros Estados na figura 5.

As Cartas dos Leitores, por profissão, do Almanaque Renascim Sadol estão mostradas na figura 7 e 8.

FIGURA 7: Distribuição dos leitores por profissão

FIGURA 8: Profissões que compõem Outras profissões na figura 7.

3.1.4.1. As cartas dos leitores do Almanaque IZA

O número total de cartas dos leitores do Almanaque Iza para seus editores foi 8, estas cartas não traziam muitas informações sobre os seus remetentes.

3.2. O Contexto

3.2.1. Levantamento em museus.

Pela importância histórica do material, pensei no início, que o laboratório Fontoura, atual Medicamenta, pudesse ter um museu interno ou um acervo considerável sobre o almanaque Biotônico Fontoura. As tentativas desse contato foram inócuas e, se eles possuem acervo, este não é acessível aos pesquisadores.

O único almanaque encontrado em museu foi o do Laboratório Granado. Viajei para o Rio de Janeiro e visitei as obras do futuro museu da Casa Granado. Não só consegui xerox de exemplares como vivenciei a atmosfera das antigas boticas do país.

3.2.2. Levantamento em Sebos.

Em Barão Geraldo (sub-distrito de Campinas) pesquisei nos sebos Valise de Cronópio e Sebo do Barão.

Em Campinas, nos sebos, Sebo e Lojão, Livraria Casa Livros Usados, O Livrão e Iluminações Livraria.

Nos sebos percorridos encontramos apenas um exemplar do Jeca Tatuzinho.

Os atendentes informavam que, em algumas ocasiões, chegaram a ter exemplares de almanaque de farmácia, mas que, normalmente, as pessoas os perdem, porque seu papel é muito comum, difícil de conservar.

3.2.3. Levantamento na Internet.

Uma garimpagem, em rede das livrarias de livros raros, levou-me à Thomas Fisher Rare Book Library da Universidade de Toronto, Canadá. A moderna tecnologia facilitou o acesso a uma verdadeira preciosidade, uma fotocopia do “Compost et Kalendrier des bergeres” editado em Paris no ano de 1499, almanaque que serviu de modelo para muitos outros na Europa.

3.2.4. Levantamento em Arquivos.

As negativas de colaboração por parte do Laboratório Medicamenta foram um desafio para a reconstituição do histórico do almanaque Biotônico Fontoura.

Fiz um levantamento no arquivo do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, envolvendo matérias sobre o almanaque Biotônico Fontoura, Monteiro Lobato, Jeca Tatu e Cândido Fontoura, desde a década de 10 até a década de 80.

O volume coletado resultou em um gasto pesado para um trabalho realizado sem subsídio de bolsa o que leva a pensar que o uso deste arquivo se encontra vinculado a gastos nem sempre permitidos aos pesquisadores.

Os materiais obtidos no arquivo foram catalogados da seguinte maneira:

- Assuntos relacionados ao Laboratório Fontoura
- Assuntos relacionados a Cândido Fontoura
- Assuntos relacionados a Almanques
- Assuntos relacionados ao Almanaque Biotônico Fontoura
- Assuntos relacionados a Monteiro Lobato
- Assuntos relacionados ao Jeca Tatu

A riqueza do material coletado provoca e evoca histórias. A dos leitores, desconsiderados como tais e a dos almanaques de farmácia no Brasil, considerados marginais.

Fui à pesquisa sabendo que:

“A pesquisa. Intercâmbios, leituras e confrontos que formam as suas condições de possibilidade. Cada estudo particular é um espelho de 100 faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram). Não quero nele, esquecer o trabalho coletivo no qual se inscreve, não pretendo delegar-me o título de autora, para não isolar sujeitos/objetos, reduzir-me à abstrações.

A marca de minha cientificidade estaria mais na explicitação das condições e regras da produção da pesquisa (ou do objeto/relações) que de oposições abstratas sujeito-objeto.” (CERTEAU, 1990).

“Bricolage... O trabalho de bricoler. Jogar... obliquar...tergivesar, ir lá e cá...”

4. OS PRIMEIROS ALMANAQUES.

Ao elaborar este trabalho, estudando os almanaques, talvez o que me tenha mais chamado atenção é que todos eles, sem exceção, desde os mais antigos até os atuais apresentam um só tipo de organização. Esta organização está sempre relacionada ao tempo, à lua, ao mês, podendo estar vinculada ao horóscopo, aos signos, aos caledários agrícolas ou não. Em outras palavras o que pretendo assumir como hipótese aqui é que o calendário representa a ligação estabelecida entre o homem e sua organização de espaço e tempo.

Através da ordem, dos números, do cômputo, ou melhor, do tempo ordenado, o homem se organiza também no seu espaço. Essa relação, para mim, se fundamenta e se solidifica no almanaque, como expressão do homem, de sua vida e de sua luta através dos tempos.

Essa hipótese foi construída quando me deparei com a representação do homem temporal que aparece no Almanaque Sadol de número 50, na contra-capá. O círculo da vida, reproduzido abaixo (figura 9):

O círculo representa um relógio, com ponteiros e números. O controle de um outro tempo, mensurável, da sociedade moderna. Contrapondo-se à infância/puerilidade, juventude/adolescência, velhice/senilidade aparecem os tópicos: Berço, brincando, a escola, esporte, o casamento, na luta da vida, o filho, a doença, trabalho e velhice. O trabalho aparece duas vezes, no tópico: luta diária e trabalho e no tópico velhice.

Lembramos que na década de 50, durante o governo Getúlio Vargas, o trabalho aparece muito valorizado, daí sua ênfase no ciclo da vida, expulsando da última casa a morte, que aparecia em antigos calendários, caricata. Expulsa-se e teme-se.

Não mais as artes do bem morrer mas o prolongamento da velhice é que começará a ser problematizado como veremos no Almanaque Sadol-51 (para o ano de 1996) que abordará tematicamente a longevidade.

ARIÈS (1981), ao falar sobre as Idades da Vida, aborda como que a idade, tão delimitada e exata como a conhecemos hoje, foi um conceito construído socialmente ao longo dos séculos XVI, XVII.

“...Para o homem de outrora, ao contrário, a vida era a continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas essas idades naquelas épocas de grande mortalidade...”

A Idade, algo pessoal e preciso, ainda não conseguia fazer sombra e muito menos apagar a antiga e obscura relação com o tempo.”

Ao invés de uma idade cronológica, individual, o que predominava era o cômputo temporal traduzido nas Idades da Vida. Estas idades apareciam nos tratados pseudocientíficos da Idade Média, uma ciência anterior à Ciência.

As “Idades”, “Idades da Vida” ou “Idades do Homem” estavam vinculadas, para os nossos ancestrais, às noções positivas e usuais que passaram do domínio da Ciência para a do cotidiano.

Na obra **Le Grand Propriétaire de Toutes Choses**, de Barthélemy de Glauville, citada por ARIÈS (1981), uma enciclopédia de concepção não analítica, constata-se que a unidade essencial da natureza é Deus.

Nesse livro estavam presentes a física, a metafísica, a história natural, a fisiologia, a anatomia humana, um tratado de medicina e higiene, astronomia e astrologia além de receitas práticas. A idéia presente nele e popularizada é a da unidade fundamental da natureza. De uma solidariedade/união entre o natural e o sobrenatural, idéia advinda do paganismo.

A figura abaixo (figura 10) ilustra as afirmações.

Assumindo a ordem do mundo como autônoma e determinista, caberia ao homem estudar as relações existentes. Qualquer ruptura seria o

caos e a fuga só parece possível através da magia ou do milagre. A mesma lei que rege o movimento dos planetas, o ciclo vegetativo das estações, as relações entre os elementos, o corpo humano e seus humores rege o destino humano.

Segundo Hipócrates (apud ROOB,1997), o pai da medicina, o estado geral do organismo depende do equilíbrio dos quatro elementos que formam o corpo, ar, terra, água e fogo...

“Os números surgem unidos ao simbolismo podendo ser uma das chaves para essa solidariedade profunda. O número acaba sendo familiar por encontrar-se ao mesmo tempo nas especulações religiosas, nas descrições da física, da história natural e as práticas mágicas. Como exemplo, temos o número 4, número dos elementos, estações e temperamentos do homem. Os elementos, os temperamentos, os planetas e seu sentido astrológico assim como o simbolismo do número haviam se tornado familiares, públicos. Assim sendo, as idades da vida aparecem como uma das formas de conceber a biologia humana com o internatural. Além disso, as idades da vida correspondem também às funções sociais dos indivíduos.” (ARIÈS, 1981)

Os degraus da vida, uma representação em imagens colocadas nas paredes, junto dos calendários, traziam:

- a idade dos brinquedos,
- a idade da escola,
- a idade do amor ou esportes da Corte e da Cavalaria,
- a idade das festas e da corte do amor,
- a idade da guerra e cavalaria e
- as idades sedentárias, nas quais deveria prevalecer os estudos da Ciência e das leis.

Em latim temos 7 idades, tantas quanto os planetas. No francês, 3, “Enfance, Jeunesse et Vieillesse”.

Um ciclo de correspondência sideral inspira a periodização ligada aos 12 signos do zodíaco, relacionando as idades da vida com as cenas do calendário.

Transcrevo o poema do século XIV que foi reimpresso várias vezes nos séculos XV e XVI, da obra de Ariès, que discorre sobre o calendário das idades.

*“ Os seis primeiros anos que o homem vive no mundo
a janeiro com razão os comparamos,
pois nesse mês nem força nem virtude abundam,
não mais do que quando uma criança tem seis anos.
Os outros seis anos fazem-na crescer...
Assim também faz fevereiro todos os anos
o qual, enfim, conduz à primavera...
E quando a pessoa faz 18 anos,
ela se modifica de tal forma
que pensa valer mil pedaços
Assim também o mês de março
Se transforma em beleza e readquire calor...
No mês que vem depois de setembro
e que chamamos de outubro,
a pessoa tem 60 anos e não mais.
Então ela se torna velha e encarquilhada,
e se lembra de que o tempo a leva a morrer.”*

O objetivo, voltando às idades da vida, colocadas por ARIÉS (1981) é chegar ao calendário e dele partir para o almanaque. Embora sua publicação seja datada de 1500, essa “leitura de mundo” ultrapassa e muito essa cronologia. O almanaque pode ter sido no início, como ordenação, o “estender” de um calendário que já não comportava mais tudo o que queria dizer.

O homem busca ordenar o mundo, repetindo e reproduzindo, miticamente, a história da criação do Mundo. O seu eixo é o tempo que determina a ordem natural do universo e das coisas.

O tempo da criação do mundo representa “calendas”, o tempo do calendário, que marca o ritmo da vida.

No calendário estaria a origem do almanaque, sendo que o termo almanaque tem sido utilizado muitas vezes como sinônimo de calendário e vice-versa.

Assumindo que as palavras representam a relação do homem com o mundo que, ao criar as palavras, modifica o mundo, que modifica o homem, a relação com o objeto almanaque passa pelo contar, marcar, trabalhar com o número, estabelecendo uma correspondência com o cotidiano humano. Relação que ajuda e propicia a ordenação de um mundo sobre o qual se pretende um controle, uma previsão, através do tempo. O tempo contado.

O grego estabelece a relação mês. Um conceito elaborado, pressupondo classificação e divisão, enquanto que, nas línguas orientais, o almanaque é sinônimo de estréia, alvíssaras, boas novas.

O universo de relação com a palavra muda. Vem-nos à mente rituais realizados no início de cada ciclo com o intuito de buscar a prosperidade e a felicidade para o Novo Tempo que vem. Mais que contar e ordenar, penetrar num mundo que pode unir o profano ao sagrado, trazendo um sentimento de interferência possível. Nesses rituais são estabelecidas relações diretas com as divindades as quais, mediante expurgos e oferendas, trazem-nos alento.

Em saxão, o termo almanaque aparece ligado à lua, que em relatos antigos é caracterizada pelo lado feminino e intuitivo. Um universo que estabelece também um cômputo, só que com uma cosmogonia diferenciada. Em muitas línguas menstruação e lua têm raízes etimológicas idênticas, a raiz mens origina a palavra mênstruos e meses.

“Reflexos das fases da lua, o calendário menstrual inscrevia a mulher no calendário da natureza.” (PRIORE, 1997).

O almanaque, na sua forma mais simples, mais popular, se apresenta como um pequeno calendário ilustrado com imagens, figuras e signos. Mais que informar, ambiciona que o leitor penetre num universo diferenciado e denso para o qual, quanto mais tempo dedicamos, mais se nos oferece à análise.

A palavra *calendarium* vem de *calendae*, o primeiro dia dos meses romanos, data do pagamento dos tributos ao estado.

“O ritmo da vida: detalhe de um calendário por volta do ano 25. A semana não existia; os dias de descanso eram aqueles das festas religiosas (fazia-se a um deus o sacrifício de um dia de trabalho) e distribuíam-se ao longo do ano inteiro, sem período de férias. Folgavam nesses dias os magistrados, os homens livres, os escolares, os escravos e os animais de lavoura e tração. O tração LVDI que lemos cá e lá significa “jogos” do Circo (corridas de carros) ou do teatro. As lutas de gladiadores não eram religiosas e não figuravam no calendário. (Museu de L’Aquila).”* (figura 11).

FIGURA 9: detalhe de um calendário por volta do ano 25

Granet (apud LE GOFF, 1992) afirma sobre os calendários chineses: “No tempo em que se escreveram os rituais, as observações dos camponeses serviram para ilustrar eruditos calendários de base astronômica, que foram depois, apresentados como emanados da sabedoria dos príncipes...”

Em muitas cosmogonias os deuses que criarão o Universo serão os mesmos que criarão o calendário: “E disse Deus: Que haja luzes no firmamento do céu para distinguir o dia e a noite e que sejam como sinais para as estações, para os dias e para os anos.”

O mito do nascimento do mundo dos índios pueblo conta que uma das suas irmãs criadoras, *Iatiku*, cria os deuses, senhores das estações que regularão as funções meteorológicas. (LE GOFF, 1992)

Assim, BRAIDA (1990) afirma que, em alguns discursos gerais dos almanaques de 1700 do Piemonte, observava-se que a possibilidade de mensurar o tempo “por obras de poucos” e “uso de todos os homens” foi

verificada somente após a invenção da tipografia. Com o nascimento do almanaque, tal serviço vinha a ser oferecido a todos, sem distinção de classe social.

“Vejam vocês, todo o movimento de um ano, que por si é longo a passar está contido em um pequeno espaço de papel.

Carlo Gozzi - L'observatore Veneto - 11/03/ 1761”

4.1. O almanaque - ordenador do tempo

O papel e a escrita possibilitaram ao homem não só ordenar o mundo mas recuperar, repetir, reproduzir o tempo dessa ordenação, através do almanaque.

O almanaque significaria, para o homem, a escrita desse tempo ordenado, tanto que uma edição das Profecias de Thomas Joseph Moul't traz, em sua décima capa, a imagem de um homem portando um livro com a indicação: Almanaque Burlesco. Toda Ciência vem de Deus. Honra e glória.

O almanaque não deixa de ser um livro e “... se considerarmos um livro impresso não uma fonte de idéias e imagens, mas como um mensageiro de relações” (DAVIS,1990), tem-se o calendário/almanaque como uma relação mítica do Homem com o Tempo, o Tempo e a Criação, a Criação e o trabalho.

Em uma edição de Lyon, aparece assim retratado o ciclo dos trabalhos e dos dias:

Janeiro, olha para o passado e para o que está para vir

Fevereiro, o mês mais duro em que a vida parece parar

* Onde a Vida Pública era Privada, página 111 in História da Vida Privada, Volume 1 - Do Império Romano ao Ano Mil. Organização Paul Veyne, tradução de Hildegard Feist, Companhia das Letras 1992.

Março, em que começam os trabalhos da vinha
Abril, colhem-se as primeiras flores
Maio, o tempo está belo e amoroso
Junho, os trabalhos das terras
Julho, o corte do feno
Agosto, a ceifa
Setembro, a sementeira
Outubro, a vindima
Novembro, mandam-se os porcos às bolotas
Dezembro, mata-se o porco (Le Goff, 1992)

Poder-se-ia pensar que a ilustração abaixo de título “Os Trabalhos dos Meses” estaria adequada ao universo descrito acima.

“Semeaduras de primavera, trabalho de alqueive em junho, corte de feno, colheita, sementeira do trigo de inverno e vindimas alternando-se com os trabalhos nas áreas incultas, caça com gavião, caça ao javali e preparação do porco. (Viena, Österreichische National Bibliothek, extraído das Notices Astronomiques).”* (figura 12)

Etimologicamente, a palavra Almanach pode ter e aparecer com várias origens. Do árabe al, e manach, computar, contar. Ele pode ser a junção do árabe ocl-o e do grego MNU, mês. Nas línguas orientais almanha significa estréia, alvíssaras (boas novas). Em saxão, al-monght ou al-monac seria uma contração para al-mooned que significa contendo todas as luas. Originariamente, nossos ancestrais traçaram o curso da lua sobre uma tábua de madeira à qual chamaram al-monagt (para al-mooneld). Na linguagem celta al-manah significa o religioso (solitário) ou ainda a obra do frade.

* A Vida Privada na Conquista do Estado e da Sociedade, página 423 in História da Vida Privada, Volume 1 - Do Império Romano ao Ano Mil. Organização Paul Veyne, tradução de Hildegard Feist, Companhia das Letras 1992.

Bollème (1965) define o Almanaque etimologicamente como sendo a junção do árabe al e do grego men = mês ou ainda menás (grego) = lua, latim meysis e do antigo indiano mas, medir. Para a autora, o Almanaque pode ser definido da seguinte forma:

“Ilustrado com signos, figuras, imagens, o Almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e a fase da lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e finalmente astrológico. Na sua forma popular interessa sobretudo ao pastor e ao camponês.”

Para definir o almanaque, pode-se salientar o seguinte: ele não é um manual, ele não é assimilável de forma muito diferente do que é um romance, ele diverte sem se prender à pura fabulação, ele ensina sem ser dogmático, ele não é, de modo algum, artigo de fé, ele obedece a uma grande lei que é sem dúvida aquela de toda leitura popular, é prazeroso e é útil (BOLLÈME, 1969).

Ou segundo LE GOFF (1992): “ Calendário: um campo privilegiado de encontro entre cultura popular e erudita” .

Também de acordo com LE GOFF (1992), o primeiro Almanaque surgiu em 1455, na Europa. Em 1464 surgem os Almanques da Corporação dos Barbeiros e em 1471 o Almanaque anual. No século XVII a literatura popular de divulgação os acolhe e divulga. Os séculos XVII e XVIII serão os de sua maior importância literária.

“ Na França, os primeiros Almanques apareceram na Idade Média. Eram escritos por hábeis copistas, em pergaminhos e colados à capa interna dos livros de orações. Indicavam os meses, os dias de festas e os signos do zodíaco. Depois da descoberta da imprensa, os Almanques em várias páginas foram depressa difundidos.

Em 1550, Nostradamus deu ao Almanque a sua primeira glória. O Almanque Nostradamus tornou-se célebre, em virtude de algumas profecias. Em 1636 apareceu em Liège, Bélgica, o Almanque de Mathieu Laensberg. No século XVIII o Almanque das Musas, o das Étrennes, que continham deliciosas poesias e o de Apolo, fizeram grande sucesso. Na Revolução Francesa o almanque do padre Gerald foi marcante.” (Carta enviada pelo leitor Valdinei Aparecido da Silva aos editores do Almanque Sadol)

O Almanque mais importante da França foi o Le Grand Calendrier Compost des Bergers (1491). O preço deste almanque para o ano de 1520 era de 3 sous^{*}, enquanto que um manual médico, o Le Tresor des Povres era vendido a 2 sous.

Fazem parte deste Almanque as notícias astrológicas, o trabalho na terra, o zodíaco, a compleição humana vinculada às suas significações morais, descrições de vícios e sentimentos infernais, receitas de cozinha, conselhos referentes a doenças e remédios ligados aos doze signos do zodíaco. (MANDROU, 1985)

O Compost et Kalendrier des Bergères^{**} editado em Paris para o ano de 1499 traz várias páginas dedicadas aos signos, vinculados ao corpo humano, regendo respectivamente: Áries (cabeça), Touro (garganta), Gêmeos (braços), Câncer (tórax), Leão (coração e costas), Virgem (ventre), Balança (ancas e glândulas), Escorpião (órgãos sexuais), Sagitário (pernas), Capricórnio (ossos), Aquário (vasos sanguíneos) e Peixes (pés).

^{*} Sou, Sous - moeda de liga de níquel, antigamente de ouro, valeria atualmente 1/20 de franco. Informação fornecida pela tradutora Marisa Rossetto.

^{**} Fotocópia obtida na Thomas Fisher Rare Books Library, Toronto - Canadá. Consta na edição: Paris “no Hotel de Beauregard, Rue Cloppin, sob o signo de le Roy Prestre Iehan”. Gui Mardrant e Jean Petit, sem data. [1499] (data incluída por Davis, 1990).

Neste calendário, para cada mês uma gravura reproduz as tarefas e a caracterização do cotidiano tendo sempre presente os respectivos signos conforme gravura ao lado (figura 13).

O texto escrito informa que embora não faça calor neste mês, o lavrador já poderá recomeçar o seu trabalho: “Se eu faço vir a florada, bons odores têm minhas violetas.”

Após as discussões sobre o clima e o trabalho do agricultor, o texto prossegue descrevendo a visita da Virgem Maria ao Templo dos Judeus, para apresentar seu filho diante dos olhos de Simeão (Lucas 2: 22-35). (figura 14)

Relaciona-se, mais uma vez, o tempo religioso, mítico, o da apresentação com o tempo da natureza. A primavera é o começo para a colheita, assim como a apresentação no templo é o começo para Jesus do seu trabalho.

Nas páginas deste mesmo almanaque, estão lado a lado o horóscopo, demonstrando a influência árabe na Europa e do catolicismo com seu calendário religioso composto por nomes de santos.

“O conteúdo de um calendário está ligado ao complexo jogo de relações entre as exigências da religião e a vida econômica e social.” (LE GOFF, 1992)

A Terra aparece representada por seus polos que são circundados pelos doze signos, conforme ilustração (figura 15).

No universo alquímico, a cada signo corresponde uma substância química e uma estação e para atingir a plenitude há a necessidade de se passar pelo fogo.

O homem, a Terra, os planetas, os signos fazem parte de um mundo constituído por elementos que se alteram, na velha fábula alquímica medieval. O chumbo transformado em ouro... O mercúrio filosófico, elixir que tudo cura. O corpo, curado ao conseguir ultrapassar as sete etapas planetárias.

Síntese entre culturas e influências diferentes, talvez o que melhor defina o almanaque seja a passagem da vida ordenada ainda na oralidade e a sua recuperação e reprodução na escrita. Objeto de leitura de aprendizes-leitores transpõe os elementos do mundo oral no mundo escrito.

“Com efeito, enquanto aprendiz - leitor está inteiramente tomado por seu esforço de correspondência do escrito e do oral memorizado, existem fortes probabilidades de que se perca nas unidades cada vez menores do texto (frases/palavras/sílabas) e portanto, cada vez menos significantes. Se uma imagem acompanha um texto e continua a mostrar-se nessa apreensão global que implica toda mensagem icônica, ela pode se tornar a garantia de permanência de um sentido ao nível das unidades semânticas amplas... (HÉBRARD, 1996).”

Ler os almanaques populares, seria estabelecer sentido entre o que foi “lido”, vivido e o que se vive, mas recuperando também as memórias de leitura vivenciadas. Lê-se o conhecido, através de saberes anteriores.

O domínio do tempo e a sua repetição: busco o porquê de se ler algo repetidas e repetidas vezes. Qual seria a relação tão profunda que levaria à fixação de tal prática?

Segundo BOLLÈME (1969), é precisamente na medida em que ele, almanaque, toca, alcança todos os sujeitos, que vai dessacralizar, romper os gêneros, afastar todos os limites e colocar seus leitores mais diretamente em relação com a vida, a atualidade, a informação, compondo, autor do real no que ele se faz interessar. Divertir, provocando através dele, a reflexão e a crítica.

A autora aponta na Pequena História do Almanaque as preocupações essenciais que compõem este gênero: comer, cultivar a terra, viver e sobreviver, prever, discernir, se conduzir, se governar, se informar e se distrair.

BAKTHIN (1993), autor cuja linguagem encontra-se impregnada da tradição da cultura popular da Idade Média e do Renascimento, irá debruçar-se sobre a multiplicidade das manifestações da cultura popular-ritos, espetáculos, festas, vocabulário familiar e grosseiro. Uma visão do mundo específica marcada pelo riso, pela subversão dos valores oficiais, pelo caráter renovador e contestador da ordem vigente. Mais que folclore, sem dúvida. Uma concepção de mundo que utilizava a linguagem das formas carnavalescas.

No livro **"A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - O contexto de François Rabelais"**, Bakhtin retoma a obra de Rabelais, nascido em 1494 e falecido em 1553. Como padre, estudante e médico viajou pelas aldeias da França. Sua obra caracteriza-se pela presença dos

dialetos, lendas e costumes populares, numa produção condenada e incompreendida até o século XIX.

Rabelais cria, ao escrever, uma língua barroca, extremamente pessoal, composta de neologismos e combinações inéditas, excessos e monstruosidades que revelam uma imaginação fertilíssima.

As aventuras de Gargântua e Pantagruel são um pretexto para satirizar a vida humana e a condição social, empreendimento facilitado por sólida formação clássica.

A escolha desta obra de Bakhtin em particular, deve-se ao fato de que Rabelais publica um almanaque onde faz advertências aos abusos dos prognósticos presentes nos almanaques da época.

O almanaque popular na França aparece ligado à literatura de “collportage”, aquela levada nas cestas dos vendedores ambulantes. Chamo atenção para o termo “collportage” segundo o dicionário Francez-Portuguez datado de 1887:

Collportage = bufarinhe, regatice (ofício de bufarinheiro, de regatão). O termo colporteur significa o bufarinheiro, o regatão, o alfarrabista.

O tipo de literatura que oferece o Almanaque vem colada a uma imagem de bufões e bobos que habitavam as praças públicas.

O sarcasmo desta visão de mundo reflete-se no nome do almanaque Le Messager Boiteux (século XVII) - Um Mensageiro Coxo/Manco, Claudicante - que além do sarcasmo traz a imagem mítica do coxo/manco, aquele que transita entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Como médico, no Hospital de Lyon, Rabelais resolve escrever a Pantagruelina Prognosticação (1533), como uma advertência e para proveito das pessoas aturdidadas com os prognósticos existentes em excesso nos almanaques.

“... Neste ano, os cegos verão bem pouco. Os surdos ouvirão muito mal.”

Mestre Alcofribas Architriclin, Vulgo Pantagruel

“Qualquer coisa que vos dizem é astrológico. O verdadeiro governador do destino dos homens é Deus, Ele é a morada, lugar da causa primeira, isso bem estabelecido sem dúvida é permitido divertir-se um pouco. A profecia deve, pois, mais que trazer o temor, causar o divertimento.”

Uma outra edição da Pantagruelina Prognosticação (Paris: PRAULT, 1741) traz uma menção escrita do marquês de Paulmy, grande amante dessas edições de almanaques: “obra singular, vou guardá-la para de tempos em tempos, rir. As profecias do mestre Michel Nostradamus fazem parte de uma Compilação de Facetas em prosa do século XVIII.

Poder-se-ia dizer que, na sua origem, o almanaque, enquanto objeto de escrita, seria uma obra de frade. Um compilador solitário, alguém que organiza. Uma produção individual. Trabalho de monge copista continuado pelos editores que, posteriormente, retomarão fragmentos para compor almanaques.

Porém, pela sua distribuição que, na Europa, se deu através de vendedores ambulantes, junto dos pliegos de cordel espanhóis e catalães e dos chappbooks ingleses, chega-se ao que se denominou, numa determinada época, literatura popular, tanto que no prólogo do Pantagruel, se encontram tipos dessa cultura.

Grita o vendedor de feira, o charlatão, o mercador de drogas miraculosas e o vendedor de livros de quatro centavos. Brincam de fazer propaganda, gracejando de si próprios.

Segundo o charlatão da feira, as crônicas podem ser um remédio para a dor de dentes, é só colocá-las entre dois panos e aplicá-las no lugar da dor... Na verdade, o que o autor proclama é o poder da cura da literatura, ele faz alarde à sua crença como um charlatão ou ambulante de feira o faria. Para solidificar seus argumentos e provar a virtude curativa do livro, traz no quarto livro, as doutrinas de Hipócrates, Galeno, Platão e outros (BAKTHIN,1993).

Séculos e séculos depois, em 1994, o leitor Orlando responde à Rabelais. Ele, um leitor do Almanaque Sadol.

“... De início, devo parabenizar o Laboratório Catarinense S/A, pelo pioneirismo e dedicação evidenciada na publicação do Almanaque Sadol.

Nós, clientes, devemos nos dar por satisfeitos por termos um canal de comunicação nos ligando... Entrei em contato com o almanaque há poucos dias, quando de uma infecção forte, fui obrigado a me dirigir à uma farmácia, onde na compra de medicamentos, recebi o almanaque de brinde.

O almanaque teve um papel importante na minha recuperação, pois nos momentos mais difíceis ele estava ao meu lado proporcionando boas gargalhadas.

Agora gostaria de saber como poderia adquirir os almanaques anteriores, gostaria muito de possuir todos eles prá fazer uma coleção...”

O almanaque, o médico alegre que diverte os seus doentes.

“... O médico representa um papel capital na luta entre a vida e a morte no interior do corpo humano” (Quarto livro - Gargântua e Pantagruel, Apud BAKHTIN, 1993).

Nos Sanatórios Sagrados Helênicos era comum a preocupação com a distração/diversão dos visitantes inválidos. Assim, perto dos templos erguidos para o deus Asclépios (Esculápio) eram construídos teatros para a representação de peças.

O humor, o jocoso, a quebra da seriedade da previsão “científica”.

A obra de Rabelais, o Prognóstico Pantagruelino, continha poucas páginas e é considerada uma paródia dos livros de predição do ano novo. Tanto esta obra, como os almanaques, encontram-se diretamente ligados ao tempo, ao ano novo e ao chão de feira.

“Um laço tradicional muito antigo unia as formas de medicina popular e as da arte popular. É isso que explica que o comediante das ruas e o comediante das drogas fossem, às vezes, uma única e mesma pessoa.” (BAKHTIN - 1993)

Cientista, morte, elixir, elementos, vida, paixão. Traduzindo o cientista para alquimista teremos a configuração medieval que une o médico ao mago. O elixir que pode afastar a morte, que dá ao mago o poder misterioso de transitar nas trevas para trazer a luz.

A Cosmogonia se re-apresenta, forte, na história acima.

Os pregões fazendo apologia das ervas e das substâncias miraculosas estavam presentes na praça pública. As propagandas eram verbais, a altos brados...

Na Sátira Menipéia, aparece um charlatão espanhol propagando no pátio o comércio de uma panacéia universal que cura todos os males e misérias, com o nome de “Catolicão Espanhol”... Os elixires da longa vida!

Nada estranho, portanto, que os almanaques populares de farmácia, portadores deste universo mítico trouxessem, numa corporificação emblemática, os tônicos que agem/atuam no organismo como um todo. Eles são para o corpo, o que o almanaque é para a mente.

Segundo o dicionário Francez - Portuguez (1887), elixir significa licor espirituoso, quintaessência, a pedra philosophal. (Tal o poder do elixir!)

O bálsamo de Ferrabrás aparece no capítulo 2 do livro de Carlos Magno, originado provavelmente numa canção de gesta do século XII. A cruzada relatada refere-se à busca de um bálsamo milagroso que teria servido para o enterro de Cristo e que estava em poder do Emir do Egito. Este preparado possuía imenso poder de regeneração, curando feridas e redobrando forças. Na batalha, Oliveiros fere Ferrabrás e lhe toma o bálsamo. Cervantes, em Dom Quixote de la Mancha, faz apologia ao bálsamo, apresentando em detalhes a sua receita. Consta da mesma, entre outras substâncias, vinho, sal e rosmarinho (CAMARGO, 1982).

Em manuscritos carolíngios encontrados, havia fórmulas com encantamentos para serem usados contra doenças. Apesar da magia ser condenada ela faz parte do “Sagrado Pagão”. O talismã de cristal usado por Carlos Magno no pescoço é um dos amuletos mais célebres. A medicina da época era mágica, por exemplo: aliando-se letras de nomes de pessoas ao número de dias que está doente poder-se-ia prever a cura. (ROUCHE, 1992)

Do Bálsamo de Ferrabrás ao Biotônico... estar preparado para as batalhas. E nessas batalhas, sempre se divertir...

No Brasil eram comuns os bálsamos, no fim do século passado e começo deste, popularizados, tais como: Bálsamo do Comendador, Bálsamo de Fioravante, Bálsamo de Gilead ou de Salomão. (CAMARGO, 1982)

O Almanaque Sadol do ano de 1951 publica:

“Porém, o Laboratório Catarinense Ltda não se responsabiliza pela chuva ou pelo bom tempo em desacordo com as previsões. Infelizmente, as nossas relações comerciais ainda não são tão extensas que nos permitam receber informações exatas de São Pedro.”

E em 1997, o mesmo Almanaque apresenta:

“Uma boa gargalhada e um sono descansado são as duas melhores curas. Provérbio Irlandês. (Almanaque Renascim Sadol, 1997).

Da ligação do almanaque com as obras da "Bibliothèque Bleue".

Se os empréstimos à literatura popular são frequentes isto não significa, portanto, que o almanaque é só uma imitação ou vive como parasita. Os textos são às vezes modificados como se endereçados a um público diferente. Dentro dessas perspectivas é que, se há empréstimo, é do almanaque para a "Bibliothèque Bleue".

Quanto à edição^{*}, os editores de Troyes, na França, dominam, sem deter o monopólio. Há editores nas cidades de Rouen, Caen, Limoges, Avignon, Champagne, Picardia, Vale do Loire, Lorena, Borgonha. Se num primeiro momento, o público é citadino, entre 1660 e 1780, há a seguir a popularização e a ruralização dos livros de preços reduzidos.

E os textos veiculados, não são, em si, textos populares. Muitos deles são textos eruditos, novelas, contos de fada, que são lidos não só por um segmento da população que seria "menos letrada". São textos lidos por todos. Histórias delimitadas de um grupo em contacto com um determinado material impresso, naquele momento sócio-histórico. Mesmo porque a pretensão generalizadora há muito que nos oferece uma história empobrecida.

Segundo MANDROU (1985), os livros da Bibliothèque Bleue são anônimos, redigidos pelos impressores, tipógrafos ou outros, sob as ordens do patrão. Eles trabalhavam recorrendo às tradições orais, campesinas ou outras, que conheciam pessoalmente. Os temas são fornecidos pelos editores, em função da demanda passada pelos vendedores ambulantes e "marchands". Tais informações possibilitavam uma produção diretamente adequada às aceitações e rejeições verificadas pelos indivíduos que as negociavam.

Os pequenos livros são impressos em papéis de péssima qualidade, encadernados por um simples fio, recobertos com uma folha azul sem título nem lombada. A vantagem é que podem ser vendidos muito barato e assim um grande número de pessoas podem comprá-los.

^{*} "A História da Civilização Moderna foi escrita em grande parte, não "sobre" papel, mas "pelo" papel. Na França, há moinhos de papel funcionando em Troyes e em Essonne, no século XIV... in A Palavra Escrita. Editora Anhembi. SP, 1957. Página 123

4.2. Os Temas no Almanaque.

Segundo BOLLÈME (1965), os temas presentes nos almanaques dos séculos XVII e XVIII poderiam ser agrupados em:

- Tempo: Previsão, eclipses, fases da Lua, calendários
- Festas religiosas:
- Signos astrológicos:
- Anedotas:
- Fábulas:
- Contos:
- Conselhos para viver bem:
- Fatos estranhos e admiráveis da natureza, tais como: Inundações, Tremores da Terra.
- Saúde: Informações sobre pragas, pestes e a fome.
- Conselhos culinários:
- Divertimentos:
- Religião: Vida-morte, Corpo-alma, Orações.
- Provérbios:
- História: Monumentos, Igrejas, Hospitais, Construções antigas, Pequenos trechos curtos recontados.

Mesmo que esses temas tenham sido relacionados por BOLLÈME (1969), ao estudar os almanaques Renascim Sadol das décadas de 50 e 70, são esses os temas que continuamos a encontrar nos almanaques brasileiros deste século, com maior ou menor ênfase em um deles, conforme a época. Ressalte-se que se os temas quase não se modificam, serão as modificações tipográficas que os enquadrarão aos modelos e aos conceitos de cada época.

Nos almanaques desta época, o tempo, a fertilidade da terra, a saúde e o capricho dos acontecimentos estão submissos ao poder e à vontade de Deus, ressaltando-se que o universo da época é mítico e, portanto, este deus é um deus panteísta.

BOLLÈME (1969) afirma que Deus aparece no *Le Calendrier Compost des bergers* como a perfeição de uma natureza essencialmente admirável e demonstra essa visão panteísta com a reprodução de um texto do **Almanach curieux pour l'au de grâce 1759**.

“ Oh! Senhor! Disse o profeta, vos haveis estendido a abóbada do Céu, aos nossos olhos como um pergaminho, colorido como um raro livro de iluminuras em ouro e prata como uma bela membrana cravejada de muitos brilhantes e ricas pedrarias onde brilham tanto Astros quanto estrelas, tanto florões como obras em ouro, tanto que aqueles que contemplam suas raras belezas, perderam seu entendimento quando não vos reconhecem por Criador. É sob esse pavilhão do céu, Senhor, que vós haveis marcado os confins e limites da terra, que nós construimos nossa morada, é sob esse pavilhão real, sob esse Globo da Lua onde vós nos haveis recolhido e demarcado essas grandes muralhas do mundo, o Céu cristalino o qual como uma enorme pele, cobre o firmamento, as nuvens que o envolvem são lúcidas, transparentes e diáfanas como água e o cristal. “

A Morte nos almanaques

A preocupação com a morte é constante nos almanaques populares. É uma ameaça sempre presente nos referidos séculos. Viver bem é, portanto, viver uma vida de onde a morte pode ser banida. No século XVII, evitar a morte era evitar as doenças, as misérias, o crime, o assassinato, a guerra e a avareza. Já no século XVIII, a morte aparece como penalidade para crimes, caminhando, assim, para verdades e preceitos morais. Como autora demonstra com os títulos de histórias publicadas:

Em 1733:

Execução de criminosos, enforcamento, assassinato.

Desgraça por inundação.

Miséria por toda parte.

Em 1755:

O apetite mortal.

O riso mortal.

A noite nupcial funesta.

Grandes idades.

Velhice.

A Moral nos almanaques

Os primeiros preceitos morais encontrados em almanaques populares mais antigos são: conceitos alimentares, conselhos sobre como dormir, se cobrir, comprar, enfim, modos de conduta relacionados sempre à observação dos fenômenos presentes nas estações.

Conselhos quanto à economia, prudência, continência apontam para o que no futuro virá a ser a virtude moral. Assim, o que era uma luta contra a morte, uma preocupação comum de apartar as regras de conduta ou as reflexões que esses cuidados engendram, vai despertar uma forma de moral social fundada sobre as idéias de justiça e de caridade. Fala-se dos cuidados com a natureza (alimentação) para se evitar a morte, o que se transforma em regras de conduta, e, com o tempo, morais e econômicas.

Esta moral guiada pelo espírito de observação que é a regra constante do Almanaque em todos os domínios vai desenvolver, ao mesmo tempo, o espírito crítico mais que a fabulação astrológica, mais que a credulidade. Recorrendo à ajuda da experiência e da observação, mais a reflexão é despertada, mais o Almanaque instrui o povo (era o que se pretendia fazer). Mais se desenvolve no almanaque o cuidado com a objetividade, maior a preocupação com a idéia de verdade para o seu leitor.

Para Bollème (1969) **“O Almanaque é ao mesmo tempo de dimensão Moral, Social e Política”**.

Ao se preocupar em instruir o povo para que aprenda a sobreviver na natureza, através do conhecimento do mundo que o circunda, nasce no almanaque uma concepção de objetividade que trará no seu bojo o desenrolar da História.

A História no almanaque. Como se faz...

Um jogo. Um movimento que intercala o real e o fabuloso. Se a verdade se faz presente no almanaque, se instrui o povo com certa verdade, ele vai buscar também uma série de fábulas, de inverdades, de maravilhoso, ele irá declarar que a Ciência e a História irão modificar uma mentalidade e também serão modificadas por ela. Pouco a pouco, os almanaques fazem uma reflexão de e sobre a atualidade sem perder o gosto do imaginário e do maravilhoso, que jamais cessam de existir, de aparecer neles.

O saber, a ciência e a história são recontados de forma agradável, atraente, contendo crenças que aguçam a ávida imaginação. Divertindo pessoas que, raramente, se divertiam, fixando o interesse que leva à leitura. A mistura de contos, anedotas, fábulas e documentação trazem certa objetividade, coerente com o conceito de observação da natureza (o natural observado, o astrológico). Embora não seja a objetividade dos livros, esta história é própria do universo do almanaque, não deixando de ser objetiva.

O almanaque instrui seus leitores ao recontar as histórias e a história da História porque seus leitores não sabem e para instruí-los sobre o que se passa, o almanaque, ao mesmo tempo, dá-lhes gosto pelo que aconteceu, trazendo, de certa forma, os assuntos inseridos na atualidade. Os fragmentos são colocados em uma ou duas frases, sem ordem cronológica, para interromper a monotonia das predições. Exemplos de publicação do ano de 1656:

“ Em 1590 Henrique IV Rei da França e de Navarra ganhou a batalha de Yvry.

Em 776 a Instituição por Carlos Magno da Ordem dos Doze Pares de França.”

A História é o lugar onde jamais cessamos de estar, em qualquer condição, fato que o Almanaque soube explorar em sua ambiguidade.

Nele, há a história que se reconta, a invenção do espírito, a história falsa e a menos verdadeira. Onde está a História? Onde está a verdade?

É um jogo de esconde-esconde, uma dialética do saber fazer, mais que do saber, que produz uma concepção particular de história que não pode ser circunscrita, a não ser pelas expressões múltiplas e repetidas onde nasce - de um lugar ou de outro - uma concepção sempre válida e sempre atual.

O Sentimento no almanaque

Almanaque é feira popular, é público que deve ser envolvido pela significação dos pequenos textos e conselhos. A constante é o amor.

No século XVII, temos o Amor apresentado, ora de forma caricatural, levando à cegueira, à loucura, à raiva, a uma visão turva onde a vida está constantemente ameaçada pela morte, ora, o Amor maternal trazido nas páginas via pequenas anedotas edificantes.

No século XVIII, o Amor, nos períodos sem guerra, aparece associado às conveniências e à moral. Pode favorecer a mistura de classes, porém não está restrito às relações pessoais. É o amor pela natureza, pela sociedade, pelo próximo, pela generosidade, pelo bem, justiça e pátria e pelo gênero humano.

NORBERT ELIAS (1990) trata da palavra “civilité” emergente e aponta para as relações de interdependência existentes em uma sociedade. As relações sociais criam hábitos e costumes, modificam-nos, assim como as palavras que os denominam também são criadas e seus conceitos são modificados.

No caso do Almanaque não é diferente. Ele muda para permanecer.

Enquanto há uma certa rigidez estrutural que visa à facilitação no contato com o material, dentro dos preceitos de imagem X palavra (Marin, 1992), os conceitos dos quais trata mudam para acompanhar as alterações sociais.

4.3. O Almanaque: Formato e modelos.

No início, o formato do almanaque era in-quarto, no século XVI passa para in-octavo e muito posteriormente para 24. O que se costuma chamar de formato do livro é a dimensão do mesmo, dada pelo número de páginas presentes em cada folha. Sendo assim o in-quarto tem 8 páginas pois a folha é dobrada em quatro, o in-octavo, 16 páginas sendo a folha dobrada em oito e o in-doze, 24 páginas, dobrando-se a folha 12 vezes.

O papel torna-se mais ordinário, suas gravuras mais grosseiras. A publicação dos títulos e qualidade dos autores visavam dar seriedade e autenticidade aos textos.

No século XVIII os almanaques mudam para permanecer. Serão pequenas obras gerais, suficientemente vagas para permanecerem válidas por longo tempo, para uma população variada. Modifica termos, vocabulário e formas num desenho mais adaptado aos próximos séculos. Modifica e permanece.

A astrologia continua sendo a principal preocupação, tanto que os próprios impressores do material se diziam astrólogos, alterando seus nomes.

As preocupações astrológicas ligadas às previsões perduram no tempo re-aparecendo como uma oposição às coisas de Deus, não mais aquele deus panteísta dos primeiros almanaques, mas já o Deus judaico cristão, sempre de acordo com o poder da Igreja.

“...Com o horóscopo a gente não tinha interesse porque o pai dizia que quem dava o destino era Deus.”

Verônica (49 anos) - leitora do Almanaque Sadol

Permanecendo o almanaque e sua cosmogonia as mudanças/permanência revelam-se nas apropriações diante da e na leitura. Uma leve brisa que seja descortina o mundo do qual ele é portador. A morte, a vida e o destino. Coisas de Deus ou de deuses...

Não basta que na indicação dos editores pare a orientação de que tal leitura se compõe de conselhos, se o seu universo é mítico e nos lembra o tempo todo pelo sentimento de insegurança diante de uma imensidão ameaçadora onde continuamos a estabelecer pactos apaziguadores.

BRAIDA (1990) conclui que, na metade do século XVIII, no Piemonte - Itália, o modelo dominante de almanaque foi o de prognóstico astrológico. O que o diferenciava do simples calendário era a presença de um discurso geral com a previsão para todo o ano, não só sobre o clima e suas principais calamidades, mas, sobretudo sobre o fazer-mundano, as derrotas ou conquistas militares, assim como as catástrofes naturais determinantes da conjunção dos planetas.

Por volta de 1780, em Torino - Itália, surgem almanaques agrários, destinados aos pequenos proprietários, meeiros, fazendeiros e párocos, que funcionam como divulgação de novas técnicas de cultivo que levariam a uma condução mais racional da Agricultura. Foi uma tentativa da Sociedade Agrária de Torino de criar um instrumento de informação que se distanciasse dos catecismos agrários e se aproximasse do debate científico europeu.

Por outro lado, o conde Ângelo Saluzzo, presidente da Academia de Ciência de Torino, constatando a popularidade desse gênero, intui que a venda dos almanaques poderia resultar num fundo para financiar a pesquisa científica. O projeto econômico de julho de 1782 propunha a reserva para a Academia do privilégio exclusivo dos almanaques regionais e estrangeiros. Na época a produção girava em torno de 230.000, com lucro de 8.000 liras.

A “briga pela produção dos almanaques” ganha espaço em 1789. Através de um recurso, os mineiros milaneses lamentam que a publicação do almanaque de prognóstico/astrológico tenha incentivado a introdução clandestina do título deste gênero, próximo do povo ignorante.

Os almanaques lunares e de feira, preço de um soldo, obtinham tamanho sucesso que os editores decidiram deter o privilégio de um lunário. Para compreender estes almanaques não era necessário saber ler e escrever, bastava reconhecer o dia ou o símbolo da fase lunar. Em 1783 a tiragem desses almanaques no Piemonte era de 170 mil cópias.

Havia almanaques destinados a um público, com pouca alfabetização, mas também almanaques para pequenos comerciantes, militares, clero, nobres e ministros.

5. O ALMANAQUE NO BRASIL

O viajante Thomas Ewbank em seu livro **Vida no Brasil ou Diário de Uma Visita à Terra do Cacaueiro e da Palmeira**, datado de 1870, assim escreve no Capítulo Sexto:

“6 de fevereiro - O Almanaque do Rio é um manual necessário aos estrangeiros e indispensável aos da terra, para poderem acompanhar a sequência dos dias santos.

9 de fevereiro - Hoje é aniversário de Santa Apolônia, uma daquelas santas que, após deixarem a Terra, continuam a abençoá-la. Não existem dores mais cruciantes que aquelas que cura. Advogada contra a tosse, curador de dentes. São-lhe oferecidos aqui maxilares de cera.”

Nossa herança portuguesa que vincula as doenças a castigos divinos aparecem nos receituários religiosos da colônia. O padre Ângelo Sequeira indicava as rezas para garantir a mediação dos Santos que protegiam de males específicos. A oração para a Santa Apolônia, no caso da dor de dentes era:

“Deus eterno, por cujo amor Santa Apolônia sofreu que lhe tirassem os dentes com tanto rigor e fosse queimada com chamas, concedei-me a graça do celeste refrigério contra o incêndio dos vícios, e dai-me socorro saudável contra a dor dos dentes, por intercessão, Amém, Jesus.” (Priore apud RODRIGUES,1997).

Provavelmente o almanaque a que se referia Ewbank era o Almanach Histórico do rio de Janeiro, de Duarte Neves, editado no Brasil do século XVIII.

Eram comuns os almanaques para as cidades, contendo informações, tais como: tarifas de correio, horário de trens, tabelas de preços, assim como eram comuns os almanaques religiosos contendo preces, dias de santos, vida de santos e santuários. Os almanaques literários, como o Almanaque das Fluminenses, editado nos anos de 1890, 1891 e 1892, no Rio de Janeiro eram destinados às senhoras.

GALZERANI (1993) afirma que, no século XIX, aparece em Campinas o almanaque. Será de grande importância no processo de modernização da cidade.

Através dele serão passados hábitos e valores necessários para as alterações de comportamento vinculadas aos novos ideais desta sociedade.

Exemplos de almanaques vinculados a cidades:

- Almanaque para a Cidade da Bahia, ano 1812, editado pela Typographia Manoel Antônio da Silva Serva
- Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco para o anno de 1860, organizado por José de Vasconcellos, Typographia Commercial
- Almanaque Histórico de Franca - Obra de Compilação Histórica do Município em seus variados aspectos, 1943. Tipografia Renascença
- Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo, publicado em 1957

O Almanaque Bertrand (figura 16), editado em Portugal, com a primeira edição em 1899, circula pelo Brasil através de seu depositário exclusivo, a Editora Brasil América Ltda, situada na rua Abílio, 302 - Rio de Janeiro. Seu preço, no ano de 1955 era de 25\$00. Era volumoso, tendo em torno de 380 páginas.

Logo nas primeiras páginas, trazia informações que ratificavam a qualidade dos seus escritos:

“...O presente almanaque conta com a colaboração obsequiosa, na parte astronômica, do Doutor Manuel António Peres Júnior, diretor do Observatório Astronômico de Lisboa e na parte matemática, do engenheiro Álvaro da Silva Lima.”

Esta prática lembra a estratégia dos editores/compiladores de almanaques que, ao subescrever o autor como professor, matemático, visavam dar credibilidade e prestígio aos seus impressos. O almanaque, relacionado ao humorístico das feiras populares, procurava, no século XIX, transmitir seriedade através do científico, do escolar.

Depois do atestado de cientificidade, não prescindia do caráter religioso. Nas primeiras páginas, oferecia uma página por mês ao calendário que traz os nomes dos santos do dia além de informações sobre eclipses, fases da lua, visibilidade dos planetas, calendário abreviado e passatempos.

Após, vinha o índice seguido das secções Literária, Científica, Artística e Recreativa, tendo em torno de 320 páginas recheadas de contos, anedotas, pequenas reportagens e fotos.

O Almanaque do Porto, que começa a ser editado em 1948, em Portugal, é distribuído em Angola e no Rio de Janeiro. Na cidade do Rio de Janeiro, por J.O. Antunes e Companhia ao preço de 20 escudos em 1951. O total de páginas é 320.

Nas primeiras páginas, um calendário bem elaborado, acompanhado por quadrinhas, provérbios e conselhos agrícolas, que se misturam ao tempo, às estações do ano:

Julho...Praias... Sol a pino!
Pouco frio, pouca roupa;
Já não se come o pepino
Que faz rebentar a boca.

Apresenta também continhos de meia página e, no ano de 1951, na última página, encontramos o poema de Olavo Bilac: **Última Página**, demonstrando que este almanaque, não só era distribuído no Brasil como também publicava autores brasileiros...

Mário Souto Maior, no livro **O Homem e o Tempo**, nos mostra que, em seu estado, Pernambuco este tipo de literatura representava apenas uma ponta do iceberg. Lá circulam os almanaques Literários, da Cidade, de Artes, de Farmácia, Acadêmicos, etc...

Já os almanaques da atualidade são compostos de forma o mais semelhante possível a uma enciclopédia, porém, em papel de pior qualidade e com ilustrações sumárias. Seu atrativo? A variedade de assuntos.

O índice de 1981 do almanaque Abril contém os seguintes tópicos: Cronologia, Economia, Humanidades, Brasil, Nações do mundo, Esportes.

A configuração realmente nos leva à indicação para os trabalhos escolares, porém, não nos leva a apontar para algo prazeroso. É de utilidade, no sentido do "serve para ". Serve para trabalhos escolares. Útil, é composto de forma a atender a uma sociedade de negócios, especialista em negar o ócio, onde o próprio lazer se transforma numa mercadoria específica. Dá-se um esvaziamento na amplitude observada. Momentos sócio-históricos diferentes.

Só no Brasil, depois que a Editora Abril lançou o seu almanaque em 1974, surgiram pelo menos dois outros concorrentes: o "Almanaque Lisa" e "O Mundo Hoje". Sucedem o "Almanaque do Biotônico Fontoura" e duas outras publicações extintas: o Almanaque Mundial e o Almanaque de Seleções (do Reader's Digest). Todas seguem a tendência internacional que consiste em compactar num único volume o maior número de informações sumárias, que sirvam para embasar trabalhos escolares ou contextualizar relatórios empresariais.

O "The World Almanac" é publicado há 125 anos em Nova York e explora com maestria o filão das curiosidades dignas - nada de pejorativo - de uma enciclopédia de conhecimentos inúteis. O de The Old Farmer's Almanac é publicado nos EUA, até a presente data, desde o ano de 1792.

No quadro 2 é apresentado os almanaques publicados na atualidade.

QUADRO 2: Quadro dos almanaques publicados na atualidade

ALMANAQUES	ANO DE PUBLICAÇÃO	PÁGINAS	DEFEITOS
ALMANAQUE ABRIL (BRASIL) Maior quantidade de informações sobre o Brasil e didatismo da apresentação.	1974	786	Não investe em informações curiosas que teriam alto índice de leitura.
ALMANAQUE LISA (BRASIL) Informações detalhadas sobre a história do Brasil recente.	1991	387	Verbetes sobre países estão desatualizados.
THE WORLD ALMANAC (EUA) Maior quantidade de informações curiosas e levantamento quase exaustivo de dados sobre os EUA.	1968	904	Informações sumárias sobre tudo o que não diz respeito aos EUA.
QUID (FRANÇA) Reúne curiosidades com informações políticas, geográficas e culturais; índice onomástico mais detalhado.	1963	960	Ênfase para os assuntos franceses, idioma cada vez menos praticado.
O MUNDO HOJE (BRASIL) Verbetes comentam questões geopolíticas e contextualizam informações estatísticas	1993	499	Centra sua atenção na Europa e Terceiro Mundo, ignorando os EUA e o Canadá.

Histórias da História

Na França, os almanaques divulgavam medicamentos, porém não havia almanaques de farmácia.

Já em Portugal, havia, neste gênero, o Apiol dos Drs Joret e Homnole e o Leptandrine Royer, ambos do final do século XIX.

No Brasil, este gênero irá propagar-se com imensa popularidade, através dos almanaques Saúde da mulher, Bromil, Capivarol, Biotônico Fontoura. (Casa Nova, 1990)

5.1. O Pharol da Medicina

Histórico

No Brasil, em 1887, o Pharol da Medicina (figura 17), elaborado com o patrocínio da Drogaria Granado do Rio de Janeiro, foi o modelo de almanaques de farmácia para os sucessores, com uma tiragem inicial de 100 mil exemplares.

O fundador da Casa Granado foi o português Antônio Coxito Granado, que chega ao Brasil aos 14 anos de idade, em 1860, e que irá trabalhar junto com o irmão farmacêutico João Antônio, levando a Casa à grande expansão, já no século XIX.

A Casa foi fornecedora oficial da Corte e conseguiu manter seu prestígio também no período republicano. Era um local onde se encontravam estadistas, diplomatas, escritores, militares, homens das finanças, da indústria e da sociedade brasileira. Rui Barbosa, José do Patrocínio, Pereira Passos e Oswaldo Cruz eram assíduos frequentadores.

Os medicamentos vinham do “Velho Mundo”, eram adaptados pelo Laboratório e vendidos no mercado nacional, assim como o Modelo e a idéia do Almanaque de farmácia, provavelmente também vieram.

O Pharol da Medicina circulou de 1887 até a década de 40, fazendo propaganda dos produtos da Casa Granado e trazendo pequenos textos, anedotas, calendários com os nomes de santos, táboas de câmbio, charadas, cartas de leitores curados, informações sobre doenças, propagandas de médicos, atestados escritos por médicos que haviam curado seus pacientes com os medicamentos da Casa.

O número de páginas girava em torno de 50. No almanaque para o ano de 1883, tem-se 84, seu tamanho é de aproximadamente 13,5cm x por 22cm.

O número total de edições foi 56. As tipografias responsáveis pela editoração foram:

De 1887 a 1893

- Tipografia Maximiano

(figura 18)

De 1894 a 1923

- Tipografia Almeida
Marques

De 1923 à década de 40

- Oficinas Gráficas
Granado

Tiragens de exemplares

As tiragens anuais, conseguidas no levantamento, foram:

De 1897 a 1905 - 50 mil

De 1906 a 1910 - 100 mil

De 1911 a 1912 - 150 mil

De 1913 a 1923 - 200 mil

Distribuição dos almanaques

Os almanaques eram distribuídos gratuitamente para todo o Brasil.

Temas

Na virada do século, momento em que este almanaque surge, as idéias de progresso e civilização se delineavam no país. Surgiam idéias sobre medicina social, medicina sanitária, trabalhos de saneamento básico e reurbanização. Mais do que isso, a raça brasileira precisaria ser moldada para trilhar o caminho da civilização.

A saúde e a educação eram fundamentais para um conceito de processo civilizatório ancorado na Ordem/Organização/Trabalho. Os inimigos naturais passariam a ser os pobres, sujos, analfabetos e ignorantes.

O almanaque de farmácia traz em seu bojo, a medicalização do espaço urbano - rural, trazendo uma política higienista, com normas de conduta individual e social (CASA NOVA, 1990), conforme exemplar do almanaque Granado para o ano de 1892. (figura 19)

5.2. O Almanaque IZA. Circulando há 85 anos...

Histórico

“Venho à presença de Vossa Senhoria para confessar-me verdadeiramente encantado com o pequeno “grande” Almanaque Iza.

Tal foi a impressão agradável que tive ao ler, pois seu conteúdo traz tantas coisas úteis, interessantes e ilustrativas que me vi na obrigação de apanhar um exemplar, levar para casa e o reler na íntegra, “todinho” para minha família que ouviu com toda atenção... aconselho a todas as famílias que não deixem de ler o pequenino “grande” Almanaque Iza.”

Capão da Canoa. R.S. 1973 (carta publicada, na primeira página, junto ao editorial do Almanaque IZA-1973)

O Laboratório Kraemer foi fundado na cidade de Taquari-R.S. em 1905 pelo senhor Paulo Kraemer, nascido em Stoep-Alemanha em 1856. Emigrou para Joinville-S.C. em 1891. A princípio, o Laboratório começou a funcionar em Curitiba em 1903. Com o falecimento do fundador em 1930, assume a firma o Sr. João Adolfo H. Kraemer.

Atualmente o Sr. Weber e sua filha, ambos ligados à família, trabalham no Laboratório e são os responsáveis pela montagem dos almanaques.

As informações obtidas no laboratório Kraemer indicam que desde o primeiro número do almanaque (figura 20) até a atualidade, a confecção fica a cargo da família: primeiro o fundador do laboratório, depois o seu filho e atualmente o marido da bisneta do fundador e sua filha. Encontramos a seguinte informação no editorial do Almanaque .IZA. para o ano de 1988:

“Lamentamos a perda do ilustre amigo, colaborador dedicado, participante do sucesso até aqui alcançado... José Armindo Müllher foi redator desta publicação.” Informação esta confirmada pelos proprietários.

Um pequeno tratado sobre as diversas doenças e seus tratamentos com os preparados do Laboratório Chimico de Paulo Kraemer & Filho foi impresso na typographia Gundlak, Porto Alegre/R.S., nele não constando data.

Em 1910 é impresso o **Bolkskalender für Brasilien** ao preço de 1\$500, na gráfica Gundlak e Krahe. A numeração das páginas em cópia xerox é bastante desconstruída, constando até o número 477.

No ano seguinte é editado o **Iza- Kalender für Brasilien**, escrito em alemão, oferecendo calendário, horários, preços e distâncias entre as cidades através da via Férrea do Rio Grande do Sul. São encontrados anúncios de propaganda de exportadores, trabalhos em mármore, fábricas de cofre, fogões e camas de ferro.

Em 1912, edita-se o **Almanaque IZA** para o Brasil, em português e o **Kometen Halley's Iza-Kalender** (figura 21) para o Brasil, em alemão. Oferecem descrições sobre as principais festas móveis, estações do ano, eclipses e informações sobre datas importantes vinculadas à vida da nação, tais como as férias forenses estaduais e federais.

A escolha do nome, Cometa Halley (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1987), um corpo celeste, reflete o universo do almanaque ligado ao mundo dos astros. Provavelmente, pela data, 1912, a opção pelo nome está próxima da aparição deste Cometa em abril de 1910.

Halley, astrônomo inglês, determina a periodicidade do fenômeno o que pode indicar também a idéia de periodicidade do almanaque, que reaparece ano após ano.

O primeiro editorial do **Almanaque IZA** para 1934, traz um texto sobre a “Reforma Ortográfica que está sendo adotada no nosso País de acordo com o Decreto número 20108, de 15 de junho de 1931, que dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino a qual foi aprovada pela Academia Brasileira de Letras em conjunto com a Academia de Ciências de Lisboa”.

Gráfica

O Laboratório Kraemer não possui gráfica própria. O serviço para edição é feito após licitação. O almanaque vai para gráfica, que, além de imprimir, fornece as informações sobre as fases da lua, retiradas do Observatório Nacional.

Tiragem de exemplares

Nos últimos anos a tiragem de exemplares alcançou um milhão. Sua distribuição é totalmente gratuita, de 200 a 500 exemplares por farmácia. Para o ano de 1998 aumentaram a tiragem para 1.500.000 exemplares devido ao acúmulo de pedidos recebidos.

As primeiras edições de sua publicação, assemelham-se aos Almanques europeus: com textos longos, grande número de páginas, trazia também um tratado que descrevia as principais doenças e as possibilidades de medicação.

Na década de 50, muda e atinge o total de dezesseis páginas, permanecendo em torno de 18 páginas até a presente data. Apresentando o tamanho de aproximadamente 15 cm x 10 cm.

A alteração de modelos é gradativa. Embora na década de 50 ele já se apresente in octavo, com 16 páginas, ainda traz textos mais longos e um comprometimento com um cotidiano contextualizado que persiste em lembretes de obrigações fiscais, orientações cívicas sobre como votar, retiradas do SSI, obediência às leis de trânsito. Embora a cosmogonia seja do meio rural, ela incorpora as novas funções sociais dos cidadãos.

Temas e Leitores: épocas e traduções

Dirigido por duas comunidades de leitura: a brasileira e alemã ele transita de uma evolução temática das primeiras décadas de produção ao modelo dos Almanques franceses, estudados por Bollème e que trazem o imaginário coletivo, com o lunário, eclipses, calendários dos santos (até 1995), regras para o cultivo, pequenos textos e anedotas, permanecendo assim até a presente data.

No ano de 1905 era impressa a 5ª edição de A BÔA SAÚDE OU O MÉDICO HOMOEOPÁTICO DA FAMÍLIA, ampliada e melhorada, na versão portuguesa da 4ª edição alemã:

“medicina homeopática doméstica” compilada por Paulo Kraemer-Médico homoeopata autorizado pela directoria de hygiene do Rio Grande do Sul, membro científico e presidente eleito da sociedade homoeopática Hahnemann do Brasil, proprietário dos laboratórios desta sociedade.

O editorial denuncia charlatões que abusam da credibilidade popular. Exorta a eficácia da homeopathia e da hydropathia, desde que esta última seja usada com moderação pois os homens não são rãs ou peixes.

Embora assuma que há necessidade do médico homeopata, a distância entre os colonos e os recursos médicos permite que imprimam este livro com os dizeres: “observando a prescrição deste livro- não haverá engano.”

O cotidiano e a sua força revelam leitores tão próximos e tão distantes no tempo e no espaço. Em Torino - Itália, de 1785 a 1789, o médico Maurizio Pipino assim chamava o seu leitor no Almanacco di Sanità:

“Podemos orientar aquelas pessoas que estão distantes da cidade, dos médicos, que se encontram nos campos, nas vilas. Temos de pronto as noções mais importantes para o alívio dos enfermos...” (Braidà, 1990)

O Almanaque IZA para o ano de 1952 traz um texto de duas páginas e meia sobre A Arte de Comer, escrito pelo doutor S. Hoffmann. Neste texto ele faz referência à tal “Horta da Vitória” que seria então uma vitória para a saúde da família. Esta referência traz o contexto da década de 40 em Santa Catarina, onde a política para manter as pessoas no campo, cria pelotões de saúde, soldados que trocam as armas por enxadas e instrumentos agrícolas. Um texto como o dos antigos manuais, porém mudado para permanecer.

As normas de conduta aparecem muitas vezes endereçadas, como as do Almanaque IZA para o ano de 1958 (figura 22).

Os primeiros números do almanaque eram impressos em português e alemão, sendo que o último Almanaque IZA traduzido para o alemão foi o do ano de 1939, coincidindo com o início da Segunda Guerra Mundial. A capa, em português apresenta a questão: Quem vencerá? Vinculada ao embate da doença X medicamentos. A edição em alemão apresenta o desenho de uma embarcação na tormenta.

A relação do almanaque IZA com a época

“No ano de 1943 o editorial focaliza a guerra:

Enquanto o engenho humano emprega a sua capacidade no invento de explosivos mortíferos por sua ação devastadora, espalhando ódio e miséria por esta geração, a qual se encontra na madrugada da vida, eu aqui continuo religiosamente no meu dever de levar-vos o Bálsamo da Saúde na defesa do bem estar de vossa família.

Em virtude da situação atual e da escassez de material de toda a espécie, sou forçado a resumir as páginas desse Almanaque, apresentando-me apenas como um pequeno tratado.”

Após a Segunda Guerra Mundial o número de páginas começa a reduzir-se devido, principalmente, à escassez de papel (figura 23).

FIGURA 10: Editorial nacional do Almanaque IZA, Ano 1939.

O Almanaque IZA de 56 traz o seguinte aviso (figura 24) para os possuidores de rádio:

- E, as seguintes informações sobre o imposto de renda (figura 25):

Os Almanaques IZA da década de 70 trazem em suas páginas o ufanismo nacionalista. O Movimento do Mobral, nesta época, tinha como objetivo erradicar o analfabetismo. Ele aparece nas páginas do Almanaque IZA assim:

“Você já leu esse almanaque? Por certo!

Lamentavelmente, em nosso país nem todos podem fazê-lo pois ainda temos muitos analfabetos.

Você pode ajudar, encaminhando um analfabeto ao Mobral. Em todos os municípios há postos do Mobral; basta encaminhar o analfabeto, não lhe dá despesa alguma.”

Os Anos 80. A Década Perdida

Começando pelos editoriais, o Almanaque IZA adverte para as dificuldades e aponta o consumismo e a propaganda como causadores de insatisfações e vazios. Os Almanques para os anos de 81 e 83 apresentam, com algumas variações, o texto ao lado (figura 26), alertando para o consumo via propaganda e a necessidade do controle de gastos.

O editorial do Almanaque IZA para o ano de 84 traz:

“...Que o desemprego seja eliminado e o custo de vida abaixe. Nós, embuídos da preocupação da diminuição do poder aquisitivo, temos procurado manter os preços...”

Em 85:

“...A vida não está fácil. As privações são muitas. A propaganda consumista envolve por inteiro o indivíduo, com o visual da televisão mostrando “maravilhas” que faz com que certas futilidades muitas vezes sejam adquiridas em detrimento do necessário... Acho que devemos nos voltar mais para Deus agradecendo à Ele mesmo o pouco que temos...”

Ressaltamos que, em meados de 86, a inflação estava próxima dos 500% ao ano, indicando a necessidade de medidas emergenciais. O Plano Cruzado (plano de estabilização da moeda) caminhou no sentido de garantir os interesses da burguesia e das nações capitalistas em situação de risco.

Os salários foram congelados no valor calculado da média dos últimos seis meses, enquanto que os preços, em geral, foram congelados em alta. O congelamento era constantemente desrespeitado, apesar do batalhão dos fiscais do Sarney. Com o término das eleições de 86, os preços são descongelados através do Cruzado Dois.

O custo de vida aumenta e diante do panorama exposto acima, os conselhos presentes no AI, para poupar e precaver-se do consumo, apesar dos apelos propagandísticos, mostram-se adequados.

O Tom Religioso

Ele perpassa todo o Almanaque IZA em tom direto:

“Que Deus nos abençoe!”

“Pedimos a Deus que derrame suas copiosas bênçãos.” (1985)

Na publicação de orações, tais como a de São Francisco de Assis. Nas despedidas:

“Até o próximo ano, se Deus assim o quiser.”

“Atualmente, nestes tempos cheios de ameaça e convulsões, em que numerosos povos se acham separados por oposições recíprocas, nada mais oportuno que mencionarmos as palavras de Cristo: Amai-vos uns aos outros...” (1959)

O Tônico Salvol e o Desempenho Escolar

Assim como na propaganda de outros tônicos o Salvol é vinculado também ao rendimento escolar como podemos verificar nos textos (figuras 27 e 28):

FIGURA 11: Matéria relacionada ao rendimento escolar

FIGURA 12: Matéria relacionada ao rendimento escolar

Superstições e Crenças

O texto mais longo sobre superstições foi encontrado no Almanaque IZA - 49. Foi publicado sem nenhum comentário ou presença de tom irônico ou depreciativo.

Mostrava o respeito às práticas seculares, transmitidas oralmente, passadas dos pais para os filhos.

“Ao entrar no serrado em procura do seu matungo, tem o cuidado de apanhar um ramo de vassourinha e pô-lo na cinta; ao fazer o seu cigarro não se esqueça de jogar fora um pouquinho de fumo. E sabem por quê? O ramo de vassourinha o livrará dos carrapatos e micuins; a pitada de fumo que pôs fora é para as almas benditas.”

O mesmo não ocorre com um texto sobre a crendice de “Dormir do Lado Esquerdo”, página 19 do Almanaque IZA de 1949 (figura 29).

FIGURA 13: Almanaque IZA de 1949

Os julgamentos sobre tal crença aparecem nos adjetivos, absurdo, conversa fiada... E, para concluir, oferecem explicações e conselhos para um bom sono, baseados em “conhecimentos”.

Quando a Crendice pode ser Crença...

Por ser um almanaque voltado para as questões de saúde, o Almanaque IZA tem o papel de informar e instruir. Porém se levarmos em conta todo o trabalho executado por Jean Vostet, em 1586, corrigindo e rearranjando as observações antigas dos camponeses, prejudicadas devido

à reforma do calendário gregoriano e que acabam aparecendo lado a lado dos versos antigos nos séculos XVII e XVIII (DAVIS,1990), poderíamos pensar em coexistências. As resistências às novas culturas que ameaçam um universo cultural sedimentado produzem tais coexistências que são apropriadas pelos indivíduos.

Aqui, no presente caso, as informações novas sobre o excesso de comida e a irritação nervosa que podem prejudicar o bom sono podem ser ou não apropriadas pelo leitor, que as lê dentro de seus hábitos e costumes.

Assim, o escrito sobre a indiferença do lado sobre o qual dormir, traz uma nova maneira de se relacionar com o conhecimento, não sendo suficiente porém, para mudar um hábito calcado nas tradições orais pois crença...não se discute!

Tanto que ELIAS (1990) afirma:

“Esses Tischzuchten e livros sobre boas maneiras constituem um gênero literário em si. Se a herança escrita do passado é examinada principalmente do ponto de vista do que estamos acostumados a chamar de “importância literária”, então a maior parte deles não tem valor. Mas se analisamos os modos de comportamento que, em todas as idades, cada sociedade esperou de seus membros, tentando condicioná-los a eles, se desejamos observar mudanças de hábitos, regras e tabus sociais, então essas instruções sobre comportamento correto, embora talvez sem valor como literatura adquirem especial importância. Lançam alguma luz sobre elementos do processo social em relação aos quais só possuímos, pelo menos no que se refere ao passado, pouquíssimas informações diretas. Mostram-nos com exatidão o que estamos procurando - isto é, o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo. Esses poemas e tratados são em si mesmo instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e a situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo,

através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado, em épocas diferentes, maneiras boas e más.”

Previsão Explicitada

A previsão do tempo baseada nos conhecimentos populares dos habitantes do campo aparecem no AI:

Baseando-se em “observações” da natureza, pode-se prever o tempo. Evidencia-se a construção de um conhecimento baseado em princípio, na capacidade de observação que os habitantes do campo, vivendo em contato com a natureza, possuem. Porém o conhecimento científico, resultante do uso de aparelhos, está também presente como neste texto: “Os perfumes retidos prisioneiros pelas altas pressões atmosféricas são liberados quando o barômetro baixa...”

Interpenetra-se neste texto a previsão calcada na sensibilidade, na educação do olhar e aquela resultante do desenvolvimento científico dos aparelhos de mensuração. Ambas, distanciadas das previsões que se confundiam aos presságios onde o homem era uma vítima diante das forças terríveis da natureza (figura 30).

Uma Boa Esposa Para a Década de 50

O eixo agrário, na década de 30, caminha para o industrial, na década de 50. Nesta época, há que implantar-se o modelo de família burguesa onde a mulher é uma boa esposa, boa mãe, cordata com o marido e informada.

Segundo CASA NOVA (1990) , “a sociedade exige da mulher deveres e virtudes do corpo e alma. Reforçando a estrutura familiar e colocando a mulher como mãe (reprodutora) e doméstica, responsabilizando-a pela saúde e felicidade dos filhos e do marido.”

A família, com a urbanização e industrialização caminha com o propósito de isolar-se da comunidade, constituindo-se privativamente. À

esposa, capital simbólico, cabe o cuidado da imagem do homem público. Nas regras impressas no Almanaque IZA, o modelo implícito de marido é o do empresário que possui sócios e secretárias e cabe a ela, deixá-los em liberdade para agir.

Como rainha do lar é indispensável que faça dele um lugar atraente. O cardápio deve ser repleto de novidades, fugindo da rotina. Nos momentos de folga deverá informar-se sobre os negócios do seu marido para poder trocar idéias com ele. As adversidades devem ser suportadas com coragem e resignação. A sogra e os parentes devem ser bem tratados. Privilegiar a harmonia, acomodando-se às pequenas diferenças... Atualizar-se com leitura, notícias para acompanhar seu marido e, além de tudo isso, ao fazer um vestido, preocupar-se com o gosto do seu marido em relação à cor e ao estilo!

“ O vestuário, diz ele a certa altura, é em certo sentido o corpo do corpo. Dele podemos deduzir a atitude da alma. E dá exemplos de que a maneira de vestir corresponde a esta ou aquela condição espiritual.” Erasmo (Apud ELIAS, 1990).

À mulher descrita nas regras, nem a condição espiritual lhe seria própria nos dizeres de Erasmo. Ela seria do esposo, dono do seu corpo e ainda do corpo do corpo!

O fim da Segunda Guerra Mundial irá colaborar para a volta da mulher ao lar, não só no exterior mas também no Brasil. O período de empenho terminara e o papel reservado a ela neste momento é o de administradora e o de rainha do lar.

Embora as mulheres participem do mercado de trabalho nesta época, tal participação era conflituosa com suas obrigações domésticas. A boa esposa será aquela que compreende sempre, vivendo para a felicidade dos seus entes queridos.

O jornal das moças de 13/11/1958 publica: “A esposa jamais deve imiscuir-se nas atividades profissionais do marido, a não ser para expressar aprovação por suas obras e a não ser que o homem seja realmente incapaz, ela evitará opinar sobre suas decisões.” (BASSANEZI,1997)

No Almanaque IZA de 1958 temos os mesmos valores impressos da seguinte forma: “Você pode enfrentar com coragem e resignação as adversidades financeiras, sempre de bom humor, sem criticar o esposo pelos seus erros ou compará-lo com homens mais próximos?” A interrogação parece repetir as prescrições do Jornal das Moças, aprovar, apesar dos erros, e não compará-lo a outros maridos, possivelmente melhores...

BASSANEZI (1997) afirma que: “as revistas que tratavam dos assuntos femininos traziam o modelo de família branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal... as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média do seu tempo assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas, e algumas também promovidas por essas mulheres.”

Os chamados Anos Dourados às vezes parecem prateados ou mesmo foscos...

Quanto às Sogras

PEDRO (1997) explicita que a cultura açoriana, presente em Santa Catarina, mantém, como tradição, a filha e o genro morando juntos. O modelo de família nuclear a ser implementado encontraria resistência nesta tradição. Morar com a sogra passaria a não ser civilizado. Na década de 80 do século XIX a sogra passa a ser associada a características negativas sendo que os jornais publicam inúmeras matérias ridicularizando as sogras.

Segundo a autora: “as análises para Santa Catarina ressaltadas as devidas diferenças e períodos podem ser estendidas às demais cidades do Sul, principalmente às suas capitais...” Portanto apesar das regras descritas para as esposas e cônjuges no Almanaque IZA 1958, terem sido retiradas de alguma obra, não necessariamente nacional, vêm de encontro às necessidades de uma sociedade que precisa estabelecer as regras da família burguesa nuclear mas que já não necessita do escárnio destinado às sogras, daí o aconselhamento para a convivência respeitosa e pacífica.

O fato das idéias positivistas influenciarem políticos e intelectuais no Rio Grande do Sul, enquanto que as idéias liberais influenciavam a nação, no contexto da proclamação da República, fazia com que os mandamentos publicados na imprensa não fossem indicados só para as mulheres mas também para os maridos. É interessante que, tantos anos depois, no Almanaque IZA para 1958, apareça, após as Regras para uma boa Esposa, as Sete Regras para os Cônjuges, regras que servem tanto para o homem quanto para a mulher.

Diante dos modelos expostos as apropriações serão diferenciadas devido às idiossincrasias presentes nos vários grupos culturais de imigrantes italianos, poloneses, alemães e portugueses.

Distribuição do Almanaque IZA

Ocorre nos seguintes Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo.

Os leitores do Almanaque IZA

Um Almanaque que Fala, Conversa com o Leitor

Ele é personificado, sempre escreve uma cartinha no final, como por exemplo, a carta abaixo, do Almanaque IZA para o ano de 1963.

“Querido leitor. Estamos chegando ao fim desta nossa “conversa” amiga.

Com meus votos de uma longa vida, proveitosa em prol de V.V., familiares e de vossa comunidade, me despeço cordialmente,

Almanaque Iza”

A Busca das Leitoras

Embora o editorial conclame o “estimado amigo, leitor e consumidor” são constantes os chamamentos à leitora: “Para a mulher e o lar”... “Respeitosos cumprimentos às nossas distintas leitoras”, “Receitas para você, leitora”, “Conselhos para a mãe”.

As páginas 08 e 09 do Almanaque IZA de 1960, dedicadas à mulher do lar, começa por pensamentos, conselhos para a saúde dos filhos, conselhos práticos para o bom funcionamento da casa e conselhos de beleza, terminando com receitas culinárias. São duas páginas inteiras, em sequência, endereçadas para as leitoras.

Sugestões para a composição do Almanaque IZA

As sugestões vêm através de cartas e ultimamente também por telefone. Segundo depoimento, quando o Almanaque IZA parou de publicar as fases da Lua recebeu vários telefonemas pedindo que voltassem a publicá-las. Outro assunto que gerou inúmeros telefonemas foi uma matéria descrevendo os efeitos benéficos de uma planta para a cura do alcoolismo.

As sugestões eram para que continuassem a reportagem em edições posteriores.

A falta de tempo das pessoas não é suficiente para determinar a não participação das pessoas. Elas buscam outras formas.

Quanto à tipografia

O almanaque de farmácia dilui os condicionamentos, normas e valores entre poesias, pequenos textos informativos e gravuras, facilitando a leitura e possível introjeção, o que de modo algum diminui a força de seu alcance.

Conselhos, lembretes, normas e previsão - O Almanaque IZA construindo/compondo o cotidiano.

Os conselhos presentes no Almanaque IZA

- Conselhos Para Fazer Negócios por Escrito e Não Verbalmente - A necessidade de documentar e selar os acordos estabelecidos. 1964
- Conselhos aos Criadores e Agricultores elaborados pela EMATER - Estrela. 1984
- Como Evitar Acidentes de Trânsito - 1974

O primeiro conselho reflete a mudança que ocorre entre os costumes cotidianos onde os negócios eram selados por um aperto de mão e a palavra dada. Temos, assim, a passagem do mundo calcado na oralidade para o mundo do escrito, das leis, dos documentos.

De acordo com CERTEAU (1990):

“ A origem não é mais aquilo que se narra, mas a atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como texto. O “progresso” é de tipo escriturístico. De modos mais diversos, define-se

portanto pela oralidade (ou como oralidade) aquilo de que uma prática “legítima” - científica, política, escolar etc. - deve distinguir-se. “Oral” é aquilo que não contribui para o progresso; e reciprocamente, “escriturísticos” aquilo que se aparta do mundo mágico das vozes e da tradição.”

A normatização encontra-se presente em vários textos, tais como:

- Pequeno Tratado das Diversas Doenças - provavelmente editado em 1905
- A Arte de Comer - 1952
- Dez Regras que fazem uma Boa Esposa - 1958
- Sete Regras para ambos os cônjuges - 1958
- Orientação cívica sobre o voto -1959
- Um Quadro Obstétrico para Calcular a Data da Gravidez e o Possível Parto, sendo que, ao lado do mesmo, na outra página, temos o texto “Como Criar um Delinqüente” que prescreve regras para uma boa educação ao “inverso” pois nele encontra-se presente tudo o que você não deve fazer para educar bem uma criança. - 1966
- Orientação para Alimentar Bebês - 1971
- Malefícios do Àlcool - 1973
- Regras para bem viver, página 7 Al 93

Lembretes

- Informações sobre tarifas postais - 1958
- Lembrete de algumas obrigações fiscais - 1960
- Calendário de Vacinação – 1960

Fontes consultadas para a confecção do Almanaque IZA

Pelas informações obtidas, as matérias para compor o Almanaque IZA são tiradas de jornais e revistas de grande circulação na época, portanto, é previsível que durante a garimpagem de pesquisa, os fios perpassem dos jornais para os Almanques, revistas e livros, interligando-os.

As fontes consultadas atualmente para a montagem do Almanaque IZA são revistas variadas e de grande circulação, tais como: Cláudia, Nova e Manchete, sendo que costumam pedir licença para publicar determinadas matérias. Utilizam ainda jornais, Seleções Ridges Digest's, piadas, almanaque da saúde-SNES e informações interessantes, de domínio popular.

Segundo uma funcionária entrevistada, é necessário tomar muito cuidado com o que se publica pois os leitores, conforme carta abaixo (figura 31), pedem informações e para que eles não se sintam traídos em sua confiança precisam receber as informações solicitadas.

FIGURA 14: Carta de uma leitora

Precursor da Agenda

A década de 30 traz a inserção de espaços em branco (figura 32), para possíveis anotações, ao lado do calendário.

BRAIDA (1990) descreve o Almanaque Palmaverde, editado no Piemonte - Itália de 1722 a 1774, como sendo um dos poucos almanaque-

agenda que se podia comprar em Torino. No final do calendário semanal apresentava uma página branca. Em 1780, ele seria imitado pelo “Nuovo Almanacco di Comércio (Torino Masserano - 1791/1787)” que inovaria colocando um espaço em branco para cada dia do ano, como uma agenda moderna. Dirigido a um público específico, continha no frontispício a seguinte declaração:

“Almanaque útil e cômodo para qualquer pessoa a qual seja necessário escrever lembretes, anotações para todos os dias do ano, principalmente militares e comerciantes.”

Quanto ao espaço em branco o Almanaque IZA se assemelha ao Nuovo Almanacco di Comércio, com o espaço em branco ao lado do calendário dos santos. Tal espaço prestar-se-ia para as possíveis anotações de batizados, nascimentos, pagamentos de dívidas, aniversários, indicações de sementeiras, colheitas, castração de animais. No comércio, para anotar compras, vendas, pagamentos e dívidas. Nas paróquias, para anotar número de nascimentos, batizados, mortes e novenas.

A relação de leitura estabelecida é diária, tal qual o movimento em relação à agenda. É um material sempre à mão, manuseado cotidianamente, ficando gasto no final do ano, mas muito importante enquanto memória dos eventos ocorridos, das marcas, das alegrias a serem lembradas e das perdas a serem esquecidas, porém registradas. Do material/documento que resiste para as comparações de colheitas, de compras, de doenças, de um ano a outro. Igual e diferente.

O Almanaque IZA para os anos de 1932 e 1934 apresentam nas primeiras 26 páginas o calendário-agenda. Após o mês de dezembro aparece o segundo editorial chamando o leitor para o que o almanaque oferece.

“ Entre os cristãos a autobiografia geralmente constituía um subproduto de um livro de contabilidade e/ou nascimento, matrimônios e óbitos anotados num exemplar da Bíblia, num livro de horas e em qualquer

outro texto ou calendário de carácter religioso. Assim, na época de Glikl (século XVII) os homens de Hamburgo registravam fatos familiares, dias de comunhão e transações comerciais em calendários cristãos devidamente impressos com amplas colunas em branco.” DAVIS (1997).

Segundo a pesquisadora a Familie Rotermundt possuía doze calendários impressos em Nuremberg, (de 1660 a 1682), em que Rotermundt registrou vários dados da família, pessoais e de negócios. A Familie Peter Lütken possuía dois calendários (de 1687 e 1688) contendo dados familiares nas colunas em branco.

A escrita irá transformar a memória oral, coletiva. Nas sociedades sem escrita a memorização não se dá palavra a palavra. A transmissão sofre alterações e não há um sentimento de que seja necessária a repetição exata do fato. Segundo Goody a escrita gera uma nova aptidão intelectual: organiza-se um poder que é inovador.

Na Idade Média ocorrerá uma dominação da memória coletiva através do processo de cristianização. A escrita ajudaria o processo mnemônico com listas, glossários, “organizando” a memória coletiva. (Le Goff apud GOODY, 1992).

Esse processo de memorização, característico do mundo da escrita, com a agenda, sugere toda a transição do oral para o escrito dos leitores do Almanaque IZA em 1933/1934, pois “...a vida cotidiana foi penetrada pela necessidade de memória.” (LE GOFF, 1992).

Com a agenda, a escrita assume a função de registrar informações através do tempo e do espaço e a função de marcadora desse espaço e desse tempo. A agenda mostra a difusão da escrita no meio rural que começa a se relacionar com o desenvolvimento urbano.

Sai-se da esfera auditiva para a visual, como THOMPSON (1992) explicita com o griot, historiador oral, Kebba Kanga Fofana. Ele conta a história ancestral do clã dos Kinte localizando as coisas no tempo, não com datas do calendário mas datando-as de acordo com acontecimentos físicos, como por exemplo, uma inundação. A marcação do tempo na oralidade é diferente das marcas da escrita! Tanto que MOYSÉS (1992) ao falar sobre as línguas dos negros vindos para o Brasil coloca que:

“...há uma relação com a palavra, marcada pela oralidade. São povos sem escrita, porém com uma herança cultural transmitida, através das gerações, a seus descendentes, por uma forma de comunicação auditiva, socialmente identificada e pública.” onde “O segredo residia menos nas precauções do silêncio do que era dito à parte do que na significação simbólica e esotérica das mensagens, ligada a graus de iniciação de conhecimento.

Quando essas línguas orais “passam” para a escrita não se utilizam de formas de memorização que provêm da reflexão linguística escrita. Utilizam-se do léxico enquanto lista, enquanto elemento de passagem do oral para o escrito. Enquanto suporte mnemônico.”

O exemplo acima pretende ilustrar a discussão de Le Goff sobre a diferenciação entre a memória coletiva calcada na oralidade e a memória produzida pela escrita.

Assim ao aparecer os espaços em branco nos almanaques, para anotações, presentificam-se as alterações relacionadas à memória coletiva, privilegiando as novas relações constituídas socialmente na e pela escrita, que privilegiam mais do que tudo a memória individual.

A organização pela escrita será aquela que privilegiará um novo poder, que: “ ... diz respeito ao vértice do sistema engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gestos, nem em produtos,” Leroi-Gourhan (apud LE GOFF, 1992).

Do Almanaque-Agenda ao Almanaque-Régua

Nas décadas de 70 e 80 o Almanaque IZA imprime nas contracapas internas (papel mais encorpado e firme) uma régua de 0 a 15 cm de um lado e em polegadas, no outro lado. As réguas foram impressas verticalmente nas bordas das capas (figura 33).

Ele se altera novamente para poder permanecer... útil, de uma utilidade que o transforma em um instrumento de medida prático. Não só informação, divertimento, mas o caráter de praticidade levado ao extremo. Uma leitura que se impregna de ação, que entra e sai de gavetas e armários para as mais variadas funções, inclusive a de medir.

FIGURA 15: Almanaque-Régua

5.3. Um Capítulo à Parte: O Almanaque Biotônico Fontoura, O Jeca e o Imaginário Nacional

Histórico

Falar/escrever sobre o almanaque do Biotônico Fontoura (figura 34) é re-apresentar uma teia da qual fazem parte Cândido Fontoura, O Biotônico, Monteiro Lobato, Jeca Tatu, Imprensa, Propaganda e Literatura.

Cândido Fontoura nasceu em 1885 em Bragança Paulista - SP. Diploma-se em farmácia no ano de 1905 e já em 1910 seu fortificante é licenciado pelo Serviço Sanitário do Estado.

Em 1915, vem para São Paulo trazendo a fórmula do Biotônico que ainda não era tão conhecido. Possuía alguns amigos e admiradores decorrentes dos artigos que escrevia para O Estado de São Paulo sobre Saúde, dentre eles o de título: “A Saúde Pública e as Farmácias” que teve grande repercussão. Artigo este que trazia a discussão sobre a morte de 50 crianças em 1913, em Recife, no Asylo dos Expostos, vítimas de erro na administração de vermífugos. Propunha uma legislação a ser implementada visando as mazelas existentes, pessoas despreparadas, mercantilismo e ausência de fiscalização do governo. (9/01/1916).

A composição do Biotônico apresenta extratos de plantas aromáticas, tônicas e eupépticas, ferro, fósforo e um teor alcoólico de 9,5%.

O imaginário tecido com o Biotônico constrói uma necessidade de substâncias que interferem no desempenho escolar...

Be a Bá, Be é Bé, Be i Bi, o tônico Fontoura.

As propagandas envolvendo a escola, a disposição para aprender, o bom raciocínio estão metamorfoseando os mouros, dragões, cruzadas e batalhas em professores, provas, passar de ano.

Biotônico, um tônico capaz de mudar a vida, tornando-a mais cheia de energia, transformando apatia em desempenho, preguiça em vontade. Composto por plantas assim como os antigos bálsamos.

Embora o Biotônico já apareça com uma nomenclatura moderna, edita-se em 1926, no Rio de Janeiro, o Almanaque Aquarone que traz a propaganda do elixir de inhame (figura 35).

Quando o “Tio Candinho” revela a história do seu tônico, o Biotônico Fontoura, mescla-se com a história do amor à esposa:

“...aos fundos da botica, onde havia um quase impossível laboratório de experiência química, onde, como um alquimista fantástico da Idade Média, ensaiava fórmulas de realização difícil.” (Migliano - 1985).

A imagem trazida pela descrição não poderia ser mais adequada Alquimia/Idade Média.

“...E foi assim que nasceu o Biotônico. Um cientista apaixonado, com a mulher gravemente enferma, necessitando de algo a mais do que os remédios convencionais. Necessitando de um verdadeiro **elixir da vida**, feito de muitos elementos e misturados com amor... Misturando todos os elementos, realizando todos os testes, o cientista chegou a um líquido maravilhoso, forte, límpido, realmente contendo um **indescritível segredo de vida**...Acrescentou ao líquido um sabor muito próximo da **verdadeira paixão**, inimitável em qualquer tempo, fosse qual fosse o avanço tecnológico (grifos meus).” (Almanaque Fontoura para o ano de 1976)

Do elixir de Ferrabraz das feiras até os almanaques atuais, do oral para escrito, no Brasil, proliferaram almanaques de laboratórios, saídos das gráficas que imprimiam os rótulos dos medicamentos. Mais que um veículo de propaganda, estabeleceu-se como material de leitura. Mais que consumidores, leitores.

Distribuição

Neste universo, o Almanaque Biotônico Fontoura é, sem dúvida, o mais importante deles. Impulsionado pelo sucesso do folheto Jecatatzinho, distribuído anteriormente pelas farmácias, o primeiro número sai em 1920 elaborado e ilustrado por Monteiro Lobato, com uma tiragem de 50.000 exemplares. Durante as décadas de 30 a 70, o número de exemplares impressos e distribuídos oscilou entre dois e três milhões e meio.

Na década de 60, a distribuição do Almanaque Biotônico Fontoura é feita através de 10 filiais da Fontoura, no Brasil. Cem vendedores ofereciam o Almanaque aos donos de farmácia que pagavam impostos, fretes e a impressão do nome de suas farmácias na capa.

O Almanaque é a primeira peça publicitária de comunicação de massa. Fato que reflete no número de leitores da Amazônia, 162 mil, que o pedem em 1970.

Na década de 80, o Departamento de Marketing do Laboratório publica que os maiores consumidores do Biotônico Fontoura são: mulheres, filhos, trabalhadores, classe média e baixa em geral. Segundo esse departamento dez milhões de pessoas lêem o Almanaque e 60% dos leitores o colecionam. Sendo que... constantemente, o Biotônico é promovido através de cartazes de ponto de venda ou **degustação nas escolas**. (Daniela Chiaretti-Gazeta Mercantil de 28/11/85).

Capas e Rótulo

Sua evolução é a dos tempos, alterando as capas que mostrarão os costumes, a moda, os penteados. Por exemplo, em 1952, a capa mostra uma secretária americana ingênua e eficiente do pós-guerra. Em 1953 aparecem os grandes musicais da Atlântida, os vestidos rodados. Em 1960 as atrizes de Hollywood. Em 1963 os editores começaram a imprimir figuras religiosas na capa, reproduziram quadros de Filippo e Bellini e o projeto da Basílica de Nossa Senhora Da Aparecida.

Ressalto que o rótulo do Biotônico foi e é impresso, até a presente data nas cores verde-amarela, numa identificação com as cores da brasilidade. A indústria nacional, num produto que constrói a nova raça brasileira, forjado em suas cores.

Temas

O desenhista Zélio, irmão do Ziraldo, cuidava das ilustrações e diagramações. Nesta década (60), o Laboratório recebia, além das cartas, pedidos de fotos da dupla Tuta e Tota, patrocinada pelo grupo, na rádio Bandeirantes.

Na década de 80, época do centenário de nascimento de Cândido Fontoura, Duílio Crispin Farina, presidente da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista de História e dos Institutos Histórico e Geográficos de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina, profere uma oração no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Momento político...

“Vinha o Brasil de Campanhas nobilitantes. A voz, o discurso e o estro* de Rui e de Bilac. A campanha nacionalista de Olavo Brás Martins de Guimarães Bilac e o civilismo de Rui, sacrossanto velho, civilista imortal de nossa fé. Vacinação e voto livre, saúde e civismo, esperança, lábaro e dístico de uma geração, labor desprendido, forças do espírito, primado da inteligência e da ação. Serviço militar, nação e brasilidade. E agora Lobato e Fontoura, o trato do povo e o Biotônico, verminose e calçado, o Jeca e o Coronel. Nativismos e medicamentos brasileiros. **Almanaque, evangelho sanitário**, forças, quiçá inconscientes, que vão eclodir com o Monteiro Lobato, do petróleo, em luta contra o desânimo nacional e com Cândido Fontoura na ereção da **Indústria Farmacêutica Verde-Amarela** (grifos meus).

Leitores

Desde a primeira edição, até a década de 70 o Laboratório Fontoura recebeu diariamente uma média de trinta cartas, de leitores interessados em seu almanaque.

Os entrevistados revelam:

“Quando eu estava no segundo ano da Escola de Aparecido Bonito, que fica em Santa Fé do Sul, houve uma epidemia de amarelão. A prefeitura fez um programa de prevenção, principalmente nas escolas rurais. Como a maioria das crianças andava descalço, eram barrigudos, fracos e com vermes, uma senhora da cidade que era “metida” a médica, examinava os olhos, boca e ouvido das crianças, distribuindo um vidro de Biotônico para cada criança, por mês.

Quando os médicos foram na escola chamaram os pais para dar uma palestra sobre a doença. Distribuíram o Biotônico e o livrinho. A partir daí, na minha casa, sempre se consultava este livrinho para tudo. O único irmão que lia, lia para nós todos.

* estro: inspiração/imaginação

Na palestra, disseram que o Biotônico dava saúde, ajudava na memória e na inteligência. Eu e meus irmãos tomamos, religiosamente, até os dezesseis anos. Como a gente era pobre, minha mãe fez a carteirinha do posto de saúde e todos os meses ia buscar um vidro de Biotônico para cada filho. Como ela era analfabeta punha o dedo para marcar que havia recebido.

No livrinho que a gente recebia tinha o desenho de um menino de boca aberta, recebendo o Biotônico da mãe.

Há 5 anos atrás, quando fui para Santa Fé, nas escolas, antes da sopa, as crianças recebiam uma colher do remédio. Nessa época havia um outdoor na entrada da cidade que mostrava o mesmo desenho do livrinho.

Hoje eu percebo que a imagem que o livrinho passava era que o caboclo era desnutrido, barrigudo, pobre, isto através do Jeca Tatu, enquanto que o morador da cidade era bem vestido e forte, então o mal estava na roça e para melhorar isso só tomando o Biotônico, pois assim, iriam ficar fortes e ir para a cidade. (Wilson, 36 anos)” (Vilela, L. 1992)

Outros leitores afirmam:

“O Jeca no começo não sabia nada. Nem plantar. Não tinha saúde e precisava aprender a fazer quase tudo. No final da história ele aprende, vira doutor, tem carro e fazenda. Você ficava com a idéia de que se fizesse o que o Jeca fez iria progredir na vida.” (Getúlio, 67 anos)

“Aquela revista vinha para o pessoal do interior para catequizar, ensinar que a gente teria que ter higiene. Tomar vitamina. Fazer propaganda dos remédios que eram mandados para o Posto de Saúde” (Tereza, 53 anos)

“Que ninguém deixe enganar pelo tom de conto-para-fazer-criança-dormir, Jeca Tatu foi uma excelente arma de propaganda do Biotônico, da Ankilostomina para o amarelão e do Detefon...” (Folha de São Paulo, 12/05/1985)

JECA TATU

De Jeca Tatu a Zé Brasil: A Possível Cura da Raça Brasileira

“... Como Monteiro Lobato era paulista, eu sempre associei a personagem Jeca Tatu ao caipira paulista. Lembro que, nos anos 60, distribuíam nas nossas escolas ou nas nossas casas, em Recife, folhetos de instrução contra verminoses.

Eram folhetos ilustrados com a imagem do Jeca Tatu cagando no matinho, a barriga inchada de vermes, o amarelão, a inércia. Na minha cabeça de menina, a idéia cresceu assim: nunca ser como o Jeca Tatu.

Depois, já vivendo em São Paulo, a figura do Jeca confirmou-se na derivação cômica dela: Mazzaropi. Só muito mais tarde me surpreendi ao descobrir que o interior paulista, de onde vinham Jeca Tatu e Mazzaropi, era outra coisa. Mas essa passagem, a transformação do Jeca Tatu em novo rico, não ficaria bem elaborada na minha cabeça.”

Marilene Felinto

“Foi em uma dessas andanças pela redação de O Estado que o Cândido Fontoura conheceu Monteiro Lobato, também colaborador do Jornal, iniciando-se uma grande amizade entre o escritor e o industrial. Depois de experimentar o Biotônico, Lobato acabou por tornar-se propagandista, escrevendo os livretos do Jeca Tatuzinho que contavam a história de um caboclo que, fortalecido pelo “miraculoso elixir” faz com que todos os animais de seu sítio tomem o xarope e protejam seus pés com calçados para evitar a contaminação. Lobato nada cobrou pela criação e ilustração do Jeca Tatuzinho, que ficou famoso com suas 35 edições de mais de 100.000.000 de exemplares. A revista era distribuída junto com o vidro de fortificante e só parou de circular há cerca de 10 anos, o que não aconteceu com o almanaque do Biotônico...” (O Estado de São Paulo, 1985).

“O Biotônico Fontoura invadiu os bondes, ônibus, paredes e muros do Brasil. E, através do Almanaque, cuja coleção completa constitui uma das peças raras da Biblioteconomia nacional, tornou-se mais que um remédio, um oráculo doméstico, no qual o brasileiro acreditava e confiava... (Carlos Heitor Cony-Tendências, agosto de 1975)”

Os envolvidos são pessoas próximas, como o tio Candinho, mais uma personagem se não criada, retocada, incluindo uma designação próxima dos habitantes do Sítio do Pica Pau Amarelo, vó Benta e tia Nastácia. Lembrando que em 1951, o Sítio na TV Tupi, um dos programas de maior sucesso da TV brasileira, era patrocinado pelo Biotônico Fontoura.

Neste momento político (1920) as idéias de nacionalismo provinham do modelo colocado pela Liga Nacionalista, criada em 1917, cujas discussões voltam aos idos de 1908/1909 onde Olavo Bilac defendia a trilogia Educação, Saúde e Força. O nacionalismo queria tirar o povo brasileiro da letargia, combater pelo país e reforçar o caráter nacional (Sant’ Anna e Capelatto. Apud BARBOSA,1994).

A grande imprensa de São Paulo dará total cobertura à euforia progressista.

Dentre as preocupações estava a de oferecer uma educação popular para os trabalhadores urbanos. No período que vai de 1917 a 1919 implantaram 6 escolas nacionalistas que ficavam localizadas nos bairros operários, funcionando das 19:00 às 20:00 horas. A meta era neutralizar conflitos, daí a luta para fechar escolas de imigrantes, anarquistas em 1919. Após 1939, foram fechadas 284 escolas de imigrantes, na maioria, japonesas.

Nessa época o trabalhador brasileiro era pensado, via de regra, pelas teorias sobre a superioridade e inferioridade das raças.

O grupo da Liga Nacionalista de São Paulo, vinculado à área educacional, comungava com as idéias de Monteiro Lobato refletidas na sua personagem, o Jeca, que trabalhava somente o necessário para subsistir. Tal grupo acreditava que era possível mudar o Jeca, educando-o de forma conveniente para ser um cidadão útil... aquele que construiria a riqueza da nação.

As afirmações acima justificariam pois, a tradução do Jecatutuzinho pelo Laboratório Fontoura, para o japonês e o alemão, voltados às colônias agrícolas que falavam este idiomas.

O jornal O Estado de São Paulo defendia o que considerava o motor do desenvolvimento para o Brasil, a união da indústria, da agricultura e do comércio que possibilitariam o progresso social e econômico, partindo da educação. Tais valores, exaltados na década de 20 ressurgirão no nacional-desenvolvimentismo da década de 40.

Jeca-Leão, Mané Chique-Chique e outros tipos

Construir um personagem literário, que represente o nacionalismo vem desde Gonçalves Dias com I-Juca-Pirama...

Porém, com o Jeca Tatu, não era unânime, nos meios intelectuais, a inferioridade racial brasileira, presente no arquetípico Jeca. Rocha Pombo, por exemplo, era simpatizante dos anarquistas, assumindo uma postura nacional-pacifista. Em seus trabalhos valorizou o brasileiro salientando justamente o fato de ser uma raça mestiça. Para contrapor ao Jeca cria o Jeca-Leão, na revista América Latina, um matuto esperto e forte. Segundo ele, as qualidades das três raças, resultava em um povo altivo, amoroso e inteligente. (BITTENCOURT, 1988)

Mané Chique Chique, criada por Ildefonso Albano, deputado cearense, possuía vivacidade, era robusto e havia participado da História da pátria.

Jeca-Leão e Mané Chique Chique, caboclos com várias virtudes, orgulhavam-se enquanto habitantes do país.

Menotti del Picchia cria seu Juca Mulato, caboclo forte como a peroba e livre como o vento, 3 anos após o Jeca de Lobato. Uma personagem rural que enfatiza o lado sentimental e melancólico do caboclo.

Juca Pato nascerá do caricaturista Belmont quando o Jeca de Lobato e o Juca Mulato do Menotti del Picchia já haviam conquistado fama.

Os três personagens, Jeca, Juca Pato e Juca Mulato são expressões do homem rural brasileiro totalmente abandonado ao seu destino...

No teatro e no cinema, Mazzaropi conseguiu unir duas culturas. De um lado as raízes italianas e do outro a do caboclo do vale do Paraíba. Encena seu Jeca com humanismo, sensibilidade e uma esperteza e matreirice que o leva a dar a volta por cima nas situações e humilhações e ridículo a que era exposto. Sem os exageros da figura no teatro e no circo, de forma simpática, ganhou o público que sorriu e chorou por muitos anos vendo-o na tela em filmes que expunham seus dramas e seu veio cômico.

Mas não foram somente os intelectuais a criarem respostas a Lobato, humildes cantores de viola também... e aí vão as “Trova de Cinco Pé”, do Garganta de Oro, publicada no jornal O Estado de São Paulo de 18/04/1982.

Pro Montero Lobato

*Dexei a minha floresta
das banda do Tatetu,
dexei a vida modesta
prá-mór-de forgá na festa
cos otro Jeca Tatu.
Cabocro destas parage
não andamo melano mé...
Prá assisti festa fais viaje,
num é Jeca de bobage
como o Jeca do Urupé.
Os caipira deste mato
não anda de quatro pé;
não são Montero Lobato,
como tu, feição de gato,
quis pintá no Urupé.*

Nem só personagens se enfrentaram brigando pelo espaço na imprensa na ânsia de retratar a raça brasileira, homens de letras cortejaram personalidades, no caso, Cândido Fontoura, oferecendo pequenos libelos literários que exaltavam suas qualidades e a de seus produtos. Falo aqui, do

grande poeta parnasiano Amadeu Amaral que lhe ofereceu o soneto Imprevidência e Monteiro Lobato que ofereceu-lhe o Conto Industrial. O que poderia passar por um mimo mais que merecido à indústria farmacêutica emergente traça outros possíveis caminhos via imprensa de 1920, particularmente no Estadinho de 6/12/1920 onde é publicada a resenha do livro de Amadeu Amaral, *Dialeto Caipira*. Embora sejam comuns os elogios: “...o autor não se limitou a juntar um punhado de phrases correntes entre os nossos sertanejos, vistos até agora pelo seu lado puramente anedótico: foi às suas origens, estudou-as minuciosamente, pondo nesse estudo todo amor e carinho que costuma dedicar às suas obras...”

O texto começa com uma apologia a Monteiro Lobato que “desentocou” o caboclo e o levou a assunto do dia. É ele quem traz o caboclo para a cena!

No dia seguinte, portanto, 7/12/1920, Amadeu Amaral publica no mesmo Estadinho a carta resposta que transcrevo abaixo:

*“Noticiando, hontem, o recebimento do meu livro “O Dialeto Caipira”, os “Trópicos” enxergaram nele um representante mais da larga corrente de idéias e de estudos que ultimamente se voltou para o nosso caboclo, graças a Monteiro Lobato. Rendendo todas as homenagens ao illustre escriptor e bom amigo que fez o “Urupês”, eu peço licença para rectificar esse engano. Eu teria muita honra em soffrer qualquer influxo de tão brilhante e querido **artista**¹, mas tratando-se de uma questão de facto, parece-me razoável restabelecer-se a estricte verdade. A verdade inteira é que eu comecei a trabalhar nesse livro há cerca ou há mais de 15 anos, tendo até publicado os primeiros capítulos na “Revista Do Brasil”, creio que ainda antes do aparecimento do Urupês.*

*Aproveito a oportunidade para agradecer as referências excessivamente generosas a meu **insignificante livrinho** (grifo meu).
Amadeu Amaral”*

¹ negrito com o intuito de chamar a atenção para o substantivo utilizado

Numa leitura acurada, vinculada a referências anteriores, aludiria Amadeu Amaral à origem da criatura? Do caboclo Jeca, de seus hábitos, sua credences, que ele vinha trabalhando há tanto tempo? Ele é um estudioso do caboclo há tempos, enquanto que Monteiro Lobato gesta a criatura, segundo Matias Arrudão, por puro despique... quem bebeu na fonte de quem?

Mas, como deve ser entre grandes expoentes públicos, em janeiro de 1921, Monteiro Lobato abre a Revista do Brasil com a seguinte declaração:

A Revista do Brasil tem o prazer de anunciar aos seus assignantes um facto auspiciosissimo, que lhe vem consolidar o prestígio adquirido em cinco annos de vida honesta. Amadeu Amaral e Afranio Peixoto, convidados, aceitaram a incumbência de dirigil-a, a partir deste número. Dado a alto valor mental de ambos, tal aquisição significa uma splendida victória a mais... Chefiada por dois ases dessa envergadura...

A Gênese do Jeca

Matias Arrudão foi quem mais polemizou na imprensa a gênese do Jeca. Crítico impiedoso, publica em 14/04/1955 o percurso de Monteiro Lobato como proprietário de terras, herdadas com a morte do avô. Mostra, através das “Cartas à Godofredo Rangel” que, num primeiro momento ele se entusiasma com a situação de herdeiro de terras, com o meio agrícola e com o caboclo que “...Ainda é a melhor coisa de nossa terra porque analfabeto, simples, muito mais próximo do avô Pitecantropo do que os que usam dragonas ou cartola e se dão ao luxo de ter idéias na cabeça em vez de honestíssimos piolhos...”

Com o decorrer do tempo, os lucros da terra não foram os esperados e a frustração povoa os pensamentos de Lobato que não hesita em culpar os empregados pelos fracassos:

“Vou ver se consigo escrever um conto, o porrigo descavans, em que considerarei o caboclo um piolho da terra, uma praga da terra...”

Arrudão afirma que enquanto o fazendeiro perde dinheiro, o escritor se valoriza...

Enquanto isso, no dia-a-dia lobateano:

“Atualmente, estou em luta com quatro piolhos desta ordem - “agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo... Tocar é o termo. Os daqui são meus inferiores socialmente e toco-os quando é mister.”

Como os piolhos eram mais que os quatro expulsos, a idéia continua latejando e tomando corpo na cabeça do escritor.

“Um feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da serra, o caboclo considerado o mata-pau da terra, constrictor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio, inadaptável à civilização.”

Quando Matias Arrudão afirmou a Monteiro Lobato que ele havia tirado o Jeca, não da coragem mas do fundo do bolso, este respondeu:

“Quando sarei, quando comecei a sentir em todo o seu horror o horror da miséria humana (de que o Jeca não passa de humilde ilustração) era tarde - minha obra literária já se havia cristalizado, e morto estava o meu interesse pelas letras. Reagi de uma outra maneira. Escrevi uma violenta série de artigos no “Estado” sob o título de “Problema Vital”, em que denunciava a doença do nosso homem da roça e o crime dos que na cidade, parasitariamente se gozavam do produto de seu doloroso trabalho.”

Segundo Lobato, apesar dos artigos, verificou que estes não passavam de clamores no deserto e começa a tentar salvar o Jeca por via indireta, lutando pela mecanização, pelo petróleo que poderiam libertá-lo de todos os males, mas infelizmente esta parte de sua vida ninguém reconheceu e os maiores prêmios recebidos foram com a “**obra má de vaidade**”.

Quando volta ao piolho da terra, na década de 40, culpa o fazendeiro no “Zé Brasil”, pelas mazelas do Jeca. Uma tentativa de redimir-se?

Em 1974, Arrudão se penitencia por suas críticas a Lobato, colocando com argumento que, tanto ele pretendia redimir o Jeca que escreve o Jecatatzinho se desculpando, não havia visto o doente no Jeca...

Na literatura brasileira, o caboclo aparecera romantizado em José de Alencar e Coelho Neto. Segundo Lobato essa representação ocorria pois quem fabricava tal literatura era quem vivia na cidade com medo de aventurar-se pelos campos. Para curá-los desta visão ingênua, propunha que lhes desse uma fazenda para administrar na serra. Garantia que essa “visão verdadeira” mudaria a descrição do nosso caboclo... (Nunes, 1982)

Na virada do século, as teorias raciais começam a ser discutidas no Brasil e serão os “homens de ciência” da época que, acreditando que os grupos inferiores impediam o rumo à civilização, empenharam bandeiras médicas, legais e literárias na cruzada pelo progresso do país, que obrigatoriamente passaria pelo aprimoramento dessa população que, segundo Gobineau era totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia. (SCHWARCZ, 1995)

É neste cenário que o papel formador da nova raça brasileira através do Jecatatzinho do almanaque começa a ser esboçado em 1912 quando Monteiro Lobato, vivendo na fazenda recebida de herança do avô, toca no assunto do piolho da terra. Convivendo com os empregados da fazenda, ele gesta esse piolho da terra. Porém, será em 1914, no Jornal O Estado de São Paulo, que sairá publicado seu artigo de título: “A velha praga”, denunciando o hábito pernicioso das queimadas das matas pelos caboclos. Assim aparece, no texto, o Jeca-Caboclo:

“... A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro...”

... Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela...

... não se liga à terra, como camponio europeu “agrega-se”, tal qual o “sarcopte²...”

... Chegam silenciosamente, ele e a “sarcopta” fêmea, esta com um filhote no utero, outro ao peito, outro de sete anos à ourela da saia - este já de pitinho na boca e faca à cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento e ...

... O Nero: é um urumbeva³ qualquer, de barba rala, amoitado num litro de terra litigiosa ... O caboclo é uma quantidade negativa ... ”

A repercussão é grande e o jornal propõe pagar por suas colaborações.

O próximo texto da personagem seria Urupês, em 13/12/1914, também publicado no Jornal O Estado de São Paulo, focalizando o Jeca, seu modo de vida, suas simpatias. O caboclo aparece como sombrio cogumelo, no pau podre e úmido, comparado aos campônios europeus. Com a modificação de algumas palavras, será o mesmo texto, impresso posteriormente no livro Urupês, lançado em 1918.

Esboça-se aqui, aquele que é preciso curar através da saúde e instrução. Binômio que estender-se-ia via almanaques de farmácia em direção aos bancos escolares.

O viajante Saint - Hilaire antecede-se a Monteiro Lobato quando se refere ao caipira no livro Viagem à Província de São Paulo:

“...Esses homens embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes, e , talvez, por excessos venéreos primários, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas do campo.” (Brandão. Apud YATSUDA, 1992)

² Sarcopte; parasita.

³ urumbeva ou urumbeba; sujeito crédulo, fácil de ser logrado.

O Jeca passeia por todas as seções da imprensa, pelos acontecimentos esportivos, comentários políticos, cartazes de teatro, campanhas sanitaristas e bancos escolares. O ápice do reconhecimento e popularidade da personagem dá-se na repercussão da Conferência de Ruy Barbosa, no Teatro Lírico, sobre a questão racial no Brasil que assim se inicia:

— “Conheceis por ventura o Jeca Tatu do “ Urupês” de Monteiro Lobato, o admirável escriptor paulista? Tivestes, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara na sua rudeza, aquele typo de uma raça que “entre as formadoras de nossa nacionalidade”, se perpetua a vegetar de cócoras, incapaz de evolução ou impenetrável ao progresso...” (Estadinho 24/03/1919)

A incorporação da personagem no imaginário nacional se dá, indiscutivelmente, por ocasião do enlace entre Cândido Fontoura e Monteiro Lobato. Ambos, pioneiros na indústria de São Paulo. Um, na indústria farmacêutica, outro, no comércio dos livros.

A personagem em questão, o Jeca, nasce da pena de Lobato em comunhão ao que ocorre no país, em termos de medicina social, medicina sanitária, trabalhos de saneamento básico e reurbanização. Tratam-se das idéias de Progresso e Civilização que marcam as décadas iniciais do século XX no Brasil. A raça brasileira precisaria ser moldada e polida para trilhar tal caminho. Saúde e educação seriam fundamentais para um processo civilizatório ancorado na ORDEM/ORGANIZAÇÃO/TRABALHO. Os inimigos naturais passariam a ser os pobres, sujos, analfabetos e ignorantes.

A tarefa dos higienistas será a de separar o burguês desodorizado, do povo infecto. (CORBIN, 1987)

Seria necessário tirar o cheiro da terra e dos excrementos que acompanham o habitante do campo, limpando e arejando suas residências, organizando os espaços, regularizando relações, abrindo caminho da casa do camponês à casa do futuro operário. Segundo Moléon, relator do

Conselho de Salubridade de 1821, na França, um povo amigo da limpeza logo se tornaria amigo da ordem e da disciplina.

A educação passa a ser, na linguagem do médico Miguel Couto, o evangelho da selva, com o seu elixir. A metáfora médica enxerga a sociedade brasileira como um corpo doente que precisa ser curado. A educação poderia e deveria aperfeiçoar a raça, higienizando, para não deixar vestígios de diferenças, tornando os corpos dóceis. O papel da elite intelectual do país seria o da união para conduzir o povo brasileiro a um ideal de coesão onde preocupar-se com a diversidade era trilhar a busca da harmonia (ROCHA, 1995).

José Bento de Monteiro Lobato era filho e neto de grandes proprietários de terras no Vale do Paraíba. Teve uma formação adequada a um neto do Barão de Tremembé, ou seja, o bacharelado em direito. Em São Paulo, trabalha colaborando com o Jornal O Estado de São Paulo do grupo Mesquita. Circula pela imprensa com propriedade, como colaborador e posteriormente proprietário de editoras. Encontra-se dentro da elite predestinada a levar o país rumo ao progresso! (MICELI, 1979).

Os discursos medicalizantes, raciais e educativos interpenetram-se na tessitura dos escritos. O elixir da educação aparece no elixir Biotônico, indicado para consumo na idade escolar, associado às substâncias que impedem o desgaste físico e mental. Distribuído nas escolas, junto com o Almanaque Biotônico Fontoura que tem como garoto propaganda o Jeca Tatu.

Em folhetos, a história do Jecatatzinho tinha na sua 35ª edição, a tiragem de 84 milhões de exemplares, sendo que em 1982, a tiragem alcançava 100 milhões. Aliada à tiragem de exemplares, que podemos considerar astronômica para o país, há a gratuidade do material que se esparrama de norte a sul.

A carta, escrita por Monteiro Lobato a Godofredo Rangel em 07/02/1927 a respeito das tiragens de exemplares, assim como, da associação da fórmula elixir-literatura, é esclarecedora para o momento:

“... E soltamos avalanche de papel sobre o público como se fosse uma droga de farmácia, um Biotônico. Anúncios, circulares, cartazes, o diabo. O público tonteia, sente-se asfixiado e engole tudo.”

Erasmus de Rotterdam, ao escrever *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), talvez não imaginasse o alcance de tal obra. Discutindo o comportamento das pessoas em sociedade, foi lançado em 1530, e em seis anos teve mais de trinta reedições, no total, mais de 130 edições. O autor foi colaborador da grande oficina tipográfica do humanista Johannes Froben, o que facilitaria as edições de “folhetos” susceptíveis de maior popularização. Sua obra reconhecida é sem dúvida *Elogio da Loucura*, embora tenha sido com os pequenos manuais de civilidade que alcançaria um grande número de pessoas. O processo civilizador gera manuais e cristaliza práticas a serem observadas. (ELIAS, 1990).

Monteiro Lobato é reconhecidamente, o maior escritor infantil do país, mas é com o Jeca dos folhetos e almanaques (manuais?) que alcança a popularidade.

São três os momentos do Jeca Tatu, em 1914, no artigo “Velha Praga”, o caboclo vazio, adepto das queimadas. Em 1920, No texto “Jeca Tatu e a Ressurreição”, o caboclo com possibilidade de cura via medicalização/instrução. E, posteriormente, em 1947 com o “Zé Brasil”, um Jeca atualizado, discutindo as idéias de Carlos Prestes, pelo qual o autor manifesta simpatia, onde o latifúndio será apresentado como o mal maior, denunciado através do fazendeiro, coronel Tatuíra, que nada planta. Sai em folheto, muito procurado, em edições clandestinas. A Editorial Calvino chega a tirar uma edição de luxo, ilustrada por Portinari.

A personagem em questão é fluida no sentido de portar espaços que são preenchidos de forma diferenciada, de acordo com os vários momentos históricos do país.

Do texto original do Jecatatzinho^{*}, destacarei passagens que afloram na intertextualidade com o intuito de explicitar, trazer à tona, momentos de uma problemática nacional indicando as relações entre autor-obra- momento histórico.

Jéca Tatú era um pobre caboclo que morava no matto, numa casinha de palha. Vivía numa completa pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos, pallidos e tristes.

Jéca Tatú passava os dias de cócoras, pitando uns enormes cigarrões de palha, sem animo de fazer coisa nenhuma.

la ao matto caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não se lembrava de plantar um pé de couve atrás do seu casebre.

Perto corria um ribeirão, onde elle pescava de vez em quando uns lambarys e um ou outro bagre. Com isso lá ia vivendo.

Dava pena ver a miséria da sua casa.

Não havia nella nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse commodidade. Um banquinho de tres pernas, umas peneiras furadas, uma espingardinha de carregar pela bocca, muito ordinaria, e só.

Todos que passavam por alli diziam ao vel-o:

Que grandessíssimo preguiçoso!

Tudo para elle não pagava a pena.....

^{*} Publicado no D.O. Leitura/Cultura. São Paulo. 1996. Pg. 8-9.

A única coisa que pagava a pena era ir á venda comprar pinga e beber.

Por que você bebe, Jéca? diziam-lhe.

E elle respondia:

Bebo para esquecer.

Esquecer, quê?

Esquecer as desgraças da vida....

E os passantes murmuravam:

Além de vadio, bêbado.....

A leitura sugere uma realidade causadora de repulsa. A mulher é feia, são incontáveis os filhos. O Jeca tem vícios, fuma e bebe o que poderia causar a degeneração racial tão temida. Vários filhos. A preocupação com o controle da sexualidade. A descrição da casa com absoluta falta de comodidade aponta para um local sem individualidades preservadas.

As prescrições acima enfocam não só as doenças, mas também o modo de vida, o cigarro, a bebida, a sexualidade, a fecundidade e as limitações do seu habitat.

Ao lado delle morava um italiano que já estava ficando rico. O homem trabalhava o dia inteiro e seu sítio era uma beleza.

Por que não fazia Jéca o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, Jéca dizia:

Não paga a pena plantar. A formiga come tudo...

Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio ?

É que elle mata.

Comparada aos estrangeiros imigrantes, a raça brasileira é inerte, incapaz e modorrenta....

Um dia passou lá um doutor e, como ameaçasse chuva, o homem resolveu abrigar-se na casa do Jéca. Pediu licença, entrou e abriu a bocca diante da miséria da casa.

Depois, prestando atenção no Jéca, e vendo como era pálido e magro, resolveu examinal-o.

Esse doutor era um médico muito estudioso e inteligente. Tinha escrito vários livros e vivia a falar de hygiene.

Acabado o exame, o doutor disse:

Amigo Jéca, sabe você que o que você tem é doença?

Mas Jéca não podia acreditar numa cousa: que os taes bichinhos entrassem pelo pé. Elle era positivo e dos taes que só vendo.

O doutor resolveu abrírlhe os olhos de uma vez.

Levou-o a um lugar humido, atrás da casa e disse-lhe:

Tire a botina e ande um pouco por ahi.

Jéca obedeceu.

Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Isso. E agora examine a pele com esta lente.

Jéca tomou a lente das mãos do doutor, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pelle, através dos poros.

O pobre homem arregalou os olhos assombrado.

E não é que é mesmo? Quem “havéra” de dizer!....

Pois é isso, são Jéca, e daqui por deante não duvide mais do que disser a sciencia.

Nunca mais! Deus me livre! Daqui pra deante dona Sciencia está dizendo, Jéca está jurando em cima! T'esconjuro!.....

O saber científico, redentor de uma realidade dada como “ ignorante” aparece na figura daquele que dele é investido, o médico. Estudioso, inteligente, que escreveu diversos livros. Aquele que busca através da razão, inventar e explicitar a doença e seus sintomas apontando remédios e normas de higiene. Só ele pode espantar as crendices e simpatias que povoam o universo do caboclo.

A identificação/relação de Monteiro Lobato com a questão médica é tanta que, em carta a Godofredo Rangel, datada de 08/07/1918, ele escreve:

“... A mim me favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz pelo Estado. Popularizou-se a marca “Monteiro Lobato”. O público imagina-me um médico sabidíssimo, e a semana passada tive um chamado telefônico, altas horas da noite.

“ -É o Doutor Monteiro Lobato?

-Sim.

-Doutor, minha mulher está sentindo dores. Poderá vir atendê-la?

Meu primeiro ímpeto foi ir e puxar para fora o filho daquele sujeito e depois contar na rodinha o caso. Mas a respeitabilidade venceu.

-Não sou médico parteiro, meu caro senhor.

-Queira desculpar. Eu pensei que...”

Quanto à necessidade de instrução do Jeca, esta aparece de forma tão veemente no jornal Estadinho de 16/06/1919, que aqui reproduzo:

“... Pobre Geca Tatu! A tua vida é como a vida da coruja. É como a vida do curiango: não enxergas, por assim dizer, com os raios do sol; és cego dos esplendores do mundo: és cego às belezas da terra! Falta-te Geca, um pouco de luz no intelecto, falta-te uma scintilha de INSTRUÇÃO... e dahi a causa da tua tristeza e da tua dor, e dahi a causa da tua nenhuma ação, nenhuma energia nenhum animo, nenhuma vida! E hás de ser semppe assim Geca. Frio, insensível, desalentado, abatido, enquanto não te derem, com abundancia, o necessario pão para o teu espírito, o indispensável alimento para o teu cérebro!”

Caberá pois à educação e à higiene reorganizar uma sociedade com vistas ao progresso, formando indivíduos aptos para o trabalho, com a colaboração de educadores, médicos, engenheiros e intelectuais. A diferença entre uma nação culta e uma ignorante, será estabelecida pela educação, havendo uma relação direta entre educação/progresso, ignorância/atraso (ROCHA, 1995).

O restante da história é por demais conhecido. O Jeca fica curado, rico, aprende inglês, faz do italiano o feitor de sua fazenda. Embrenha-se pelo interior do país a calçar e medicar pessoas e morre, dizendo as palavras:

“ Como é suave a morte de quem cumpre o seu dever até o fim!”

“Além dos heróis construídos a partir das qualidades positivas, há aqueles construídos com base em qualidades negativas, como o caso do Jeca- Tatu”. (BARBOSA, 1994).

E assim o Jeca passa para a história e terá um capítulo à parte no livro da nossa evolução/civilização!

“Menino! Nunca te esqueças desta história; e, quando fores homem, trata de imitar o Jeca. Se fores fazendeiro como teu pae, trata de curar teus camaradas. Além de lhes fazeres um grande benefício, farás para ti um alto negócio. Verás que o trabalho dessa gente produzirá três vezes mais e te enriquecerá muito mais depressa.”

Monteiro Lobato viria à público para desculpar-se do “typo” que criou. Desculpou-se mas não conseguiu redimir a criatura que não convence quando supera suas mazelas.

O Jeca circulou e circula na sociedade brasileira pela rede que perpassa o imaginário social. Andou e anda por aí, livremente a mostrar uma marginalidade que se nos apresenta incorporada, consciente ou inconscientemente...

As linhas literárias aliadas aos discursos das práticas raciais, medicalizantes e educativas configuraram-se e foram apropriadas pelos jornais, folhetos, almanaques distribuídos nas escolas e livros. O autor de Jeca Tatu, personagem símbolo do Almanaque Biotônico Fontoura, captura e produz um público infantil via escola, onde ocorria não só a distribuição do almanaque como também de exemplares dos seus livros infantis.

5.4. O Almanaque de Farmácia em Santa Catarina: O Renascim Sadol.

Histórico

Durante a segunda guerra mundial, a cidade de Joinville, onde nasce o Almanaque Renascim Sadol, foi colocada sob o controle do governo. Devido ao grande número de imigrantes alemães, inclusive as cores que lembravam a bandeira do país de origem, não podiam ser usadas.

O Pelotão da Saúde é criado nas escolas catarinenses, com o objetivo de controlar a higiene, através de controle de vestuário, cabeças, etc.

A vocação agrícola do país, na década de 40, irá refletir-se na escola onde se observam práticas que teriam por objetivo conter o êxodo rural para a cidade.

Alguns livros didáticos focalizam assuntos, tais como, horticultura e jardinagem, com o intuito de que essas práticas pudessem contribuir para manter as pessoas no campo.

“Condizente com os pressupostos acima, cada escola deveria organizar seu clube que seria registrado no Ministério da Agricultura, que avaliava as atividades desenvolvidas através de relatórios enviados freqüentemente por professores e alunos. O Ministério atingia as escolas rurais através de uma rede ideológica, de cunho nacionalista que valorizava as atividades rurais. Explicitando, por ocasião de uma reunião ocorrida no Clube Agrícola Duque de Caxias, a professora relata haver recebido do estado do Rio de Janeiro muitas sementes, repolho, acelga, beterraba, chicórea, couve-manteiga, etc. Junto com as sementes vêm duas frases que lê para o grupo:

“O Brasil exige de você (sic) produzir, produzir mais, e por isso ele confia seu fuzil aos seus soldados, na linha de frente... O Brasil confia na sua lealdade brasileira, por isso ele pede a você para cultivar a Horta da Vitória.””

(Relatório do Grupo Escolar José Bonifácio, Rio do Testo - 1943. Apud, DAROS et al., 1995).

Segundo a autora, a poesia abaixo aponta para o referencial que compunha suas atividades:

“Se rude é o nosso trabalho
Se a ferramenta é pesada
Se nosso esforço é gigantesco
Nossa campanha é sagrada.”

(Relatório do Clube Agrícola Dom Pedro II)

As fotos da época mostram crianças carregando ferramentas agrícolas de forma semelhante a que se carregavam os fuzis ao ombro. Pequenos exércitos combatentes... do êxodo rural?*

É portanto, nesse panorama que surgirá o Almanaque Renascim Sadol.

A década de 60 no Estado de Santa Catarina

Os dados sobre a população catarinense apontam que até a década de 50, 76,8% da população vivia na zona rural. Na década de 60 com a urbanização 32,3% já se encontram na zona urbana, saltando para 42,9% na década de 70 e 59,4% na de 80.

O Projeto Nacional Desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek trazia via Plano de Metas a industrialização do país e a desnacionalização da economia. O nacionalismo de Getúlio Vargas será substituído pela doutrina da Interdependência. O momento é o de fortalecimento do capital multinacional, criando-se provas e estratégias que permitam a sua hegemonia, ameaçada com a vitória da Revolução Cubana e as idéias de

esquerda propaladas no país. Os Estados Brasileiros, influenciados pelo Plano redimensionam a formação para o trabalho e imprimem “formas de agir e de pensar compatíveis com as novas formas de divisão social”. (AURAS, 1993)

Como Santa Catarina foi o primeiro estado brasileiro a fazer um diagnóstico do seu sistema educacional, obteve como prêmio a assistência técnica CEOSE-Colóquios Estaduais sobre a Organização dos Sistemas de Ensino - acordo MEC/INEP/UNESCO. Segundo a autora, o Seminário Sócio - Econômico realizado em 1959/60 para levantar dados sobre o estado, focalizou os seguintes pontos:

- Falta de energia
- Transporte
- Crédito
- Inadequada rede de serviços e de infra-estrutura
- Carência de mão-de-obra qualificada. Este item, responsável pela estagnação econômica do Estado

Para reverter a situação da mão-de-obra, metas educacionais são elaboradas pretendendo reformular o sistema de ensino vigente. Integrar crianças ao sistema, mudar as regras de avaliação, “erradicar o analfabetismo”.

A modernização administrativa era buscada via planejamento, envolvendo planificação inteligente, racionalidade, coerência, eficiência e modernização. Tal busca pautava-se pelos treinamentos executados com assessorias e intermediações dos Organismos USAID-CEPAL-FAO-UNESCO.

* Informações retiradas do trabalho de título Identidade Social do professor catarinense: as práticas docentes numa dimensão histórico-social, das autoras Maria das Dores Daros e Terezinha Gascho Volpato, apresentado na reunião da Anped - 1995

Neste Estado os setores mais beneficiados foram o rodoviário, o energético e o educacional, os três considerados de maior importância para o salto em direção à industrialização.

“Algumas empresas, tais como a Hering, a Fundação Tupy e a Sadia ampliaram o patrimônio devido a incentivos fiscais e creditícios recebidos do governo do estado”. (AURAS,1993)

A autora conclui seu trabalho afirmando que:

“O desinteresse do estado em investir na reformulação de sua política de formação de professores e de sua política salarial e na qualidade do ensino público em geral, para o desenvolvimento, revela o descompromisso com a educação das minorias e o interesse em dificultar o acesso da maior parte da população à condição de poder desarticular a hegemonia vigente e articular sua própria visão de mundo.”

Em fevereiro de 1919, após a Primeira Guerra Mundial, Alberto Bornschein aliava-se à Máximo João Kopp, presidente do Banco do Estado do Paraná S/A fundando a firma “Máximo e Companhia”, com filial em Joinville.

A matriz e a filial possuíam o mesmo nome: Farmácia Minerva. Oito anos depois, a filial de Joinville passa a ser firma individual da propriedade do senhor Alberto Bornschein (figura 37).

Além de pílulas, supositórios, fabricavam-se, também, em duas pastilhadeiras alemãs manuais, marca Kilian, comprimidos contra dores de cabeça, contra dores, pastilhas de hortelã, além do açúcar de baunilha Minerva.

No momento em que começou a busca por informações no Laboratório Catarinense, estabeleceram-se indagações generalizadas entre diretores e funcionários. Como responder sobre o que fizemos e não registramos? Indagações que levavam a uma história a ser escrita/documentada.

No diálogo, num encontro de informações e estranhamentos, muitos períodos de silêncio, onde ambos, pesquisador e pesquisado se recompunham munidos de novos fatos e descobertas.

As entrevistas revelaram-se de fundamental importância para a reescrita desta história.

Segundo depoimentos, a idéia inicial do Almanaque pautava-se pela intenção publicitária. Quanto ao seu conteúdo, havia um interesse muito grande pelo calendário, para o qual, até hoje, importam-se informações da Alemanha, o que acaba dando muito trabalho para as devidas adaptações. Desde o início, as gráficas sempre procuraram pelo Almanaque para copiar os calendários que fazem para as firmas. Economicamente é indiferente fazer o Almanaque com 15 ou 32 páginas, o custo é o mesmo, apenas se dobram as folhas, engordando-o. As pessoas que montavam/imprimiam o Almanaque eram as disponíveis no momento. Não havia pessoas específicas para elaborá-lo.

Consegui obter a coleção completa do Renascim Sadol.

O primeiro número do Almanaque sai com a tiragem de 1000 exemplares e a inovação que trará em seus números posteriores é o acolhimento das colaborações enviadas pelos seus leitores, fato que não ocorria em outros Almanaques, que eram compostos por pessoas específicas, que reproduziam textos existentes, esquivando-se assim de julgamentos sobre o material enviado.

Ocorre em 1949 a ampliação da tipografia com a aquisição de novas máquinas de impressão importadas. Portanto, os três primeiros almanaques anuais do Laboratório contaram com os recursos existentes utilizados para a impressão dos rótulos e produtos. Até 1987, o Almanaque Renascim Sadol é impresso na tipografia do Laboratório. A partir desta data é elaborado e produzido pela NKS Promoção Publicidade e Produção Limitada, da cidade de Joinville - Santa Catarina.

A Distribuição do Almanaque Renascim Sadol no Brasil

Através dos depoimentos de leitores e das próprias capas dos almanaques coletados constatou-se que eles eram distribuídos não só pelas farmácias, mas por viajantes, estabelecimentos comerciais, tais como empórios, escolas, bolichos (no Sul) e lojas de armarinho em geral. Algumas pessoas afirmaram que ocorriam distribuições pelas ruas das cidades.

O Almanaque nunca deu lucros, pelo contrário, costumava dar muito prejuízo uma vez que eram distribuídos gratuitamente pela empresa. Após alguns entendimentos ficou decidido cobrar antes, da farmácia, pela impressão de sua propaganda. Através dessa estratégia, o produto Almanaque passa a ser auto-financiado.

Como opção, nunca venderam espaço para propagando publicitária, embora tenha sido este um espaço bastante procurado.

No pós-guerra (Segunda Guerra Mundial) houve uma grande escassez de papel, não havia acesso à matéria básica para a produção do Almanaque. Como tática para a sobrevivência da publicação o material passa a ser declarado didático. assim, o papel se torna acessível, garantindo a continuidade da publicação.

Os dados do IBGE e a distribuição do almanaque Renascim Sadol

No ano de 1946 publica-se o primeiro Almanaque Renascim Sadol. Nos primeiros quatro anos, ou seja, até 1950, sua distribuição restringiu-se aos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Segundo informações do IBGE, na década de 40, havia nesses Estados os seguintes dados quanto à alfabetização:

Santa Catarina:	720.145 - sabem ler e escrever (56,63 %)
	551.514- não sabem ler e escrever (43,37 %)
total da população:	1.271.659

Rio Grande do Sul:	2.044.831- sabem ler e escrever (58,61 %)
	1.443.993 - não sabem ler e escrever (41,39 %)
total da população:	3.488.824

Na década de 50, inclui-se o Estado do Paraná na distribuição. Sendo que os dados do IBGE, de alfabetização, para este Estado são:

Paraná:	806.489 - sabem ler e escrever (46,04 %)
	945.237 - não sabem ler e escrever (53,96 %)
total da população:	1.751.726

Na década de 70, o número de exemplares sobe para 5 milhões por edição, sendo que ele ainda não circula pelo Brasil todo. Os Estados do Nordeste encontram-se excluídos.

Segundo dados do IBGE, no Anuário de 1976, na década de 70, os analfabetos encontram-se assim distribuídos no ano de 1970:

total da população:	93.139.037
sabem ler e escrever:	35.586.771
não sabem ler e escrever:	18.146.977
sem declaração:	274.856

Já no Anuário de 1992, constam os seguintes dados, levantados por domicílio e grupos de idade, para o ano de 1970:

total da população:	79.327.231
sabem ler e escrever:	47.864.531
não sabem ler e escrever:	30.718.597
sem declaração:	744.103

total da população urbana:	45.273.342
sabem ler e escrever :	33.741.226
não sabem ler e escrever:	11.151.198
sem declaração:	380.918

total da população rural:	34.053.889
sabem ler e escrever:	14.123.305
não sabem ler e escrever:	19.567.399
sem declaração:	363.185

Na década de 1980, a distribuição do almanaque já ocorre no Brasil todo. Os dados do IBGE para a época, são:

total da população:	119.070.865
sabem ler e escrever:	55.146.869
não sabem ler e escrever:	19.356.092
sem declaração:	97.324

Em 1991, a tiragem de almanaques foi de 2.410.000 exemplares; em 1992, foi de 2.050.000 exemplares; em 1993, foi de 1.510.000 exemplares. Em 1994, a tiragem foi de 1.800.000 exemplares.

A distribuição dos Almanques Renascim Sadol por Estado em 1994 foi, respectivamente (Quadro 3):

QUADRO 3: Distribuição dos almanaques Renascim Sadol.

Estados	Número de Almanques	Porcentagem do Total de Almanques Editados (%)
Bahia	81.000	4,5
Ceará	9.000	0,5
Espírito Santo	54.000	3,0
Goiás	45.000	2,5
Mato Grosso	39.600	2,2
Mato Grosso do Sul	57.600	3,2
Minas Gerais	234.000	13,0
Pará	12.600	0,7
Paraná	306.000	17,0
Pernambuco	18.000	1,0
Rio Grande do Norte	5.400	0,3
Piauí	12.600	0,7
Rio Grande do Sul	90.000	5,0
Rio de Janeiro	18.000	1,0
Santa Catarina	189.000	10,5
São Paulo	666.000	37,0

Os dados acima levantados têm por objetivo apontar alguns questionamentos.

O número de almanaques distribuídos e o número de analfabetos explicitados fornecem indícios de que, muito provavelmente, estes leitores têm acesso ao material. Fato este confirmado nas entrevistas e cartas que apontam suas estratégias e táticas.

Sem dúvida parte dos leitores de almanaque encontram-se situados nesta "faixa não clara de analfabetos". Isto pelo número muito elevado de publicações e de sua distribuição nos Estados.

Leitores de práticas variadas, aliadas a uma composição tipográfica específica, que direciona tal atividade mas que não a determina totalmente.

Com os dados apresentados podemos dizer que o universo de "leitores tradicionalmente definidos como decodificadores", não é tão grande assim, restando espaço para as práticas que buscamos naqueles que compõem o outro contingente. São pessoas, não podemos nos esquecer, que convivem com o mundo letrado. Imersos num cotidiano escrito, acabam se apropriando dele a seu modo.

OLIVEIRA (1992), propõe a idéia de "graus de analfabetismo". Abolindo a idéia de um grupo homogêneo de analfabetos e recolocando a questão como um problema que diz respeito à cultura e aos modos de pensamento mais que um problema de alfabetização em si. Isto porque ao comparar analfabetos e alfabetizados, estaríamos comparando sub-grupos de uma mesma cultura abrangente, que vivem na mesma sociedade burocratizada, urbana, com meios de comunicação de massa e que interagem de forma diferente com esse material.

Apresentamos abaixo os quadros (quadros 4,5 e 6) que demonstra o número de distribuição do Almanaque Renascim Sadol em três Estados, respectivamente, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Foram escolhidas cidades caracterizadas como metrópoles (grandes populações) e cidades caracterizadas de rurais (pequenas populações).

Apesar da distribuição ser em maior número nas cidades maiores, a correspondência de almanaques para a população, em percentual, aumenta na medida em que diminui o número da população, demonstrando assim, sua importância no meio rural.

A aparente exceção verificada na cidade de São José do Rio Preto - São Paulo foi explicada pelos editores como sendo estratégia de vendas pois representa um polo de grande crescimento agro-industrial.

QUADRO 4: Distribuição no Estado do Rio Grande do Sul

CIDADES	POPULAÇÃO	ALMANAQUES	PERCENTUAL CORRESPONDENTE À POPULAÇÃO (%)
Porto Alegre	1288879	9500	0,74
Bento Gonçalves	83201	2500	3,00
São Francisco de Paula	18631	3000	16,10
Caxias do Sul	325694	2000	0,61
Vacaria	58534	4000	6,83
Santa Maria	233351	2500	1,07

QUADRO 5: Distribuição no Estado de Santa Catarina

CIDADES	POPULAÇÃO	ALMANAQUES	PERCENTUAL CORRESPONDENTE À POPULAÇÃO (%)
Florianópolis	271281	8000	2,95
Blumenau	231401	6500	2,81
Joinville	397951	13500	3,39
Rio do Sul	47822	4000	8,36
Curitibanos	37083	3000	8,09

QUADRO 6: Distribuição no Estado de São Paulo

CIDADES	POPULAÇÃO	ALMANAQUES	PERCENTUAL CORRESPONDENTE À POPULAÇÃO (%)
São Paulo/ Grande S.P.	9839436	93000	0,95
São José do Rio Preto	326315	20500	6,28
Franca	267235	4000	1,50
Bragança Paulista	110083	2000	1,82
Presidente Prudente	177367	3500	1,97

Considerando a afirmação dos editores de que para cada almanaque, há no mínimo 4 leitores e no máximo 10, temos o percentual da população que possivelmente manusearia este material, nos seguintes quadros (quadros 7,8 e 9):

QUADRO 7: Percentual de leitores no Estado do Rio Grande do Sul

CIDADES	LEITORES MÍNIMOS (%)	LEITORES MÁXIMOS (%)
Porto Alegre	38000 (2,95)	95000 (7,37)
Bento Gonçalves	10000 (12,02)	25000 (30,05)
São Francisco de Paula	12000 (64,41)	30000 (161,02)
Caxias do Sul	8000 (2,46)	20000 (6,14)
Vacaria	16000 (27,33)	40000 (68,34)
Santa Maria	10000 (4,29)	25000 (10,71)

QUADRO 8: Percentual de leitores no Estado de Santa Catarina

CIDADES	LEITORES MÍNIMOS (%)	LEITORES MÁXIMOS (%)
Florianópolis	32000 (11,80)	80000 (29,49)
Blumenau	26000 (11,24)	65000 (28,09)
Joinville	54000 (13,57)	135000 (33,92)
Rio do Sul	16000 (33,46)	40000 (83,64)
Curitibanos	12000 (32,36)	30000 (80,90)

QUADRO 9: Percentual de leitores no Estado de São Paulo

CIDADES	LEITORES MÍNIMOS (%)	LEITORES MÁXIMOS (%)
São Paulo/Grande S.P.	372000 (3,78)	930000 (9,45)
São José do Rio Preto	82000 (25,13)	205000 (62,82)
Franca	16000 (5,99)	40000 (14,97)
Bragança Paulista	8000 (7,27)	20000 (18,17)
Presidente Prudente	14000 (7,89)	35000 (19,73)

Conforme os dados acima, as cidades com população menor que 100 mil habitantes, oscilam entre o mínimo de 27% a 64% de leitores e o máximo de 68% a 100%.

Os dados coletados confirmam que grande parte dos leitores do Almanaque Renascim Sadol se encontram entre as pessoas do meio rural, de diferentes graus de analfabetismo. Segundo OLIVEIRA (1992):

“...exposto de uma forma particular aos estímulos do mundo letrado, submetido ou não a algum tipo de treino escolar ou instrução por parte de pessoas mais escolarizadas, usando sua capacidade de reflexão sobre o

contexto em que vive e sobre seu próprio conhecimento cada indivíduo constitui uma combinação específica de capacidades, não havendo a formação de um grupo homogêneo quanto ao domínio do sistema de leitura e escrita”.

É evidente que a posse do almanaque pelo indivíduo não dá o direito de afirmarmos que o mesmo é leitor. Portanto, os dados apresentados revestem-se de sentido ao serem integrados aos dados epistolares assim como às entrevistas realizadas que se relacionam aos possíveis números mínimo e máximo de leitores.

As Capas dos almanaques

As capas do Almanaque Renascim Sadol causaram bastante polêmica. A utilização da nudez feminina trouxe muitas cartas de protestos vindas de cidades do interior, principalmente. Apesar delas, o nu continuou a aparecer pelos Almanques de forma bastante apelativa em alguns números. A década de 70, com a liberação feminina invadiu as capas com garotas de biquínis, porém, com exceção da capa de 1972, que traz uma mulher nua, apresentam a imagem vinculada à saúde, principalmente focalizando a prática de esportes.

As capas da década de 80 continuariam trazendo a nudez associada aos esportes. Será na década de 90 que as mulheres seminuas serão trazidas com apelo erótico. Tal apelo traz a resposta dos leitores que escrevem:

“...não posso conter a emoção. A capa do 47º Almanaque me encantou. Queria o endereço da Agência Publicitária.”

“...Adorei a gatinha do Almanaque de 1992. Gostaria de receber a mesma foto em tamanho de pôster.”

Com a exceção de uma carta que pede a publicação de garotas em nu frontal as restantes pedem os endereços das moças ou fotos ampliadas.

Embora tenha obtido informações sobre as críticas recebidas pelo Laboratório não foram localizadas as cartas que envolviam tal polêmica. Talvez as cartas tenham sido inutilizadas pois a escolha do nu acaba gerando intercâmbio com os leitores, demonstrando uma eficiência, que mesmo não sendo consensual, acabou persistindo.

Mesmo quando os almanaques foram temáticos, suas capas sempre privilegiaram as mulheres. As exceções ficam por conta de algumas capas que mostram paisagens, tais como, nos anos de 1953, 1954, 1957; cenas de esporte, como por exemplo, nos anos de 1949, 1989; capas que retratam crianças, como por exemplo, nos anos de 1955, 1979 e um casal de “meia idade” que aparece na capa do almanaque para o ano de 1996, focalizando a questão da longevidade.

A relação estabelecida com os leitores via cartas para a colaboração nos Almanques é tecida através de editoriais que são verdadeiros chamamentos (figura 38):

Como exemplo desse enredamento leitor/Almanaque, a carta de A/Bahia, em 1992, sugere que o Almanaque conte sua história, quando começou, como escolhe suas capas etc. A resposta à sugestão virá em 1995, na 50ª edição, que traz a história diluída nas suas 34 páginas.

Temas

Os Temas nos Almanques Renascim Sadol, com Ênfase nas Décadas de 50 e 70 são:

- Tempo: Previsão, Eclipses, Fases da Lua, Calendários.
- Signos astrológicos:
- Saúde: Informações sobre doenças e os remédios indicados. A busca do corpo saudável.
- Agricultura:
- Culinária:
- Provérbios:
- Religião: Calendário com nomes dos Santos para os dias da semana, Orações, Festas religiosas.
- Divertimentos: Piadas, Passatempos, Desafios.
- Conselhos úteis:
- Frases célebres:
- Nação:
- Conselhos para criadores de animais:
- Atividades voltadas à escola:
- Esportes:
- Homenagens

As preocupações, que, atualmente, chamaríamos de ecológicas, encontram-se no almanaque para o ano de 1955, onde um texto chama a atenção do agricultor para seus amigos, os pássaros, que limpam os campos dos insetos nocivos à agricultura e no almanaque para o ano de 1956 onde aparecem, lado a lado, a propaganda do raticida Fubarin junto com os conselhos para que o criador não elimine as corujas, pois elas mesmo sendo feias, exterminam os morcegos e os ratos que tantos danos trazem aos agricultores.

Os provérbios do almanaque para 1953 são os turcos:

- A morte é um camelo preto que se ajoelha diante de todas as portas.
- O lobo gosta de neblina.

O progresso aparece no mesmo almanaque em um texto sobre os aviões: “ Pode voar sem medo ... Morrer num desastre de aviação é como comprar um bilhete numa loteria de vinte milhões de números e ... sair premiado ...” .

Os conselhos no Almanaque Renascim Sadol

No almanaque para 1953, os conselhos de saúde são para quem sofre do estômago. A matéria ensina como comer melhor, ser alegre e despreocupado na hora da refeição, se alimentar em horários estabelecidos e não discutir nestes momentos.

Para o ano de 1955 os conselhos são para a hora certa de administrar medicamentos, descrevendo os períodos do dia mais adequados para os vermífugos, xaropes, brometos e sedativos.

Em 1974 os conselhos são para vencer o enjôo no carro, não fazendo curvas violentas, usando cinto de segurança, fazendo paradas e gozando de boa ventilação.

Dados sobre o esporte aparecem, por exemplo, no almanaque para 1975, descrevendo todas as medalhas recebidas pelo Brasil, desde as primeiras participações em Olimpíadas.

A nação está presente no almanaque para o ano de 1976 com a reprodução de parte da carta de Pero Vaz de Caminha, relatando o descobrimento do Brasil; um texto sobre a libertação dos escravos, uma pequena biografia de Raposo Tavares e um texto sobre a Bandeira Brasileira.

Considerando a especificidade do almanaque de farmácia, os temas se repetem, segundo os listados por Bollème, com as adequações temporais/sociais necessárias. Centrados na saúde, não mais nas guerras e nas pestes mas a busca da cura e do corpo saudável. Do corpo forte, necessário ao trabalho, tão enfatizado nas duas décadas apontadas.

O Passatempo no Almanaque Renascim Sadol

Cartas Enigmáticas

“O jogo está estreitamente ligado ao tempo e ao futuro. Os instrumentos do jogo, cartas, dados servem para predizer a sorte, isto é, para conhecer o futuro.” (BAKTHIN, 1993).

Nas cartas dos leitores, aparece o fascínio pelas cartas enigmáticas publicadas. Inúmeros dentre eles dizem divertir-se tentando descobrir a mensagem.

Um cupom (figura 39) acompanha a primeira carta enigmática publicada em 1951 (figura 40).

De 1968 a 1970 a carta enigmática deixa de ser publicada. Os leitores manifestaram-se, e, no final da década de 70, ela volta às suas páginas. Seus editores afirmam que “este passatempo foi um dos que mais conquistou a simpatia dos leitores.”

A carta permanece ainda em circulação, como demonstra a do Almanaque de nº52 de 1997 (figura 41).

FIGURA 16: A carta enigmática para o ano de 1997

“Os jogos de toda espécie (desde os jogos de baralho até os esportivos), as predições, adivinhações e augúrios de todo o tipo ocupavam um lugar preponderante na parte popular e pública da festa.”(BAKTHIN,1993).

Numa dinâmica de apropriações/re-apresentações o Almanaque Renascim Sadol apresenta como passatempo um jogo, cuja resposta só sairá no ano seguinte. Tece com fragmentos de palavras e figuras, substituições que geram, trans-formam, remontando imagens para descobrir o encoberto...

Signos, desmembramentos, combinação. Recombinação de números e figuras que resultam na descoberta da mensagem secreta.

É óbvio que a resposta de tal carta não trará a revelação dos segredos da natureza mas não deixa de trazer a satisfação pela decifração proposta e, como diz uma leitora, o fascínio exercido pela carta. A definição do termo fascínio diz: deslumbramento, atração irresistível... fascinar: atrair, dominar...

A atração pelo decifrar estabelecida mesmo que trans/des/figurado o enigma que não porta mais questões existenciais de vida e morte perpetua no desafio de des-cobrir e se apropriar do que lhe é oferecido encoberto... Resquício de fios de uma rede medieval.

A Bibliothèque Bleue, estudada por Bollème, trazia os Enchiridions (em grego, pequeno livro), Os Segredos do Grande e do Pequeno Alberto, As Clavículas de Salomão e O Enchiridion do Papa Leão. O livrinho mágico apresentava e sugeria pactos e mágicas com receitas para bem viver, com a fartura a que almejavam as utopias populares. As Clavículas, não têm nada a ver com ossos, são talismãs dos 72 nomes e os mistérios das 32 vias (Cabalas) hieróglificamente reproduzidas no Tarot. Com os signos combinados às letras e números, revelam-se todos os segredos da natureza... Já não são adivinhações com ossos, são talismãs... (FERREIRA, 1992)

Os Almanques transitavam pela Bibliothèque Bleue e eram comuns seus prognósticos, a ponto das críticas de Rabelais na Pantagruelina Prognosticação.

Ainda de acordo com FERREIRA (1992):

“Os conhecimentos da Astrologia Babilônica, os conhecimentos dos astrônomos árabes foram incorporados ao repertório cabalístico dos judeus e cristãos, vindo a ser substância da astrologia da Idade Média, formando

sob a designação da astrologia judiciária, um tipo especial de conhecimento.”

Uma visão de mundo, que, ligada aos planetas, estendia seus domínios pela natureza em geral. Portanto, o jogo de adivinhações, premonições, faz parte do Universo do Almanaque.

O desenvolvimento presente nas páginas do

Almanaque Renascim Sadol.

Nos Almanaque Renascim Sadol das décadas de 50 e 60 desfilam objetos de consumo tais como:

- Em 55, as casas que aparecem têm muitos utensílios: abajur, rádio, televisores e geladeiras.

- Em 59, lambretas para viajar, os noivos do mês de maio dentro de carros, o desenho de foguetes e uma bomba de 40 megatons, anunciando a “alta tecnologia”.

- Em 60, no mês de janeiro, numa alusão ao calor, aparece desenhada uma pessoa sentada dentro de uma geladeira. Em fevereiro, pessoas fantasiadas para brincar o carnaval, dentro de um carro. No tópico de título Conselhos ao Criador aparece um trator trabalhando no campo enquanto que um boi descansa na rede da casa.

A partir de 61, os feriados não são mais religiosos, aparecem o Dia dos pais, do trabalho, dos namorados, etc...

Os prêmios dos concursos promovidos pelo Almanaque Renascim Sadol passam a ser eletrodomésticos.

Aparece um “flagrante aéreo” do Complexo Industrial do Laboratório Catarinense, o maior do sul do Brasil. A industrialização do Estado de Santa Catarina...

A década de 60 marca a importância da presença do médico, dos laboratórios, das pesquisas. A ciência prova e dá garantias, o microscópio possibilita a visão do que não se enxerga a olho nu. Os objetivos desenvolvimentistas reconfiguram-se. A construção do corpo saudável para o trabalho foi uma empreitada dos anos 20 assim como dos anos 50.

De 1950 a 1963 houve edições ininterruptas do Jeca Tatuzinho de Monteiro Lobato, este fato corrobora os valores apresentados nas décadas de 50/60 do Almanaque Renascim Sadol, ou seja, o valor do trabalho no país, o investimento no corpo saudável e a credibilidade na ciência como fator que leva ao progresso. Assim, é importante a crença nos técnicos, nos programas para o desenvolvimento, pois só as ações altamente científicas e tecnocráticas poderiam delinear esse caminho.

Nesse período, no Almanaque Renascim Sadol, fica evidente o novo modelo econômico do qual fazem parte o consumo e a indústria automobilística emergente. O enfoque do prazer trazido pelos novos objetos que facilitam a vida, economizando tempo de trabalho, tais como o carro, o trator, a geladeira e a televisão são constantes. Portanto, os valores implícitos, mais que os explícitos, no modelo modernizante para o Estado de Santa Catarina na época, desfilam pelas páginas do Almanaque Renascim Sadol.

As Cartas dos Leitores

“Dentro de uma história cultural redefinida como o lugar onde se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificado, íntimo e público, tendendo entre o secreto e social, a carta, melhor que outra expressão, associa o vínculo social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula à sua maneira o problemático equilíbrio entre o seu íntimo e os outros...” (CHARTIER, 1991).

O número total de cartas dos leitores do Almanaque Renascim Sadol para seus editores é 246, sendo 156 de leitores masculinos e 90 de leitoras. Do total de leitores, 15 escrevem duas vezes e 2 três vezes. As correspondências encontram-se distribuídas pelos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994. Nem todas as cartas recebidas eram arquivadas pelas pessoas que elaboravam o Almanaque. Havia uma seleção prévia e as que continham sugestões interessantes para a publicação, assim como as que pediam exemplares eram selecionadas.

As práticas epistolares apresentam-se no plural, buscando dar significado a cada universo explicitado. As categorias determinadas a priori podem impelir a uma análise que priorizaria as faltas. Determinados leitores/escritores não têm... Essa escrita não apresenta, não porta. Uma lógica da falta.

O plural costuma trazer um aparente caos e ansiedade. Apenas leitores/escritores de cotidianos diversos. Alguns imersos no mundo dos impressos, na escolaridade, familiarizados com os modelos epistolares, outros, mantendo pouco ou nenhum contacto com esse universo agarram-se às estratégias e táticas vinculadas à sobrevivência, escrevendo, copiando, montando, encontrando escribas...

A prática de escrever cartas tem um estatuto específico na produção escriturária, possui regras, características linguísticas e sociais, não se limitando somente à expressão pessoal pois seu uso traduz uma realidade complexa e visa uma eficácia social.

Modelos para cartas

A produção emblemática do gênero foi “ Le Secrétaire de la Cour”, editado em 1625, da autoria de Jean Puget de La Serre. Esta obra irá alimentar, entre os anos de 1692 a 1725 a literatura de collportage. Escolhemos este modelo pois o mesmo irá circular profusamente na Bibliothèque Bleue, da qual fazem parte os almanaques populares.

As “ Secretaries” não tinham valor de mercado, eram brochuras pequenas que mal resistiram ao tempo.

Em 1640, Puget de La Serre escreve o “Le Secrétaire à La Mode ou Méthode Facile d’Ecrire selon le temps diverses Létres de Compliment, Amoureuses ou Morale”. Segundo o autor, a decisão de escrever a nova obra decorre do fato das maneiras de escrever mudam com o tempo. Neste segundo manual, há uma intenção claramente didática, aparece como um método, não mais como uma simples coletânea. (CHARTIER,1991)

Segundo o autor os modelos apresentados colocavam um mundo muitas vezes homogêneo, incapaz de dar conta da pluralidade de relações que compunham as comunidades. Os modelos epistolares da Bibliothèque Bleue não dão conta de instaurar uma ordem social e suas condutas, mas se inscrevem, pelo registro de um exotismo social frequentemente presente, neste corpus. Conhecer o exotismo da vida da corte pode ser um grande motivo, pois uma análise cuidadosa pode levar a um distanciamento do enfoque utilitário, por prazer de se defrontar com o desconhecido. Para os leitores populares as secretárias e suas lições seriam inadequadas, não passariam de um discurso confuso e atrapalhado.

No século XIX, há a clara intenção de investir “As Secretárias” de uma missão pedagógica e aculturante com o objetivo de ensinar/dominar as convenções sociais. Os modelos propostos são outros, aumentando muito as situações epistolares, os gêneros e possíveis autores.

O universo da literatura de “collportage” estaria próximo da Luzeiro do Brasil que edita e distribui a literatura de folhetos (cordel), guias práticos, livros de piadas, livros religiosos populares, de palpites para jogos, de músicas populares. Segundo o editor Arlindo Pinto Moura:

“Livros para namorados, assim como cartas de amor também vendem muito. Seu público é os enamorados mesmo... Agora, são mais as mulheres que procuram esse tipo de livro. É um livrinho para tirar a inibição, para os primeiros contatos. A idéia desse tipo de livro surgiu porque recebíamos muitas cartas de rapazes do Norte e Nordeste pedindo algo do gênero. Os jovens de hoje ainda lêem isso. Não pense que não, não pense que não.

E ainda se escreve cartas de amor. Tenho um livro para publicar aqui, prontinho, “cartinhas de amor”, quer dizer, cartinhas mais breves. Mas eu não faço com medo que venha a concorrer com outro da própria editora.” (FERREIRA, 1995).

Os modelos persistem. São reeditados e vendem.

Conforme os dados, pude perceber que os Estados que mais remetem cartas são os de São Paulo e Minas Gerais. Das profissões declaradas pelos leitores a maior porcentagem é de agricultores, estudantes e professores cujos motivos se encontram explicitados nos conteúdos das cartas. Os agricultores utilizam o almanaque no seu dia a dia, para o plantio, cuidado com animais e lazer. Os estudantes utilizam-no para o lazer e para obter informações que os ajudem com os deveres escolares e os professores que o utilizam em sala de aula, inclusive para a alfabetização de seus alunos.

O almanaque (figura 42) abre seu editorial com um chamamento amistoso, provocando o leitor a escrever. O clima natalino com suas festas e cartões de cumprimentos aparece reproduzido. O “pessoal” do almanaque é o **amigo do ano todo** (grifo meu), que deseja boas festas, saúde e alegrias. Há um tom de grande camaradagem.

Os leitores declaram-se veementemente leitores. Só 20% declaram-se usuários dos medicamentos do Laboratório. O tom das cartas pode ser amistoso como também de cobranças duras da relação de correspondência:

Cobranças...

“Senhor Diretor,

A fim de tratar de assunto do seu interesse peço-lhe enviar-me em minha residência a resposta da adivinhação.”

D.R.D.

“Gostaria de saber porque não foi publicada nenhuma sugestão que enviei para o Almanaque de 1993. Quero saber porque me mandaram um almanaque quando eu esperava a resposta da carta, desculpe pelas palavras, mas eu gostaria de saber. Por favor, Senhor Diretor, mande-me uma carta com resposta logo que receber esta carta. Ficarei aguardando.”

L.R.

“Olha, estou esperando a resposta de vocês, não pisem na bola! Tá?!”

S.A.V.S.

“Se minha carta chegar a vossas mãos me mandem a reposta.”

S.L.S.

“Esta é a segunda carta que escrevo. A outra mandei em 92 mas acho que se perdeu no Correio, pois as piadas eram boas mas não foram publicadas.”

M.S.B.

Os leitores/correspondentes cobram a interlocução aberta pela carta. Não querem qualquer coisa, como brindes ou almanaques, querem ser respeitados e atendidos na sua escrita. Cobram respeito.

Conhecimento das Regras, assim como da Escrita Domingueira.

“Estou escrevendo prá vocês a respeito do nosso almanaque. Se publicarem o que estou mandando tem que pôr o meu apelido embaixo, que é como eu sou conhecido: Janjão.”

Janjão

“Mando colaboração cuja fonte é meu pai.”

M.S.B.

“Mando colaborações, caso houver alguma falha de letras ou nomes pode corrigir.”

P.J.O.

“Podem colocar o meu nome embaixo das colaborações, debaixo do que for publicado.”

V.A.

“Vocês podem alterar as colaborações que eu mando, para publicar.”

A.B.R.

“Prezados redatores... Abraço da leitora colaboradora.”

N.B.S.

“No almanaque 85 veio sobre sonhos. Quero saber se existe um livro sobre sonhos. Mandem pelo Correio. Eu sonho muito e quero saber o que os sonhos significam.”

N.C.P.

Os leitores demonstram conhecimento acerca dos procedimentos para a publicação, tais como créditos, correções assim como da provável existência de obras consultadas para publicação. Pessoas comuns que aqui se projetam são exigentes em suas relações leitura/escrita.

O Tom Amistoso

“Oi queridos amigos. São coisas simples que escrevi com muito carinho.”

L.M.F.

“Como foi de festa junina aí? O São João aqui, em Feira de Santana deu bom. Todo mundo dançou forró animado.”

J.R.

“Prezados amigos... Meus queridos amigos... Sou fã número um do Almanaque.”

A.M.

“Herdei a coleção de Almanques Sadol do meu avô! Em primeiro lugar agradeço a todos vocês do Laboratório, que todos os anos proporcionam a nós leitores longos e duradouros momentos de lazer e diversão. Pessoas como vocês que trabalham pela saúde, lazer e diversão de todos os seus leitores. Abraços e agradecimentos, meu, de meus familiares e de todos os leitores que admiram e valorizam seu notável trabalho.”

A.C.A.

“Olá, amigos. Todo ano escrevo. Já os considero como amigos.”

A.M.C.

“De coração prá coração...”

J.O.A.

“Eu penso que o Laboratório Catarinense vai se sentir feliz em saber que em muitas léguas de distância tem um amigo.”

S.R.S.

Sugestões de Alteração para o Almanaque

“Sugiro que na edição de 1993 o almanaque contasse a sua própria história, quando foi sua primeira publicação, como escolheram as garotas da capa, etc.”

A.J.S.

(Esta sugestão sai em 1995, quando o Almanaque faz 50 anos.)

“Sortear coisas, mandar cartas para os leitores com piadas. Fazer um almanaque maior, com mais folhas.”

A.P.R.

“Gostaria de um número maior de páginas. Que tal 50 páginas? Por que vocês não pedem apoio à Coca Cola. Aí, em cada revista, vocês fazem uma pequena propaganda. Se não for a Coca Cola por que não outras empresas? Por que vocês não distribuem o almanaque pelo Correio também?

Espero que acatem ou pelo menos tentem acatar algumas sugestões.”

A.F.R.

“Antigamente vocês tinham um espaço para o leitor e poesias. Por que não continuar com ele?”

D.S.

“Por que os senhores não colocam a biografia de algum personagem importante, como por exemplo, um jogador de futebol, um ator, alguma coisa assim?”

D.F.

“Gostaria que vocês publicassem os calendários nos almanaques.”

E.M.P.

“Gostaria que vocês publicassem passatempos. Vocês não publicam mais por quê?”

E.A.S.O.

“Vocês poderiam colocar no almanaque a descendência (Ascendência) e combinação dos signos. (Todas as minhas amigas são leitoras do almanaque e gostariam.) Gostaria que o almanaque fosse publicado em revistas.”

E.F.

“Sugiro que:

- 1- Confeccionem o almanaque em tamanho maior, 15cm X 20cm ao invés de 13cm X 18cm. A leitura ficaria mais dinâmica.*
- 2- Estampar os anúncios no rodapé das páginas, com o fim de descongestionar o centro delas.*
- 3- Dedicar espaço para Trovas divulgando trovadores contemporâneos. (cita nomes)”*

J.G.A.

“Para o almanaque ficar ainda mais aperfeiçoado vocês poderiam criar um banco de simpatias para a cura de doenças.”

J.M.S.S.

“Gostaria que o almanaque fizesse amizade por correspondência, cantinho do leitor, trouxesse simpatias, mensagens e pensamentos além de músicas que estão nas paradas de sucesso. Gostaria também que o almanaque em vez de ser anual fosse trimestral ou mensal.”

K.R.M.

- “ 1- Promoções onde sorteiam livros, revistas, materiais escolares, etc.*
- 2- Mandar cartas para os leitores que mandam correspondências para o almanaque Sadol. (mais uma cobrança de resposta às cartas dos leitores)*
- 3- Ter bastante piadas, adivinhações e brincadeiras.*
- 4- Que o almanaque seja maior, com mais folhas.”*

A.P.R.

Os leitores se utilizam, para as sugestões, de seu cotidiano escrito. Componentes de revistas passam a ser explorados como possibilidades para compor o almanaque. O pedido do aumento de páginas se repete assim como a redução do intervalo de publicação.

Alguns, mais ousados, propõem a subversão do almanaque-propaganda, limpando as páginas, abrindo caminho para matérias interessantes e jogando os anúncios para o pé de página.

Os pedidos para o aumento de páginas assim como para o aumento do tamanho entram em confronto com pressupostos editoriais que viabilizam tal gênero, tais como, a economia de papel e de custos operacionais. Para ser acessível, ele deve obedecer a determinados padrões econômicos.

Antecipando-se a negativas diante das sugestões feitas, o leitor aponta para uma sugestão de parceria com empresas que poderiam fornecer subsídios em troca de espaço para propaganda. Segundo informações do Laboratório Catarinense, eles não se utilizam de tal prática embora sejam constantemente solicitados. Durante os 50 anos de sua tiragem somente encontramos a seguinte propaganda de novela transmitida pelo rádio na década de 50. Foi publicada na capa do Almanaque Renascim Sadol para o ano de 1959:

“Emocionante... e Comovente... Novela de Raimundo Lopes, é levada ao ar pela Rádio Guarujá de Florianópolis, ondas curtas 49 metros, tôdas as têrças, quintas e sábados no horário das 21,05 horas.”

O pedido para a publicação de simpatias para a cura de doenças, embora aparentemente paradoxal pois trata-se de um almanaque de laboratório, revela o conhecimento do universo desta publicação, onde é comum a presença das simpatias ao lado dos anúncios de medicamentos.

A sugestão para a distribuição do almanaque via correios e revistas revela a preocupação com um maior acesso, alargando ainda mais as possibilidades para as pessoas que procuram anualmente esta produção.

As Referências Religiosas

Como já foi afirmado anteriormente, o momento em que aparece o almanaque, das festividades de final de ano e confraternizações, retoma o movimento cíclico onde a busca do sentido de viver aliada ao aspecto religioso determina o aparecimento de referências religiosas nas cartas, tais como:

“Que Deus os abençoe!”

“Aqui vai a oração de Santo Antônio de Categeró.”

“Na paz de Deus.”

“Deus lhe dê a paz que ninguém pode dar. Amém”

“À luz de Cristo, desejo-lhes...”

“Que a paz do Senhor Jesus fique com vocês!”

“Que Deus abençoe a todos que compõem o Laboratório Catarinense, Deus abençoe o querido Laboratório.”

A escrita das cartas

Os leitores são provocados a escrever e o fazem por diversos motivos, para oferecer sugestões, se auto-denominando leitores-colaboradores, para pedir informações, para se corresponderem, contando suas histórias e de sua família em tom coloquial, desabafando, contando graças e desgraças como se estivessem diante de um amigo próximo.

Em gestos profissionais, agricultores, professores, radialistas e guias de turismo pedem material para desenvolver seu trabalho:

“Sou professora e estudante universitária, tive conhecimento do Almanaque Renascim Sadol em 1985, desde então, não perco uma edição. Os assuntos são bem selecionados e muito interessantes, os quais aproveito como professora e como aluna.”

E. C. V.

“Sendo eu professora alfabetizadora tenho procurado sempre a melhoria do ensino para meus alunos e notei que este Almanaque é tudo o que eu preciso para enriquecer ainda mais o meu trabalho. Não sei se é do seu conhecimento mas hoje usamos material variado para alfabetizar. Peço 40 ou 45 almanaques para cada aluno ter o seu.”

M. A. Z. M.

“Nós somos em 5 pequeno agricultor e temos em mãos um almanaque do seu Laboratório que nos é muito útil pois nos valem dele para o plantio dos nossos cereais, portanto é muito velho data-se de 1991. Pedimos o envio de um Almanaque de 1994.”

J.T.R.

Escrevem com a escrita domingueira, as normas; recortam letras do próprio Almanaque e colam, compondo um texto estrategicamente arquitetado, onde a inabilidade no desenho das letras não os impede de... corresponder-se, fazendo de restos e pedaços de uma escrita, uma outra. Nomeiam escribas, utilizam letra de forma, muitas vezes ao lado da cursiva, desenham, ilustram papéis, fazem envelopes de papel de embrulho. Muitos deles confessam o seu pouco contato com a escrita e não sabendo desenhar as letras utilizam-se da escrita à máquina como recurso. Lançam mão do que têm se aproximando numa mimésis, que ultrapassa o modelo pela magnitude do esforço. Assim como os motivos que os levam a escrever são diversos, assim sua escrita. Circular. Diferente do estatuto coloquial do diálogo, da conversa, mas incluindo, no caso abaixo (figura 43), um Ele que parece trazer o gesto de apontar para...

Uma carta deve apresentar um encadeamento necessário mínimo para ser compreendida. Esta afirmação provoca reflexões ao ser confrontada com a carta ao lado. Ele lhe está enviando...

Provavelmente alguém ligado às drogarias que não recebem mais o Almanaque para distribuir aos clientes. Por que o senhor diretor não envia mais?... Peço para enviar para ele distribuir para as drogarias... Aguardo minha resposta.

O autor da mesma comporta-se como porta voz de alguém. Constata a ausência, pede o envio porque simplesmente procura o Almanaque e não encontra, deixando claro que aguarda a resposta. Embora “aparentemente truncada” a carta apresenta um encadeamento que se nos oferece após mais de uma leitura. A ausência de um modelo epistolar não impede a expressão do missivista que tenta resolver seu problema.

Carta de M. (figura 44), a lógica do avesso...

FIGURA 17: Carta de M.

FIGURA 44: Carta de M. (Continuação)

A leitora enreda em seus fios o Diretor e outra leitora a quem parabeniza. Coloca-se com todos os seus limites:

“Eu não tenho nada. Não posso trabalhar pois tenho problemas e preconceito para falar sobre isso.”

Solidariza-se aos bichos do Pantanal: Sem voz diante do Homem.

“Esse Almanaque é demais. Não tem voz. Eu só sei disso.

Parabéns Presidente”

“Eu queria escrever mas a pessoa que compraria um remédio para me dar o rótulo, não pôde. Tanta raiva eu chorei... Sorria Senhor Presidente, sorria que amanhã o sol brilhará.”

O sorria posterior ao chorei. O senhor pode e deve sorrir. Talvez eu também devesse sorrir?

“Se eu pudesse comprar já tinha comprado... é o grande sonho meu.

Abraços com respeito”

A luta pela saúde, pelo corpo bonito e tratado esbarra em sua condição. O sentimento move-se da constatação ao imperativo: Sorria você já que não posso sorrir.

O comentário sobre as formas de sua escrita ameaça desfiar um tecido ricamente elaborado e coeso. Tamanha visceralidade emudece. Qual é a lógica dessa carta? Qual o encadeamento? Talvez a lógica de alguém que se dá/oferece e que se esconde para que a comunicação torne-se possível. Neste jogo embora o “Almanaque sendo demais, não tem voz”, não pode dialogar com ela em seu sentimento de impotência. Fala sozinha.

“Eu só sei disso.”

A cosmogonia do Almanaque presente na carta do leitor E. (figura 45).

O agricultor traz uma cosmogonia presente nos primórdios dos Almanaques. Onde as pessoas eram presas de um mundo ameaçador, das

intempéries e das previsões astrológicas. Ele reapresenta essa agonia quando entrecruza no texto o seu azar na agricultura com as datas de nascimento, estabelecendo uma reação de causa/efeito. A sua sina estaria vinculada à sua data de nascimento , às previsões astrológicas assim como à sua fertilidade, indicada pela presença dos filhos.

“É a lua que determina o cálculo mensal no Almanaque. A sua mística compõe-se por uma teia simbólica que relaciona ao mesmo tempo: homem/mulher/chuvas/vegetação/fecundidade/saúde/animais/morte/regeneração/vida pós morte.” (CASA NOVA, 1990).

Através da data do nascimento e da previsão do tempo, da fecundidade declarada, o agricultor, imerso no rito que é o trabalho agrícola, pede ajuda.

Indo de encontro aos cânones do formalismo, temos a carta de um professor de grego, hebraico, aramaico e inglês, que diz:

“Tenho gana por cognição e não posso coibir os desejos do meu cognoscível/cognoscente com relação à antropologia...”

A Compilação do Almanaque Renascim Sadol

Conforme informações das pessoas responsáveis pela elaboração do almanaque, as obras usadas para consulta são:

- Dicionário Universal de Curiosidades
- O Que é ... O que é... - Coquetel
- Guinnes Book - Volume atualizado
- Como Cultivar Hortas e Pomares - Eurico Santos
- Plantas para Jardins e Interiores - Manual de Jardinagem - Miriam Morelli
- Calendário para seu Jardim - M. Coutinho
- Dicas de Cozinha - pesquisa em vários livros e revistas, quando interessantes. Para o ano de 1995 utilizamos: Cozinhando ao Redor do Mundo - Rede Feminina de Combate do Câncer - Joinville - Santa Catarina
- Pensamentos - Revista Seleções
- Guia dos Signos - Editora Alto Astral
- Enciclopédias

Presença de Pessoas Importantes no Almanaque

Muitas manequins e atrizes foram capas do Almanaque Sadol Renascim, Xuxa e Vera Fisher provavelmente são as mais famosas.

O artista plástico Juarez Machado muito conceituado na pintura moderna contemporânea teve seu primeiro emprego de desenhista na gráfica e editora do Laboratório Catarinense onde eram elaboradas as embalagens dos remédios e o almanaque. Trabalhou por 3 anos e, segundo ele só pôde desenhar para o almanaque depois de um ano de trabalho, pois a publicação era considerada a “menina dos olhos da empresa”.

Ilustrações, letras de título e a transformação do texto em desenho, da carta enigmática passaram por suas mãos.

6. DE PRÁTICAS E LEITURAS

“...A espera dos Almanques começava nos primeiros dias de dezembro. Passávamos todos os dias na farmácia, perguntando: “Já chegou?”. Principalmente nós, os mais pobres, que não tínhamos dinheiro para os gibis.

Os almanques supriam a ausência. Quase todos os grandes Laboratórios editavam os seus...” (Ignácio de Loyola Brandão. Jornal O. E.S.P. 28/08/94)

“... eu, que desde a minha infância tenho contato com ele, sei o quanto ele é importante, pois chega onde os “best-seller” nunca chegaram...”

“... esta simples revistinha é para muitas pessoas humildes do interior, o único meio de literatura...”

“... ele é esperado o ano todo, e com que alegria as pessoas o recebem nas farmácias e quando chegam em casa reúnem toda a família e vão lendo pra eles, dicas culinárias, curiosidades, etc...”

Desses leitores e suas leituras, pode-se dizer que, ao se apropriarem dos textos dos almanques, constroem diversas práticas de leitura:

6.1. As Práticas de Leitura Compartilhada

“Eu gosto de ouvir as piadas dos almanques.”

“Gosto de piadas e adivinhas, pensamentos e curiosidades. De falar a adivinha para alguém.”

As frases acima indicam uma leitura compartilhada, compartilhada sempre no original humor dos vendedores das feiras livres que constroem as piadas bem ao gosto do público-leitor dos almanaques. O almanaque impele seu leitor em direção ao outro, muito de sua escrita só tem sentido quando dividida com outras pessoas. Ao ler uma piada ou curiosidade o comportamento natural é o de externar a alegria ou o espanto.

6.2. Seo Vicente e Suas Leituras*

A presente prática, ao confrontar a leitura do almanaque feita pela reportagem do jornal dos anos 60 e a leitura de um leitor de almanaques, busca configurar, através dessa análise, não só diferenciadas maneiras de ler e de delas se apropriar de um mesmo objeto-almanaque como também relacioná-las às transformações históricas, fundamentais para compreensão dessa década.

No dia 21/05/69, o jornal O Estado de São Paulo publicou uma reportagem intitulada “O velho almanaque vai fazer 50 anos”. A reportagem, em seus diversos parágrafos, nos fornece vários elementos e condições para que os significados do objeto-almanaque possam ser configurados em suas representações, nas décadas de 50 e 60. Assim, no início, um pequeno histórico, informa que, ao completar 50 anos a comemoração será marcada com uma edição de 3 milhões de exemplares, alcançando uma tiragem total de 80 milhões de exemplares. Tal edição terá anedotas e desenhos do irmão de Ziraldo. Quantos seriam os seus leitores em uma década ainda não marcada por projetos de alfabetização é a nossa primeira indagação. A seguir, vêm seus subtítulos: Muitas cartas, O cordãozinho, Evolução, Ele sobrevive. Esses subtítulos são entremeados pela história do Jeca Tatuzinho, que, no meio da reportagem, é escrita em rimas.

* Publicado com modificações na Revista Educação e Sociedade n° 54, 1996. Pg 161-171.

*“Numa casa de sapé
Lá na beira do caminho
com dois filhos e a “muié”
Mora o Jeca Tatuzinho
No terreiro uma galinha
um galo velho e um leitão
e o quintal sem plantação
Jeca vive descansando
Nunca tem disposição
Passa o dia se espreguiçando
Diz que pro trabalho
Não tem vocação
Numa tarde que chovia
Um doutor por lá passou
Vendo Jeca que sofria
Um remédio receitou
E lhe disse: meu amigo,
Não ande mais de pé no chão:
Sua doença é amarelão
Jeca comprou sapato
Prá família e prá a toda a criação*

*Dava gosto a gente “vê” galinha
de botina e galo de botinão.
Quem passar pelo caminho
Fica logo admirado
Já não tem mais o ranchinho
No lugar tem um sobrado
Hoje em dia, o Tatuzinho
É o maior dos “fazendeiros”
Tem saúde e tem dinheiro
Sua história é uma lição
Prá quem anda de pé no chão
Sapato no pé prá não “entrá” os “bichinho”
É a receita do Jeca Tatuzinho.*

Os subtítulos, na verdade, correspondem tanto a informações como às cartas que seriam recebidas diariamente, em número de 30 a 40.

A “Evolução” é mostrada através de piadas. Nelas se observa a presença de carros, palavras francesas (1941), valorização do dinheiro (1951), referências à arte moderna (1954), componentes culturais de cada época. O tópico: “Ele sobrevive” informa sobre a história do almanaque colocando que, em 1920, os almanaques estavam no apogeu e que hoje (1969) quase não existem. Segundo a reportagem, passaram de moda, mas esclarece que, apesar disso o almanaque **Biotônico** não pretende interromper a trajetória.

Porém, talvez o mais importante nesta reportagem sejam alguns tópicos, fundamentais para a compreensão das modificações de leitura que começava a sofrer o almanaque na década de 60. Como no caso do Cordãozinho.

“O cordãozinho:

Agenor Lopes Silva conta a maior **bronca** que o Almanaque já recebeu até hoje:

- Desde 1920 até 1954, os Almanques vinham com um cordão que servia para pendurá-lo na parede. Isso ficava muito caro. Não havia máquina para fazer o serviço, e os cordões eram amarrados um a um. Dava um trabalho tremendo, além do preço sair muito alto. A edição de 54 foi a última que veio com cordão. Recebemos diversas cartas reclamando contra essa alteração. Mas, não havia jeito.”

O Cordãozinho para o gerente, na reportagem do jornal, é analisado, como algo dispendioso pois não há máquinas para colocá-lo. Os cordões eram colocados um a um, dando um trabalho tremendo, além do preço sair muito alto. Reflexão do ponto de vista do custo e da não possibilidade da mecanização de um trabalho. Se antes era indiscutível que tal colocação fosse manual, uma forma artesanal, na época com o processo de industrialização batendo às portas, torna-se inviável o artesanal dentro de um laboratório que se moderniza para acompanhar um ritmo de crescimento inevitável.

Analisando-se a época, pode se relacionar o cordãozinho com determinados objetos escritos. Passando de um modelo de sociedade agrária, para um modelo industrial desenvolvimentista, a alfabetização se torna necessária. Com ela modifica-se o objeto livro para adequá-lo a tais finalidades. Ou seja, ao tirar o cordão, transformo também o objeto almanaque, colocando-o próximo do livro. Diferente de uma folhinha ou de um calendário, palavra sinônima, muito mais próximo de modelo de sociedade oral, mais voltada para os valores rurais. Ao suprimir o

cordãozinho retira-se do almanaque quaisquer semelhanças com as folhinhas de parede.

Ao nos referirmos à importância desse tópico, estamos relacionando os seus significados à leitura e a utilização desse mesmo cordãozinho por um leitor de almanaque, Seu Vicente, nascido em 1916, em Agudos, Estado de São Paulo, que nos contou a sua história de leitura do almanaque.

“Meu pai era colono da Fazenda de café lá prás banda de Agudo. Minha mãe cuidava da casa. Foi escrava. Minha avó veio de Angola pra cidade de Rezende, no Rio de Janeiro. Naquele tempo lá era tudo fazenda.

Minha mãe era marcada a ferro no seio. A sinhá sabe que era costume? Era sim. As bonita. As patroa tinha ciúme e mandava marcá...

Tanto meu pai como minha mãe, não estudaro. Tudo o que ensinava era falando. Mas levaro os filho prá escola. Todos. Leva levaro. A primeira vez que vi um armanaque foi no orfanato. Acho que era 1928. Eles mostrava prás criança, prá num andá discarça.

O que era de mais interesse era a história do Jeca Tatu. A professora aproveitava...

Lá se usava os remédio indicado nele.

No orfanato tinha o livro Sagrado e o armanaque. A professora ensinava a chave. Eu quero dizê, as letra. Elas acaba sendo a chave, sem elas ocê num entra. Num lê. Aí eu procurava as letra no armanaque.

Quando eu cresci, fui trabalhá em São Paulo, na casa da Família Mello. Meu serviço era de page. Ouviu falá? Eu cuidava dos filho deles. Lavava, trocava e levava prá escola, a pé. Naquele centrão de São Paulo, onde hoje, só tem prédio. Era tudo casa, mato, tinha bonde. O caradura era bonde onde ia os pobre. De pé. Era muito mais barato que os outro.

Lá tamém tinha o armanaque. Como ele tinha muito desenho eu usava prás criança estudá, copiando as palavra e olhando nos desenho.

Fazia lição com Jeca Tatu. Prá ensiná as palavra do armanaque. Essa família me levou conhecê Campos do Jordão, Rio de Janeiro. Eu viajava com eles. Me tratavam como iguá.

Na casa tinha uma bibrioteca. Quando as criança dormia, a patroa, que era muito boa, me deixava ir lá. Eu pegava o Livro Sagrado e ia juntando as letra até vê as palavra.

Foi lá que eu conseguia lê o gibi do Tintim que eu gostava.

Aí eu casei e fui pro sítio prantá. Fui embora. Casei.

E o jeito era o armanaque. O único lugar prá saber quando e o que prantá

Nem é só isso. E nome pros filho? Tirado do Livro Sagrado e dos armanaque.

As criança andava tudo carçada. Aprendi lá. Prá não dá bicho.

Lá no sítio, nós punha uma cordinha e o armanaque ficava pindurado no guarda-comida. Preso. Fáci de pegá. Quarqué um que chegava prá perguntá quarqué coisa, tava aí. Só olhá!

Tudo a gente olhava nele.

Eles davam na Farmácia. Era só comprá quarqué coisinha e vinha armanaque. Pelo que lembro ele tinha sempre uma capa iguá.

Todos na casa interessava. Aqueles que conseguia lê um pouco, lia pros outro. Assim né, de ouví e vê, acabava sabendo e lia.

Juntava as criança em roda. Contava em voz alta. Misturava as história.

Sabe sinhá, é que nem hoje novela. Antes a gente contava as história. Repetia, repetia que nem a novela. Repetia a história. As pessoa de idade também gostava de ouví. Não era só criança não.

As vizinha, quando queria receita de coisa de comê, vinha. Olhava, escutava, ia e fazia. Vinha sempre receita da coisa de cozinhá.

Sinhá, o armanaque era que nem a gente tê um médico em casa. Sabe como é. Os meninos sempre tem dor de barriga, as gripe, chiadeira, aí é só ir e olhá o que é bom. É dá e pronto.

Sabe sinhá, co perdão da palavra, mas a sinhá é estudada... Coisa de mulhé. Remédio prá mulhé. Tudo lá.

Agora eu tô aqui lembrando, até o circo usava o armanaque. Tinha um palhaço. Eu vi uma vez. Ele se vestia de Jeca Tatu e fazia as história dele.

Muita coisa era guiada pela mão do armanaque!"

Para o seu Vicente, o cordãozinho era a cordinha:

"... Lá no sítio, nós punha uma cordinha e o armanaque ficava pindurado no guarda-comida. Preso. Fáci de pegá. Quarqué um que chegava prá pergunta quarqué coisa, tava aí. Só oiá! Tudo a gente oiava nele".

A importância do tal cordãozinho para o seu Vicente decorre de sua incorporação, materialização, como parte do objeto almanaque. Para nós, delineia uma determinada apropriação de leitura, comum nas décadas anteriores à industrialização e a expansão do livro nos anos 60.

Por que pendurá-lo? Para garantir a manipulação pela junção das folhas pelo barbante, uma vez que sua constituição é frágil e seu papel é barato? Ou seria uma tentativa de elevá-lo ao estatuto de calendário, utilizado diariamente e que, para tal, necessita estar à vista?

É o calendário que se prega. Fica aos olhos, se torna cotidiano, substituído a cada começo de ano como num eterno recomeço. Assim também pode ser o almanaque, numa mistura de tempo e de leitura.

Mas, por essa e outras entrevistas, no meio rural, sabe-se que a cozinha era o lugar privilegiado. Era o lugar do encontro nos momentos que sucediam o trabalho cotidiano da roça. E ali, entre um bocado e outro, de broas de milho, aipim e jerimuns, o almanaque informava, divertia, dava asas à construção de uma leitura ouvida, vista nos desenhos, brincada nas personagens, gravada na memória, assistida no circo enquanto história do Jeca. Porém, era um valor. Inserido na cotidianidade, o almanaque era qualificado. Significados eram criados. Ele era o médico, o conselheiro, ele indicava o que plantar. Pendurá-lo por um cordãozinho valorizava e elevava um determinado objeto.

Sacraliza-se mesmo, o almanaque como um objeto que representava e representa, no meio rural, o universo da escrita até os presentes dias. Muitas vezes tinha como companhia o **Livro Sagrado**, mas geralmente era o único objeto desse mundo da escrita. Como tal, representava para seus possuidores o contato com esse outro mundo entremeado de poderes e perplexidades.

O cordãozinho para o seo Vicente marcava um lugar de leitura delimitando ao mesmo tempo um espaço para as práticas dessa leitura. Através de gestos, como o de folhear, através de imagens que remetiam à textos, geralmente bem curtos.

Para o gerente, o cordãozinho era algo ultrapassado e custoso, para seu Vicente era um elemento de valorização desse mesmo mundo da escrita, que percebia leitores como ele, como não-leitores ou analfabetos. Um cordãozinho separava esses dois mundos.

A imagem do Jeca no jornal, aparece em três momentos distintos da poesia. Num primeiro momento: O Jeca representava o atraso da casa de sapé-rural, a inépcia para o trabalho, características inadmissíveis para o novo modelo econômico. Mas, através dos conselhos do doutor, percebe-se que há chances para ele, há “remédio”. É só ouvir o médico, calçar-se, distanciar-se do chão, da terra que traz as pragas, que lhe corroi as

vísceras. Afastar-se. É só higienizar-se, ter um corpo saudável, apto para o trabalho, para o progresso.

O Jeca obediente, higienizado, tem bom corpo para o trabalho e progride. Chega ao sobrado, característico da metrópole. Sobrados-casarões, das grandes avenidas que acomodam os ricos proprietários-fazendeiros que abandonam suas fazendas para buscar o novo status social que a grande cidade lhes oferece.

Portanto a maior lição é a de que ele só pode mudar transformando-se, negando seu barraco de sapé, seu corpo-bicho, seu estar no chão, rente à terra, tatu, para estar cada vez mais distanciado dela pelos andares das casas e pelas máquinas agrícolas.

A terra contamina. Os novos ideais da cidade transformam e libertam. Sendo assim, grandes contingentes, na década de 60, afluem às cidades formando o grande grupo de mão de obra disponível e criando a necessidade de projetos de alfabetização para a devida adequação neste novo universo.

Para seo Vicente, o Jeca é o elemento que marca a passagem do mundo oral para o mundo da escrita. Ele, em parte, representa o seu mundo oral/rural. Está com ele no orfanato e na roça. No orfanato, o uso das letras nas cópias. Na roça, ensina com o almanaque contando em voz alta. Já na biblioteca são as marcas do espaço do livro. Primeiro com o **Livro Sagrado** e os **gibis do Tintim**. Nestes se percebe uma época ainda matizada pela influência da cultura francesa. Por outro lado, fazer a lição com o Jeca significava buscar ajuda nas táticas utilizadas na história contada, recontada, para só assim poder penetrar no mundo da escrita do qual se acredita distante. Misturando histórias. Do que lê e está escrito no almanaque e do que sabe e está escrito na sua memória oral. Com a história do Jeca, misturam-se história do mundo escrito e do mundo oral. Uma personagem criada por um escritor em uma história escrita é apropriada em histórias na oralidade e é ela que permite a identificação com o mundo letrado por pessoas consideradas analfabetas. E, entre esses campos

culturais se delineiam a história e o Jeca, como elementos de passagem. O almanaque como o suporte material permanente entre esses dois universos. De um lado o almanaque, de outro, também o almanaque, mas junto com a bíblia ou com o livro e os gibis. Pelo almanaque a roça se aproxima da biblioteca.

No sítio, volta-se ao espaço marcado pela oralização. Contar história, misturando, repetindo como novela. Um espaço que possibilita a invenção de artes de fazer-tecer o cotidiano, quentes, marcantes da oralidade.

Há também o espaço de leitura da encenação do Jeca no circo. Uma leitura espetáculo onde o papel é o picadeiro e as letras e o ritmo inscrevem-se no corpo do palhaço. Suportes materiais de memória para uma história oralizada.

O Jeca “invade” o social, a escola, o circo, o rádio e o texto é ouvido, visto, desenhado, e memorizado, para ser enfim, lido.

O cordãozinho permanece até 54. O panorama sócio cultural da década de 60 altera-se. O editorial para o almanaque de 1960 traz em sua abertura uma referência ao São Paulo de hoje, uma metrópole que abriga cerca de 3,5 milhões de habitantes. Salta aos olhos as propagandas da torre da rádio Tupi do Rio de Janeiro, Rádios, pilhas, TV. Conselhos para um mobiliário moderno. Grandes mudanças se comparamos com os almanaques da década de 50 com predomínio rural.

Altera-se uma sociedade, altera-se o objeto almanaque, alteram-se práticas de leitura e neste espaço, de um país que implementa sua indústria e inscreve-se no progresso, o barbante perde seu significado.

Neste momento, aos calendários pregados balouçantes e manuseados sucedem-se quadros nas residências e o almanaque ganha outros lugares que não à vista dos olhos, em espaços predominantemente rurais onde as práticas de leitura se aproximam de um acontecimento festivo e coletivo.

6.3. As Práticas de Leitura Permitidas

DAVIS (1928) no ensaio: **O povo e a palavra impressa**, traz a discussão da propaganda religiosa presente nos almanaques. As idéias calvinistas impregnaram os almanaques no século XVI, sendo os santos, substituídos nos calendários por datas históricas. Reproduzindo a nota de número 41: “Crespin, Martyrs 2:438. O editor de propaganda protestante às vezes compartilhava parte dos riscos com o vendedor, estabelecendo um contrato, por exemplo, que, se os livros fossem apanhados no período de dois meses, pelos ” inimigos dos Evangelhos” o “librairie” assumiria todas as perdas (Schlaepfer, “Laurent de Normandie”, p. 199 e chaix, Recherches, p.59).

Na França, o almanaque foi usado para a propaganda real de Luís XIV, com conteúdo histórico, militar e político. Os símbolos da revolução francesa estarão presentes nele, com suas alegorias revolucionárias: A Liberdade, A Igualdade, A Justiça.

Portanto, os laboratórios farmacêuticos ao utilizarem tal objeto de propaganda, focalizam o olhar na história assumindo-o com seu valor de veículo de massa ou seja, sua imensa popularidade, conquistada desde além mar pelos imigrantes, na convivência com um objeto existente e utilizado desde o século XV. O objetivo é claro. Fazer propaganda de seus produtos, sendo que cada laboratório desenvolve parcerias de anúncios com os proprietários das farmácias, num acordo que garantiria a cobertura de parte dos gastos.

Os almanaques de farmácia, sofrem variações entre um laboratório e outro. O Sadol se mantém fiel ao seu primeiro número nos idos 1946.

Estamos diante de um material específico, cuja montagem se perpetua. Muito antes de 1946, já era dessa forma. Estamos diante da escrita/leitura. De um objeto onde está presente o enredamento da cultura “dita” erudita com a cultura “dita” popular.

Com a fala da leitora Amélia, de 75 anos, estaremos nos aproximando de onde:

...ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é construir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade: é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática... (CERTEAU, 1990).

Quando dona Amélia começa a fala, seu olhar vaga, embaça, lacrimeja. Falar de suas leituras é falar de sua vida, dura, na roça.

“Eu nunca fui na escola. Foi meu irmão mais velho que ensinou eu e minha irmã a ler. Eu com 12 anos e minha irmã com 18.”

Impossível falar só da leitura. Em alguns momentos o almanaque não passa de um suporte de memória para que os irmãos sejam novamente trazidos para perto.

“Nasci numa fazenda perto de Campinas, a Fazenda Rio das Pedras. Sempre vivi ou em fazenda ou em sítio. Quando casei, fui para Cambé-Paraná. Trabalhar na roça. Em Campinas tinha o almanaque do Jeca, aquele caboclo. No Paraná era mais o Sadol.

O que tinha de se ler em casa, era o livro de missa, os almanaques e as fotonovela. O livro de missa, sabe como é, se reza neles. Fala muito. Até a gente saber deles.

Agora, a gente, mulher, trabalhava até o Sol acabar, chegava em casa, era tudo para fazer. Comida, roupa. As crianças para cuidar. Sabe, eu me lembro de ler quando tava doente. Essas vezes eu lembro bem. Tava de cama, não tinha jeito. Aí podia ler. E aí, eu lia...”

Presente aqui, o ócio como pecado a ser combatido, tanto pela concepção capitalista-burguesa de trabalho como também pelo caminho para o aperfeiçoamento espiritual, via igreja. O tempo que deve ser utilizado para produzir, onde o trabalho salva pela labuta e sacrifício. Diante de tais assertivas resta ao tempo ocioso, a condenação. A menos que a doença lhe tome o corpo. Dona Amélia intercala momentos de leitura diferenciados: a sociabilidade do convívio e uma intimidade garantida ainda que pelos momentos de enfermidades. Refúgio dos afazeres domésticos, o quarto. O corpo em repouso pode permitir-se ao sonho e devaneio nas fotonovelas, expiar culpas, pedir pelos filhos, no livro de missa e pensar no dia a dia nas páginas do almanaque.

As fotonovelas. Coleção da filha já falecida. O silêncio. Delas não quer falar. Lia, chegava a ler... A filha. Como era feita a leitura?

Olhando as fotos, as expressões no rosto, caçando letras, construindo a novela pela foto. O olhar se perde. A saudade é mais forte que a vontade de continuar contando.

Na fotonovela, as personagens, quantos são, o ambiente da história, a cena, tudo está na foto. O escrito é só a fala...

“O almanaque. No sítio eles iam de mão em mão. Um emprestava pro outro. Quando chegamos lá, na roça, eles, que já moravam lá, davam comida prá gente.”

Dona Amélia assim junta as duas falas. Do almanaque solidário, de mão em mão, de ninguém, de todos, à solidariedade no repartir o pão cotidiano, num ambiente onde estar coletivamente representava e assegurava uma inserção social.

“O almanaque servia prá muita coisa no sítio. Meu pai procurava Lua prá plantar. Minha mãe pedia prá gente falar prá ela das flores, das

verduras. Juntava eu e meus irmãos e cada um juntava o que sabia. O signo-horóscopo era um passatempo lá...

Agora, eu gostava de saber das doenças. E o que era bom prá elas. Olhava nas propagandas dos remédios. Não que fosse prá comprar os remédios. Prá saber mesmo. Assim, a camomila é boa prá digestão, empaxamento, estômago pesado, gases. Aí a gente planta, faz chá. Remédio de boldo, xarope de agrião e mel. No sítio sempre tem mel, agrião se planta..."

Juntando ilustração, letras, expressões faciais, o olhar percorre a página cujo modelo é velho conhecido. Provavelmente está em, ação a lógica opertória das culturas populares da qual nos fala CERTEAU (1990):

“Lógica do avesso e da teimosia, fundada quase que apenas no oral, pois recusa a escrita como espaço de dominação e do controle; lógica do informal, porque utiliza suas táticas conforme as estratégias dos outros; lógica do instável, porque, sem qualquer ponto de ancoragem emocional busca, afinal, a própria sobrevivência.”

O olhar vaga por sobre o papel numa circularidade, enquanto que a memória desperta, lhe fornece subsídios que irão compor às táticas. A procura das relações de oralidade no texto. A visão de um texto borrado onde se re-escreve, onde letras se inscrevem por sobre letras, trazendo ali, naquele suporte de escrita, a vida coletiva quente e palpitante. Traço, desenhos, a paginação quase eterna deste tipo de material impresso empurram-na para um diálogo entre a escrita e a oralidade.

Nessa leitura, nessa caça furtiva, há em quem caça, vozes de outros...

É o momento para o qual se deslocam as práticas da escuta, da narrativa, dos relatos numa tentativa de diálogo com a página que se apresenta, inscrita. Dona Amélia dialoga com o texto...

Na década de 30, em uma das obras clássicas, para se pensar o Brasil, Sérgio Buarque de Holanda, escreveu:

“Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os nossos males ficariam resolvidos de um momento para outro se estivessem amplamente difundidas as escolas primárias e o conhecimento do A B C. Certos simplificadores chegam a sustentar que, se fizéssemos nesse ponto como os ESTADOS UNIDOS, “em 20 anos o Brasil estaria alfabetizado e assim ascenderia à posição de segunda ou terceira grande potência do mundo!”

Salvaguardando a historicidade da fala, poderíamos dizer que houve mudanças significativas para o postulado acima, em 6 décadas? Os indicativos apontam para os mesmos caminhos trilhados ou seja, do analfabetismo aliado à ignorância e ao atraso.

Estaria, no presente caso a ignorância aliada às táticas de dona Amélia ou estaria ela acomodada tranqüilamente nos ombros de hábeis decodificadores, visto que, o que ela ignora é o apelo da propaganda, do qual conscientes ou inconscientes os técnicos-decodificadores, são presas fáceis.

6.4. As Práticas de Leitura: Entre o texto e a natureza

“Tinha muita utilidade o almanaque, porque a gente sabia o tempo de plantar, assim como tem os meses da gente plantar. A planta que dá por baixo da terra e a planta que dá por cima. A gente explicava tudo isso para os empregados e moradores da fazenda.

Hoje a gente lê e ali tem até quando a gente quer começar fazer um serviço, que você quer que ande mais depressa. Qual a lua em que você deve começar prá terminar depressa. Assim, ponto de lâ, de linha, qualquer coisa de trabalho artesanal, manual. Qualquer coisa que você quer andar depressa, tem a lua.

Eu gostava muito de fazer colcha de crochê, prá gente fazer e acabar mais depressa, se começa entre a lua minguante e a crescente - isso

também é informação do almanaque - aí fica tudo mais depressa. As plantas, as frutas que dão acima da terra depois da lua nova até o dia da cheia, os debaixo da terra devem ser plantados na quinzena que vai desde 24 horas depois da lua cheia até o dia da lua nova.” (Alice, 58 anos).

Provavelmente Alice refere-se ao seguinte texto:

“Meu pai foi fazendeiro, comerciante. Ele estudou no quartel. Era Cabo.

Minha mãe era analfabeta.

Desde pequena eu conhecia o almanaque. Eles davam nas farmácias, prá todo mundo. Com seis anos eu já conhecia, em Corupá-Santa Catarina.

A gente perguntava pro pai olhar no almanaque se era bom prá plantar. A lua. Olhava a lua para pescar. As piadinhas. As simpatias (figura 46).

Meu pai lia o almanaque para todos lá em casa. Em voz alta. Os colonos que não sabiam ler, iam pedir para o meu pai ler para eles. Para saber as coisas: Lua, quando plantar.

A minha irmã segue os ensinamentos do almanaque até hoje. Assim. O que é para tomar se tem cólica ou dor de barriga. Lê todos conselhos e segue. Acho que ela não faz nada na vida dela sem olhar o almanaque. Até hoje.

Quando ia nascer uma criança as pessoas se juntavam com o almanaque prá olhar os nomes dos santos, bonitos, prá dar o nome em quem ia nascer.

Até hoje eu procuro nas Farmácias o almanaque, acho que eles continuam trazendo muita coisa que eu uso e que me interessa. O problema é que bem mais difícil de encontrar.” (Verônica, 49 anos)

A frase indicando que a irmã da entrevistada não faz nada na vida dela sem olhar o almanaque provavelmente indica a busca das influências lunares, da mesma forma que o cotidiano de Dona Alice.

6.5. As Práticas de Leitura do Aprender.

“Conheci os almanaques em São Mateus, quando ainda era criança. Meu pai sempre tinha em casa e ia buscar na Farmácia todo o começo do ano.

Meu pai era formado contador e minha mãe lia e escrevia.

Lembro do meu pai lendo sobre a época de plantar no sítio. O que plantar. Sobre as luas, as que eram boas prá plantar e as que não eram. Mais era a preocupação com a agricultura. Eu gostava de ler prá aprender das plantas. O que replantar. O que não precisava.

Mas a lua para pescar era o que me interessava muito também. Lá vinha quando dava peixe, que dia bom do mês, de acordo com a lua. Hoje ainda, eu olho nos almanaques. A gente consegue com parentes. Mas não sei se a lua tá influenciando tanto, porque o rio daqui, tão poluído com a fábrica que às vezes fico pensando que a lua não pode fazer tanto efeito.

Lembro que quando meu pai não ia buscar em Farmácia, a gente ia.”
(Carlos, 50 anos)

Esta leitura possibilita uma relação de intertextualidade onde o leitor, constantemente faria transformações naquele "produto aparentemente estático".

Mais estável que a lua? Suas fases? No entanto, no caso da pescaria, houve a necessidade de cruzar dados de uma determinada realidade que é poluída e que talvez diminui o grau de influência lunar. Mais que informações, a vivência do seu cotidiano. Tal fato no entanto não diminui o seu interesse pelos escritos do almanaque. Ele simplesmente se relaciona de forma dinâmica com o objeto-texto.

Segundo CERTEAU (1990), a atividade de leitura apresenta todos os traços de uma produção silenciosa: divagação através das páginas, metamorfoses do texto pelo olho que viaja, improvisa a expectativa de significados, induzidos de algumas palavras, sobre posição de espaços escritos, dança efêmera. O leitor insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação do texto, do outro. Caça nele furtivamente, é transportado, se faz em plural como os ruídos do corpo.

Fazer uma releitura da influência lunar para pesca. Pretensão ou "cruzamento leitura-cotidiano-mundo", em busca do efetivo sentido?

6.6. As Práticas de Leitura enciclopédicas.

“Hoje tem bastante livro. É livro prá jardim, é livro de nome, livro de receita. Cada um fala de uma coisa. Isso quando a gente quer um livro prá saber de alguma coisa.

O almanaque não. Ele tem de tudo. Muita coisa boa prá se saber e usar. Prá passar o tempo também.

Lá em casa todo mundo gostava. Eu, meu pai, minha mãe e meus seis irmãos.

Como é muito difícil encontrar o almanaque hoje, muitas vezes leio os velhos. Não cansa. Tem sempre coisa que aproveite.” (Carlos, 50 anos)

“Minha mãe seguia os conselhos para a agricultura. Meu pai sempre lia as coisas interessantes em voz alta. Cada um lia o que gostava mais.

O que acontecia era que não tinha muito livro com tantas informações e coisas. Então o que vinha ali todos podiam usar no dia-a-dia. (Neurides, 63 anos).

6.7. As Práticas de Leitura de Lembranças.

“Tenho 75 anos, sou formada em pedagogia e enfermagem. O almanaque era a minha principal distração na infância. Adorava ler sozinha e para os outros, em voz alta. Foi o almanaque que me despertou para as duas profissões. No momento em que lia e comentava com os outros: professora e no médico, olhando os bichos de pé do Jeca Tatu, com a lupa: enfermagem.

Quando lecionei no curso de Saúde Pública, visitava as casas dos colonos na zona rural, me sentia como o médico do Jeca Tatu...” (Abigail, 75 anos). (Vilela, L. 1992)

Dona Abigail fez questão de escrever e entregar junto com a entrevista a história do Jeca Tatu. Materializar a memória num produto escrito demonstra uma reconstituição pelo trabalho. A função social do velho que lembra e num ato que pode transcender a sua permanência, escreve, socializa a sua memória através da linguagem, desempenha o papel daquele que porta a memória do grupo, da sociedade em que vive.

“As pessoas do sítio se reuniam na minha casa para escutar as histórias do Jeca Tatu que a minha mãe contava. Depois a gente ia para o terreiro inventar outras histórias do Jeca. Na casa do meu pai tinha estoque de almanaque, foi uma pena perder tudo. Depois que a gente cresceu e aprendeu a ler, a gente lia para o meu pai, que não sabia.” (Luíz, 63 anos). (Vilela, L. 1992).

Durante a entrevista o senhor Luíz fez questão de contar a história do Jeca Tatu para que ela fosse registrada na entrevista. Contou em detalhes terminando com a afirmação de que gosta de recordar seus tempos de infância. Intercala as falas com informações sobre a mudança do nome do Laboratório Fontoura e fatos ocorridos na família.

Ao movimentar as lembranças compartilhando-as, seu Luíz refaz, reconstrói. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual.” (BOSI, 1994).

6.8. As Práticas de Leitura de Brincadeiras.

“A gente se reunia em volta da mãe que lia as histórias do Jeca. Depois a gente ia para o terreiro brincar, inventando outras histórias do Jeca.”

(Luiz-63 anos). (Vilela, L. 1992)..

“Como era um sítio onde se trabalhava com cerâmica e lenha os adultos deixavam para as crianças o almanaque, para aprenderem, pois tinha desenhos e histórias. As crianças maiores liam para as menores. As crianças adoravam brincar com a revista.” (Maria-51). (Vilela, L. 1992).

As palavras são escutadas e brincadas, reinventadas. Os leitores rurais, identificados com o Jeca estavam nas histórias, eram as histórias. Num exercício que nunca é igual embora a história desencadeadora o seja.

Aprendendo a escutar várias pessoas que contam e ao contar modificam a história colocando detalhes, burilando aqui e ali, medindo seus passos no brilho dos olhos dos ouvintes... A escrita inscreve-se no corpo que brinca. O papel ganha vida. Encenando o Jeca num jogo com a linguagem que se constitui no lúdico, no prazer, inventando Jecas vencedores, talvez...

É uma escrita que acontece no corpo, nos vários corpos que interpelam-se, tensionam-se compondo um mosaico onde vários narradores dão o tom e a cor da figura desenhada. Cacos que “sobraram” das leituras ouvidas são recompostos significativamente. A atividade da língua nesse contexto é de movimento constante e como toda brincadeira, mesmo repetida mil vezes, reinventa o gesto modulando o tom, trazendo o novo, o inusitado.

Este tempo/espço funciona como suporte linguístico espacial na vivência destes leitores. (MOYSÉS, 1992)

Ler a palavra no corpo, nos ruídos provocados pelas várias vozes vinculadas aos laços coletivos.

A Urbanização e as Tentativas de Rompimento de Algumas Artes do Fazer... Da Praça Pública ao Monastério

6.9. As Práticas de Leitura enquanto passagem do oral para a escrita.

“Gostava de ler o almanaque sozinha, junto com os colegas do primário. Em voz alta quando tinha alguém para ouvir.

Quando eu lia sozinha, gostava de ler sempre como adulta, sem mover os lábios...” (Elza-63 anos)

“A professora Mariquinha sempre dizia:

- Leia primeiro só com os olhos. É criança que lê soletrando. A leitura adulta é sem barulho, a menos que depois você queira ler alto, para outras pessoas.

Isso foi na década de quarenta, durante a segunda guerra.” (Neurides-63 anos)

Os modelos disciplinares impostos pela escola silenciam o corpo. O contido resulta no adulto ideal, na leitura ideal. Historicamente, formas de leitura são valorizadas e desvalorizadas. Nos séculos X e XI compreender um texto era ouvi-lo. Esta tradição de leitura vem do caráter religioso, de ouvir a palavra de Deus.

Quando Santo Agostinho vê Santo Ambrósio lendo em silêncio, diz estar vendo um milagre pois haveria um entendimento do texto sem o envolvimento da fala.

Mudanças no texto irão estabelecer novas formas de leitura.

Assim como a separação de palavras por barras e pontos ocorridas no texto medieval, que era desprovido delas, difundiu uma nova representação de língua que incluiu a memorização das palavras.

Assim, ao ler em voz alta, o texto é marcado com o olho e o ritmo da voz. Só nas pausas da oralidade, aprende-se o significado das marcas da escrita, tais como pontos e vírgulas. (MOYSÉS, 1992)

A leitura reservada aos intelectuais, a do trabalho intelectual, é silenciosa. Na escola, a leitura oralizada irá servir para o controle do grupo enquanto que a silenciosa reveste-se de categorias morais. No lar, a leitura do almanaque era o lazer, a socialização. Ler em voz alta o almanaque não é só uma necessidade, mas uma prática de sociabilidade, relacionada a circunstâncias e finalidades múltiplas. Ler tanto a mesma piada para lê-la de cor, ler para que outros escutem, ler como se recitasse, se contasse histórias...

No meio doméstico ou familiar (CHARTIER, 1990), a leitura deixa de ser apenas relacionada ao livro, mas se torna a expressão da relação com o outro, que escuta. Do oral para o escrito.

6.10. As práticas de leitura de Maria Izabel, Regina e muitos de nós... as leituras de almanaque na escola.

Tentativas brincantes

“A gente sempre lia as piadas do almanaque no nosso grupinho de adolescentes. A gente trocava as piadas para contar para os outros. Líamos em voz alta, juntas.

Eu lembro de uma vez que uma das minhas amigas contou uma piada do almanaque na sala de aula. Tivemos um ataque de riso e fomos todas expulsas da sala.

O almanaque faz parte das minhas lembranças junto com as amigas da adolescência.”

(Maria Izabel-30 anos)

O uso do almanaque na escola

“Eu não lembro de ter usado o almanaque em sala de aula, mas tinha uma matéria que chamava Técnicas Agrícolas e eu o usava para esta matéria além de decorar piadas para contar na escola...” (Flávio-27 anos)

O uso do almanaque na escola aparece aqui como oficioso. Não usado em sala de aula mas em casa.

Despertando a leitura

“E daí agente apanhou o hábito da leitura. Nós aprendemos assim, nós desenvolvemos o hábito de ler e passamos a gostar da leitura. Através de uma pequena revista que era o almanaque, nós passamos às grandes leituras, às grandes informações, então, não é hoje que a gente apanhou o gosto pela leitura, isso vem de muitos tempos, de uma pequena fonte de informação que se tornou muito grande para nós do interior.” (Regina, 50 anos)

“... eu estava começando aprender a ler. As figuras coloridas do almanaque eram bonitas, eu tentava ler, despertava curiosidade para ler. Educava e ensinava. Lembro que na escola tinha biblioteca mas não era estimulado o uso dela. Os horário eram ruins, a disciplina muito rígida. Na escola não podia usar o almanaque, era material diferente mas a gente cansava quando era só escrito.

Você lia o almanaque. As histórias do Jeca eram contadas no rádio e o Mazzaropi fazia o Jeca no cinema.” (Douglas-48 anos)

O prazer trazido pelo colorido, pelas histórias que povoam o cotidiano invadindo o rádio, o cinema, contrapõe-se ao cinza do espaço escolar. Prazer/dever na concepção de trabalho advinda do *tripallium*, instrumento de tortura.

Almanaque, material diferente. Acessível porque é gratuito e persiste, despertando a leitura fora da escola.

“A gente era o almanaque, que era o que a gente tinha nas mãos. Por tudo o que ele trazia de importante e porque a gente encontrava na farmácia, no comércio, por esse motivo é que a gente lia...” (Geralda-63 anos).

6.11. As práticas de Leitura de tantas gerações.

“A minha mãe já gostava de ler o almanaque. Ela morava na roça. O pai trazia da cidade pra ela.

Eu e meus irmãos, a gente pegava na farmácia. Quem pegava era o primeiro a ler.

Agora voltei a ter contato com eles porque os meus filhos começaram a ler os almanaques” (Luiz Henrique-24 anos). (Vilela, L. 1992).

6.12. As práticas de leitura marginal.

A leitora Dona Dayse (65 anos), de formação superior, fala do almanaque sempre em contraposição à boa leitura:

“... Não lembro quem levou o almanaque para casa, se foi a empregada ou se foi na escola... Lia muito o Tesouro da Juventude, o Livro das Belas Ações, dos Porquês. O Tesouro da Juventude orientava para o gosto. Lia também M^{me} Delly.

Almanaque era diversão. Tinha piadinhas muito boas e também trocadilhos.

Era interessante ver os desenhos do Jeca Tatu calçando até os porquinhos e as galinhas.”

O acesso à “boa leitura” desloca o almanaque para os momentos de lazer/diversão.

6.13. As prática de leitura de narrativas: entrecruzamento da Bíblia e do Almanaque.

“Minha mãe que lia para a gente. Desde criancinha a gente já aprendia a rezar. E minha mãe gostava muito de ler, por isso é que toda revista que vinha...almanaque... minha mãe lia para nós. Ela lia também romances para gente. Ela gostava de ler na Bíblia, eu lembro que quando a gente era muito criança ainda, nem entendia bem que a Bíblia era um livro católico, ela leu para nós a história da cidade de Sodoma, que a mulher virou

para trás e virou pedra. Porque isso é uma lenda que propriamente a Bíblia não tem, né? Tem? Que a mulher virou para trás e virou pedra?... todas as leituras que minha mãe fazia dos almanaques...” (Tereza, 53 anos)

Livros de histórias para serem contadas, verdadeiras ou não, o caráter doutrinário se perde para virar lenda. Diversão na Bíblia e no almanaque, numa aproximação possível.

O leitor de almanaque transforma-se em narrador pois as informações veiculadas são retiradas da sua experiência, nunca sendo colocadas como verdades absolutas, deixando assim várias possibilidades de interpretação.

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão-no campo, no mar e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso,” BENJAMIN (1985).

7. LEITURAS DE ALMANAQUE E UM CONCEITO DE CULTURA.

“Diz quem foi que inventou o analfabeto e ensinou o alfabeto ao professor.

Me responde por favor.”

Almanaque

(Chico Buarque de Holanda)

Sem risco de engano, o Almanaque é, desde que apareceu até o presente momento, algo que nunca deixou de ser atual. Uma das provas disto são as reportagens publicadas nos últimos anos no jornal A Folha de São Paulo e que fazem alusão à cultura de Almanaque, relacionando-a ao tema utilidade-inutilidade.

Antes de discutir o implícito da desqualificação apresentada, quero colocar que não há apenas um só Almanaque. Existem almanaques produzidos em diferentes épocas, retratando toda uma relação histórica de pessoas naqueles dados momentos.

Além de existirem almanaques diferentes, existem leituras diferentes. A leitura do almanaque sobre o qual falamos realiza-se através de relações entre texto, imagens, fragmentos de oralidade, composições coletivas (junção de várias estratégias).

Debruçando sobre as referidas reportagens.

Uma delas, datada de 31 de janeiro de 1993, com o título: Da utilidade dos Almanaques. Trata de uma resposta do jornalista José Geraldo Couto ao diretor e produtor Walter Salles Júnior. A polêmica reside na crítica do jornalista, publicada na Ilustrada, do mesmo jornal, ao especial de TV, João e Antônio, produzido por Walter Salles Júnior. A crítica qualifica a cultura do jornalista de "cultura de Almanaque".

Transcrevo os momentos da reportagem onde aparece o Almanaque.
"... Não sei como Walter Salles Júnior descobriu, mas minha cultura é mesmo de almanaque. Orelhas de livros (incluindo os meus) frases

estampadas em camisetas (incluindo as dele), máximas de pára-choque de caminhão, artigos do Ponto Crítico-são estas, de fato, as indignas origens do meu parco saber ... Em seu artigo do último domingo-o mesmo que denunciou minha cultura de almanaque-o cineasta afirmou que tenho uma visão linear da história e da estética... Um pouco de almanaque às vezes ajuda... Como ensinam os almanaques, a técnica evoluiu espetacularmente nas últimas décadas." Ilustra o artigo uma capa do Almanack do Biotônico para 1924 _

Fica claro nas entrelinhas e chamamentos do artigo que o jornalista teria sido ofendido com a pecha de leitor de almanaque. Ele ironiza o almanaque no texto, porém, quando especifica que lê coisas como frases de camisetas, orelhas de livros, e que seriam as indignas origens do meu parco saber (sic) não estaria ele falando de uma leitura, através da qual buscaria a sua relação saber-mundo?

Ele diz que a sua cultura é de almanaque. Mas qual é a cultura de um crítico de jornal? Obviamente a erudita, que permeia toda a construção do artigo com nomes importantes da arte, autores consagrados, a meu ver, necessários para que se constituísse uma resposta assim:

Olha só de que almanaque aprendí coisas eruditas assim...

Talvez o autor discorde de minha análise mas tratando-se de um trabalho de história de práticas de leitura, eu poderia perguntar: cultura de que almanaque?

O que normalmente fazemos ao discutir uma prática de leitura? Sem pontuá-la historicamente, corremos o risco de desfigurá-la, utilizando chavões tais como: a cultura do almanaque é linear, utilitária, coisa do povo.

O artigo utiliza-se de uma visão estereotipada de almanaque. Sugere-lhe atributos populares que o desqualifica.

A segunda com o título: Jeca Tatu ajuda a ensinar. Trata-se de uma reportagem sobre estratégias para a atuação, via Prefeituras, na área de saúde da população. A região enfocada é a região nordeste do Estado de São Paulo.

Transcrevo:

"... Tudo é rigorosamente válido quando está em jogo a saúde da população. Mesmo uma iniciativa aparentemente anacrônica, como a reedição, pela Prefeitura de Guará, da "Cartilha do Jeca Tatu", publicada pelo escritor Monteiro Lobato na década de 40 e que se destinava a dar noções de higiene e primeiros socorros ao caboclo de pouca instrução.

A cartilha, relatam Guilherme Busch e Rita de Sousa, da Folha Nordeste, é um dos chamarizes que facilitam 120 atendimentos de crianças ou gestantes em dois centros de saúde ou na Santa Casa."

Embora seja uma reedição da cartilha do Jeca Tatu, o acesso ao popular encontra-se calcado num almanaque que figura como pano de fundo dessa reportagem. Sem nomeá-lo, aparece nomeado numa tentativa de prática social pressuposta popular.

A figura do Jeca Tatu no Brasil encontra-se fortemente associada ao almanaque do Biotônico Fontoura, representando toda uma relação saúde-indivíduo através de décadas de publicação. Portanto, ao utilizar sua figura estamos estabelecendo tentativas de recuperação de práticas culturais relacionadas a um determinado objeto, ou seja, o almanaque, através da relação texto-imagem. Leitura esta vinculada a mudanças tipográficas e ilustrações, além de narrativas já vivenciadas na oralidade.

Portanto, ver a imagem do Jeca Tatu é ler. E ler determinadas informações. O caboclo, os vermes, a preguiça, o remédio, a saúde, o progresso; são presenças incorporadas em sua imagem. Imprimí-lo pois, significa imprimir um universo bastante específico.

A cartilha do Jeca Tatu, retoma hoje, fragmentos deste universo e resgata o almanaque Biotônico Fontoura e suas práticas de leitura, mesmo que não o faça de forma explicitada verbalmente.

A terceira com o título: Novos almanaques sobre "tudo" tornam o inútil útil; sub-título: A "cultura do almanaque" ganha espaço com dados às vezes supérfluos mas divertidos.

O terceiro texto aparece trazendo um almanaque pontuado: o almanaque da atualidade. Composto da forma mais semelhante possível a uma enciclopédia, porém, em papel de pior qualidade e com sumárias ilustrações. Seus atrativos? A variedade de assuntos? O índice de 1981 do almanaque Abril constitui-se dos seguintes tópicos: Cronologia, Economia, Humanidades, Brasil, Nações do mundo, Esportes. A configuração realmente nos leva a indicar a possibilidade de sua utilização para os trabalhos escolares, porém, não nos leva a apontar para algo prazeroso. É de utilidade no sentido do "serve para ". Serve para trabalhos escolares. Composto de forma a atender uma sociedade de negócios, especialista em negar o ócio, onde o próprio lazer transforma-se numa mercadoria específica. Dá-se um esvaziamento na amplitude observada antecipadamente no outro impresso. Momentos sócio-históricos diferentes.

Os leitores do almanaque atual buscam informações, sem dúvida, porém quando o jornalista coloca junto dele a questão do prazer, ele estaria se reportando ao universo dos antigos almanaques. Tal afirmação pode gerar controvérsias, porém, creio-as melhor que um simples nivelamento nas relações de leitura estabelecidas.

É interessante notar que o tamanho e a quantidade de páginas alteram-se muito. Temos um almanaque do Biotônico Fontoura, exíguo, em torno de 30, ao passo que um almanaque atual (Abril) prima pelo grande número de páginas, em torno de 800. No entanto, a variedade de temas, no primeiro, consegue abarcar o todo de um cotidiano, enquanto que no segundo os temas contemplados refletem pequenas parcelas da vida cotidiana: escola-relatórios comerciais.

O mundo torna-se sério e científico e o almanaque atual, também.

Muitas das colocações ocorrem devido ao desconhecimento do universo dos leitores e suas práticas. Desconhecimento este que se preenche do eco das relações de poder e que canaliza para a desvalorização e o desprezo às práticas desconhecidas.

Destaco da reportagem:

"...São informações armazenadas num tipo de publicação que se tornou essencial para consultas rápidas. Os almanaques que surgiram no século e traziam informações sobre religião, horóscopo, meteorologia e técnicas agrárias - passam por um novo "boom" editorial.

Os almanaques atuais seguem a tendência internacional que consiste em compactar num único volume o maior número de informações sumárias que sirvam para embasar trabalhos escolares ou contextualizar relatórios empresariais.

Essa virtual inutilidade é justamente o chamativo com o qual um almanaque é uma fonte inesgotável de prazer..."

A Cultura Trazida pelo Almanaque

"Nós éramos em 11 filhos e ele agradava a todos, ajudando muito as mães naquela época a educar os filhos. Foi uma cultura que o almanaque levou até as famílias, né? Então foi uma revista que não foi só uma fonte de informações, foi uma ajuda na educação dos filhos das famílias do interior.

A gente não pode esquecer os princípios, a gente é hoje o que a gente foi ontem. Então tem que seguir, continuar com a tradição, o uso e o costume. Então conforme eu disse, o almanaque foi uma revista que foi uma fonte de cultura para as moças, rapazes e os pais. No interior também tem muitas pessoas inteligentes e cultas. São Prado é uma cidade pequena, mas de pessoas grandes. Nós temos várias figuras importantes, como já tivemos o Desembargador. Nós temos vários médicos, cirurgiões com especialidade em cidades grandes... Nós somos todos formados. Temos economista, administrador, engenheiro, advogado. Quer dizer que o almanaque influenciou nessa cultura hoje porque os avós apanharam hábito de ler, os filhos mais desenvolveram e os netos mais ainda. Então, das pequenas informações

chegam na nossa vida as grandes. É preciso que a gente comece debaixo para chegar no ponto alto que a gente quer atingir na vida, né?

Hoje a gente sabe educar uma criança, sabe porque nós recebemos, de muitos anos atrás, informações pequenas que hoje se transformaram em grandes. Eram as mesmas informações só que com menos conhecimento, o vocabulário mais difícil, o acesso mais difícil da informação. Mas através do almanaque, hoje temos várias revistas talvez até com as mesmas informações, mais evoluídas, o vocabulário melhor, mais claro. Hoje temos muitas outras fontes de informação, mas não esquecendo do almanaque.”
(Regina, 50 anos).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relendo o material obtido e repensando afirmações e questões feitas, a idéia-presença do fragmento caracteriza permanentemente este trabalho. Fragmentos de uma história de leitura caracterizada por sua fragmentária composição.

Buscando a história dos almanaques populares de farmácia e seus leitores, em alguns momentos reconstruí e em outros construí. A recolha, o acervo, as entrevistas apontaram para a importância e atualidade de um material que muitos julgam não existir mais. Eles existem e com eles, seus inúmeros leitores, de várias classes sociais, homens, mulheres, velhos e crianças, “semi-analfabetos” e universitários.

Os almanaques sobre os quais me debrucei, ofereceram a certeza de que embora todos sejam almanaques de laboratórios farmacêuticos, cada um possui características próprias. São diferentes em sua aparente semelhança. A página modelo do antigo almanaque astrológico se repete. O calendário, os conselhos agrícolas, porém a especificidade no tom do editorial, nos temas focalizados assim como na historicidade de sua produção, estado de origem, ano de edição, garantirão as idiossincrasias.

Ancorada nos estudos de Bollème e Chartier, com a busca dos almanaques, dos leitores e a descrição dos momentos históricos tentei superar a marginalidade imposta a este tipo de literatura. Penso que os exemplos trazidos elucidam a importância para o país destes verdadeiros manuais de prescrições, necessários para os projetos civilizatórios.

As configurações apresentadas na análise dos vários almanaques, tais como a do Almanaque Biotônico Fontoura vinculado ao processo civilizatório da década de 20, a da década de 60 no Almanaque Renascim Sadol em Santa Catarina, retratando a proposta desenvolvimentista na região e a da década de 80 mostrando a crise do país, no Almanaque IZA, podem confirmar o valor histórico deste material.

O alcance e a importância dos mesmos deve-se:

- Às tiragens de exemplares. Milhões. Oscilando sempre em milhões com a exceção das épocas de lançamento. No presente momento o Almanaque IZA do Laboratório Kraemer de Porto Alegre -RS, aumentava suas tiragens para o ano de 1998 indicando assim a existência e a sobrevivência deste material de leitura.
- À gratuidade. Embora para muitos indivíduos a avalanche de escritos da “Sociedade Moderna” povoe seu cotidiano isto não é verdade para uma imensa maioria que continua delimitando seu universo de leitura, por questões obviamente econômicas, aos livros didáticos, à Bíblia e aos almanaques.

O acesso gratuito ao material os constituiu leitores. Afirmação esta corroborada pelo farto material epistolar envolvendo cobranças e posturas, dos leitores do Almanaque Renascim Sadol aos editores.

Os Laboratórios, ao produzirem um material de propaganda gratuito ofereceram à população em geral, um material de leitura e à população de poucos recursos a oportunidade de ser leitor. A história confirma. Há almanaques no Brasil circulando ininterruptamente, desde 1912, como no caso do Almanaque IZA do Laboratório Kraemer do Rio Grande do Sul e do

Almanaque Renascim Sadol do Laboratório Catarinense de Santa Catarina, desde a década de 40. Tal tempo de existência permitiu a leitura por várias gerações, conforme demonstrei. Muitas famílias pautaram suas ações pelos seus escritos.

Os dados estatísticos confrontados com a distribuição deste almanaque em três Estados, apontaram que as populações rurais representam proporcionalmente o maior número de seus leitores.

- Ao modelo tipográfico. Como muitos teóricos da leitura já afirmaram, na elaboração da obra, encontra-se presente o público previsto. O fato de que, em várias décadas o calendário agrícola da Almanaque Renascim Sadol permanecer na mesma página, com raríssimas exceções, significa uma marca. Marca esta que pressupõe um leitor que se guia nos textos através de elementos/marcas norteadores. Assim são as figuras presentes que, no caso dos leitores familiarizados com a escrita, ilustram o texto, enquanto que para os leitores menos familiarizados, levam ao texto, compondo-o.

“A imagem, torna-se apoio essencial para uma boa memorização... esses aspectos permanecem o suporte de usos múltiplos. Na maior parte dos casos portadores também do escrito, deixam se apropriar pelo iletrado como pelo recém-alfabetizado e não significam a mesma coisa para um e para outro.” (Hébrard in Práticas de Leitura)

Portanto o suporte de leitura está imbricado nas representações que se faz de tais leituras.

No presente caso, tipograficamente popularizado o almanaque não se restringe unicamente a este público. Professores utilizam-se deles para alfabetizar, radialistas para compor suas programações, alunos para fazer lição, profissionais liberais utilizam-no para o lazer.

O universo rural do almanaque enreda-se no urbano através de apropriações diferenciadas.

A distribuição. Os vendedores ambulantes carregavam os almanaques junto com suas mercadorias e os viajantes dos laboratórios os distribuíam pelos locais por onde passavam. Além das farmácias, os armazéns, as pequenas lojas, as escolas e até as ruas, segundo depoimentos, foram locais de distribuição. Com o risco da obviedade afirmo que o acesso aos pequenos impressos foi garantido pela variedade de pontos de distribuição. Atualmente o lugar privilegiado para distribuição pelos laboratórios é a farmácia.

Apesar de todos estes lugares, os leitores sugeriram que os distribuísem dentro de revistas e pelo correio.

Quanto a composição dos almanaques, os depoimentos deixam claro a utilização de enciclopédias, dicionários, livros e jornais, corroborando assim a afirmação de que a leitura considerada popular se alimenta da considerada erudita. A maneira como estes conhecimentos são dispostos e dados a ler é que indicarão o pretense público a que se destinam.

O percurso histórico através do levantamento bibliográfico trouxe proximidades e especificidades. As especificidades encontram-se descritas nas configurações das épocas trabalhadas em cada almanaque.

Quanto às proximidades:

- O Almanaque Palmaverde, editado no Piemonte, de 1722 a 1774, segundo Braida (1990), era um almanaque agenda. No Brasil, dentre os almanaques escolhidos, o Almanaque IZA repete o modelo na década de 30, também com um espaço em branco para cada dia do mês.

- Os temas presentes no Almanaque Renascim Sadol repetem os temas encontrados por Bollème nos almanaques franceses, com sua cosmogomia do eterno retorno, seu vínculo com os astros desde o Kalendrier de Bergères onde os leitores refazem suas metas, avaliam o tempo vivido e pactuam com os deuses. Medem e medem-se.

O presente trabalho teve a pretensão de mudar o estatuto de marginal dos almanaques populares de farmácia e de seus leitores, recolocando-os enquanto leitura e leitores, desmistificando-os.

O rótulo “Cultura de Almanaque” precisa ser revisto. Nas palavras dos próprios leitores, o almanaque traz uma cultura válida, advinda do cotidiano, da resolução de problemas, da diversão e da utilidade. Penso que a análise realizada demonstrou que há muito mais neles, culturalmente falando.

O resultado representa apenas a ponta de um iceberg. Tenho a certeza de que, ao escrevermos as histórias de leitura e leitores no Brasil, várias páginas devem ser destinadas a esses pequenos e despretenciosos livrinhos que moldaram comportamentos e que fizeram/fazem parte da vida de várias gerações.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÔNIMO. **Le Grand Kalendrier de Bergères**. Editado em Paris - 1499.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Estado da população. **IBGE**, v.15: 389, dez., 1954.

----- . **IBGE**, v. 52: 358, 1992.

----- **IBGE**, <http://www.ibge.gov.br/>. 1998

ARIÈS, Philippe. (1981) **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman, seg. edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogansa.

AURAS, Gladys. M. T. (1993) **A Formação do Professor das Séries Iniciais do Ensino de Primeiro Grau no Âmbito da Política de Modernização Econômica no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 145p. (Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina)

BAKHTIN, Mikhail (1993) **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais** Tradução de Yara Frateschi, seg. edição. São Paulo-Brasília: Editora Hucitec.

BARBOSA, Raquel L. L. (1994) **Mitificação da Leitura. A Construção do "Herói"**. Campinas, 250p. (Tese, Doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Unicamp)

BASSANEZI, Carla (1997) "Mulheres nos anos Dourados". In (Org.) Priore, Mary. D. (org) (1997) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/Editora Unesp. Páginas 607-667.

BENJAMIN, WALTER. (1985) O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense. Páginas 197-221.

BITTENCOURT, Circe. Maria. F. (1988) **Pátria, Civilização e Trabalho. O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917 - 1939)**. São Paulo, 304p. (Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de São Paulo.

BOLLÈME, G. (1986) **Le Peuple Par Écrit**. Paris: Éditions du Seuil.

----- (1975) **La Bible Bleue. Anthologie d'une Littérature Populaire**. Paris: Flammarion.

----- (1969) **Les Almanachs Populaires aux XVII et XVIII Siècles. Essai d'histoire Sociale**. Paris: La Haye Mouton.

- (1965) **La Littérature Populaire et de Colportage, dans Livre et Société dans la France du XVIII Siècle**. Paris: La Haye Mouton.
- BOSI, Ecléa. (1994) **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRAIDA, Ludovica. (1990) "Metamorfosi ed Evoluzione di un Genere Letterario: L'almanacco Piemontese nel 700" In **Mélanges de L'École Française de Rome. Italie et Méditerranée**. Tome 102. Páginas 321-351.
- BUSCH, George. SOUZA, R. Jeca Tatu ajuda a ensinar. **Folha de São Paulo**. S.P., Domingo, 4 de julho de 1993.
- CAMARGO, Maria. Teresa. L. A. (1982) "O Bálsamo de Ferrabrás". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Ano 10**. Páginas 121-127.
- CASA NOVA, Vera. Lucia. C. (1990) **Leituras de Almanques de Farmácia: Biotônico Fontoura e A Saúde da Mulher**. Rio de Janeiro. 234p. (Tese, Doutorado apresentada na Faculdade de Letras da UFRJ)
- CASCUDO, L. C. A humanidade de Geca Tatu. **Revista do Brasil**. São Paulo, setembro de 1920.
- CERTEAU, Michel. De (1982) **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- (1990) **L'invention du quotidien, 1. Arts de faire**. Nueva edición, Paris: Gallimard,.
- CHARTIER, Roger. (1995) "Cultura popular: Revisitando um Conceito Historiográfico". In: **Estudos Históricos vol. 8 nº 16**. Rio de Janeiro.
- (org) (1985) **Pratiques de la Lecture**. Paris: Editions Rivages.
- (1992) "Textos impressão, leituras". In (org) (1992) Lynn Hunt: **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson L. Camargo, São Paulo: Martins Fontes p211-238.
- (1990) **A História Cultural: entre Prática e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand S.A.
- As práticas da escrita. In: COUTO, J.G. Da utilidade dos almanaques. **Folha de São Paulo**. S.P. domingo, 31 de janeiro de 1993.
- (1992) **L'ordre des livres. Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIV et XVIII siècle**. Aix-en-Provence: Editions Alinea.

- (org.) (1991) **La Correspondance. Les Usages de la Lettre au XIX Siècle.** Librairie Arthème Fayard.
- CHIARETTI, Daniela. A Antiga Média do Biotônico. **Gazeta Mercantil.** São Paulo. 28 de novembro de 1985.
- CONY, Carlos. Heitor. Fontoura - Wyeth - Indústrias Químicas e Farmacêuticas. **Tendências.** Agosto de 1975.
- CORBIN, Alain. (1987) **Saberes e odores. O olfato e o imaginário social nos Séculos Dezoito e Dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras.
- CORREIO DA MANHÃ. VAINER, N. **Jeca Tatu, Juca Mulato e Juca Pato.** São Paulo, 18 de maio de 1969.
- DAVIS, Natalie. G. (1990) **Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna.** São Paulo: Editora Paz e Terra.
- (1997) **Nas Margens. Três Mulheres do Século XVII.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.
- DIÁRIO POPULAR. **O amigo de Lobato.** São Paulo, 29 de maio de 1985.
- **Atividades médicas e científicas.** MIGLIANO, Mario. Ferreira. São Paulo, 29 de maio de 1985.
- **Arrependimento de Mestre Monteiro Lobato.** GRACIOTTI, M. São Paulo, 13 de março de 1983.
- D. O. LEITURA/CULTURA. **Jeca Tatuzinho.** São Paulo, fevereiro de 1996. p. 8-9
- ELIAS, Norbert. (1990) **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes.** Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. (1987) **Encyclopaedia Britannica do Brasil.** São Paulo. Brasil.
- EWBANK. Thomas. (1976) **A vida no Brasil ou o diário de uma visita à terra do Cacaueiro e das Palmeiras.** São Paulo: Editora Edusp.
- FELINTO, Marilene. "Interior de São Paulo é Jeca Tatu que ficou rico". In: **Folha de São Paulo.** São Paulo, 12 de março de 1996. p. 3-2
- FERREIRA, Jerusa. Pires. (1992) **O livro de São Cipriano: uma legenda de massas.** São Paulo: Editora Perspectiva.
- (org.) (1995) **Arlindo Pinto de Moura.** São Paulo: Edusp. (Editando o Editor; 4)

FOLHA DE SÃO PAULO. **Há cem anos nascia Cândido Fontoura, o “pai” do Biotônico.** MARTINS, T. São Paulo. 12 de maio de 1985.

----- **Jeca - Mazzaropi, uma síntese de culturas.** SILVEIRA, M. São Paulo, 19 de junho de 1981.

GÊNESIS. **A Bíblia Sagrada.** Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília. 1969, p.7-62.

GINZBURG, Carlo. (1987) **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Tradução de Maria Beânia Amoroso, terceira edição, São Paulo: Companhia das letras.

GOULEMOT, Jean. Marie. (1992) “As práticas literárias ou a publicidade do privado”. In: **História da vida privada.** São Paulo: Editora Schwarcz.

HOLANDA, Sérgio. Buarque. (1992) **Raízes do Brasil.** Editora José Olympio, São Paulo Páginas 123-125.

HUNT, Lynn. (1992) **A Nova História Cultural.** Tradução Jefferson Luís Camargo, São Paulo: Martins Fontes.

JORNAL DA TARDE. **Os mesmos conselhos e seções. E até palavras iguais. Que mudou em 50 anos?** São Paulo, 17 de outubro de 1969.

----- **A doença da miséria.** ARRUDÃO, Matias. São Paulo, 5 de março de 1974.

----- **Fim da história. Jeca Tatu venceu e foi infeliz para sempre.** RIBEIRO, L. G. São Paulo, 17 de abril de 1982.

LAJOLO, Marisa. (1985) **Monteiro Lobato.** São Paulo: Brasiliense.

LANG, Alice. Beatriz. S. G. “Reflexões sobre a pesquisa sociológica”. In: **Cadernos CERU.** São Paulo, 2(3): 140p, 1992.

LE GOFF, Jacques. (1992) **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP.

LOBATO, Monteiro. (1944) **A barca do Gleyre.** São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MAIOR, Mario. Souto. **O homem e o tempo.** Recife: Comunicação e Editora.

MANDROU, Robert. (1985) **de la culture populaire aux 17^e et 18^e siècles.** Paris: Editions Imago.

MARQUES, Vera. Regina. B. (1994) **A medicalização da raça. Médicos, educadores e discurso eugênico.** Campinas: Editora da Unicamp.

- MARTINS, Wilson. (1957) **A palavra escrita**. São Paulo: Editora Anhembi.
- MICELI, Sérgio. (1979) **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 - 1945)**. São Paulo: Editora Difel.
- MIGLIANO, Mario. F. (1985) **Cândido Fontoura. O homem e sua obra**. São Paulo.
- MOYSÉS, Sarita. Maria. A. (1992) **Entre-tempos: Alfabetização e escravidão**. Campinas: 265p (Tese, Livre-Docente apresentada na Faculdade de Educação da UNICAMP)
- NATALI, J. B. Novos almanaques sobre "tudo" tornam o inútil útil; a "cultura de almanaque" ganha espaço com dados às vezes supérfluos, mas divertidos. **Folha de São Paulo**. S.P., domingo, 22 de agosto de 1993.
- NEDER, Ricardo. A herança do Jeca Tatu. Wyeth S/A Indústrias Químicas e Farmacêutica. **Gazeta Mercantil - Administração**. São Paulo, novembro de 1982.
- O ESTADINHO. **Defesa nacional - influência da habitação sobre a saúde. O caipira de outrora, Jeca Tatu de agora**. São Paulo, 7 de junho de 1919.
- **Geca Tatú**. DAMANTE, Francisco. São Paulo, 16 de junho de 1919.
- RESENHA DO LIVRO: **Dialeto caipira**. (Amadeu Amaral). São Paulo, 6 de dezembro de 1920.
- FONTOURA, Cândido. **A questão farmacêutica em São Paulo**. São Paulo, 9/10 de janeiro de 1916.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. **O Jeca Tatu**. São Paulo, 1985.
- **A situação política: Jeca Tatu**. São Paulo, 24 de março de 1919.
- **A invasão do Jeca**. São Paulo, 15 de abril de 1919.
- **O velho almanaque vai fazer 50 anos**. São Paulo, 21 de maio de 1969.
- **Jeca Tatu**. NUNES, Cassiano. São Paulo, 18 de abril de 1982.
- **Oração proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, 28 de janeiro de 1985.
- GÉIA, Ana. Maria. N. **Lembrado Centenário de Cândido Fontoura**. São Paulo, 13 de junho de 1985.

- OLIVEIRA, Marta. K. (1992) "Analfabetos na sociedade letrada: Diferenças culturais e modos de pensamento". In: **Rev. Travessia**. São Paulo: 17-20p. janeiro/abril.
- PORTELLI, Alessandro (1997) "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral" In: **Ética e História Oral nº 15** Editora Educ, páginas 13 à 49.
- PEDRO, Joana. Maria. (1997) "Mulheres do Sul". In (org.) Priore, Mary. D. (1997) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/Editora Unesp.
- PRIORE, Mary. D. (1997) "Magia e Medicina na Colônia: O Corpo Feminino". In (org.) Priore, Mary. D. (1997) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/Editora Unesp.
- RADICH, M. C. **Almanaque: tempo e saberes**. Lisboa, Centelha, s. d.
- RAGO, Margareth. (1997) "Trabalho Feminino e Sexualidade". In: (org.) Priore, Mary. D. (1997) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/Editora Unesp.
- RAVASCHIO, Maria. A. P; Biscaro, Barbara. J. Maria N. S. (1989) "Os almanaques como fontes de informação - Campinas e região (parte II)". In: **Boletim do Centro de Memória da Unicamp vol. 1 nº 2**. Campinas.
- ROCHA, Heloisa. Helena. P. (1995) **Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20**. Campinas, 130p. (Dissertação, Mestrado apresentado na Faculdade de Educação da Unicamp)
- ROOB, Alexander. (1997) **O Museu Hermético. Alquimia e Misticismo**. Tradução Teresa Curvelo. Editora Taschen.
- ROUANET, S. P. (1981) **Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Universitário.
- ROUCHE, Michel. (1989) "Alta Idade Média Ocidental - Sagrados e segredos". In **História da Vida Privada - Do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARCZ, M. K. Lília. (1995) "Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil". In: **O Brasil na virada do Século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Relume - Dumará, Páginas 177-191.
- SEMINÁRIO: **O Almanaque, a locomotiva da literatura moderna: Campinas, século XIX, década de 70**. Abril de 1993, palestra da Profa. Maria Carolina B. Galzerani.

- SIMSON, Olga R. M. (1997) **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas, Editora do Centro de Memória da Unicamp.
- THOMPSON, P. (1992) **A Voz do Passado. História Oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- VILELA, Luciane. Ribeiro. **História das práticas culturais: histórias de leituras e leitores no Brasil**. Relatório CNPq. (Orientação) Sarita Maria Affonso Moysés, (Co-orientação) Margareth Brandini Park. 1995.
- WOOLF, Virgínia. (1928) **Um Teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. Licença editorial para o círculo do livro por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A. mediante acordo com The Hogarth Press Ltd
- YATSUDA, Enid. (1992) O Caipira e os outros In: **Cultura Brasileira-Temas e Situações**. São Paulo. Editora Ática.

ANEXOS

Anexo 1. Entrevistas

Entrevistas realizadas

Douglas Almudin (48 anos)
Regina Célia de Souza Soares (50 anos)
Neurides Vicari Brandini (63 anos)
Verônica Augustinháki (49 anos) - in memorian
Alice de Souza Maia (58 anos)
Dayse Saraiva (65 anos)
Marcus Luíz do Pilar (47 anos)
Carlos Augustinháki (50 anos)
Tereza Helen de Oliveira (53 anos)
Nelson Lanson (57 anos)
Elza Lobina Zarpellon Silvestrin (63 anos)
Maria Izabel Mondek Luigi (26 anos)
Flávio Miguel Luigi (23 anos)
Amélia dos Santos Almudin (74 anos)
Jandira Marcolina (46 anos)
Dinorá Vicari Messa (57 anos)
Edy Vicari Bento (62 anos)
Vicente de Campos (76 anos)
Getúlio João Brandini (65 anos)
Geralda Campos (63 anos)

Entrevistas utilizadas, realizadas pela aluna Luciane Ribeiro Vilela, sob minha orientação. (Bolsista PIBIC/CNPq)

Wilson Edivino Guedes (32 anos)
Tereza Abigail Carvalho Monteiro (75 anos)
Luís Ribeiro (63 anos)
Maria da Conceição Francelini (51 anos)
Luís Henrique Peres (24 anos)

Anexo 2. Roteiro

Roteiro de Conversação

1-Nome:

Idade:

Grau de Escolaridade:

2-Onde você morava quando teve contato com os Almanques? (cidade, estado- zona rural ou urbana)

3-Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

4-Por que você lia o Almanque? Ainda o lê? Além dele, lia outras coisas?

5-Onde encontrava os Almanques?

6-Como lia? Sozinho(a)? Alguém lia em voz alta?

7-O que mais lhe interessava no Almanque?

8-Comente o que quiser a respeito do Almanque.